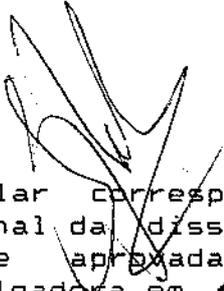


Marco Luiz de Castro

ENTRE O JAPÃO E O BRASIL: A CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE NA  
TRAJETORIA DE VIDA DE HIROSHI SAITO

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Departamento de  
Antropologia do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas  
da Universidade Estadual de  
Campinas, sob a orientação do  
Prof. Dr. Guillermo Raul Ruben

  
Este exemplar corresponde à  
redação final da dissertação  
defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em 10/08/94.

junho/1994

UNIDADE	BC
N.º ORÇAMENTO	
T/UNICAMP	
C 2792	
V.	
TOMADA DE PREÇOS	22350
PROG.	286/94
C	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 14,00
DATA	22/09/94
N.º CPU	

CM-00062137-2

A memória de

*Hiroshi Saito*

E àqueles que me abriram  
as portas do mundo nikkei:

*Masato Ninomiya,  
Bernardo e Fumiko Shinohara, e  
Tsunehiko Higuchi*

### AGRADECIMENTOS

Ao prof. Guillermo Raul Ruben que soube ser professor, orientador e amigo sempre nos momentos certos, pela presença estimulante e decisiva na realização deste trabalho.

Ao prof. Carlos Serrano, que acompanhou os primeiros passos deste estudo, fornecendo ainda valiosos conselhos no exame de qualificação.

A profa. Maria Suely Koffes, cuja leitura dos primeiros esboços desta dissertação trouxe diversas referências úteis.

Aos professores Guita Grun Debert, Vanessa Rosemary Lea, Alba Zaluar e Roberto Cardoso de Oliveira, influências importantes e construtivas durante o período em que cumpria os créditos do mestrado.

A família Saito e a todos os entrevistados, pela paciência e generosidade em me fornecer dados sem os quais não teria sido possível realizar este trabalho.

A Sra. Sônia Missaki Yamada cujo jeito alegre, discreto e otimista, fundadores de sua visão firme e clara da vida, me confortaram nos momentos de dúvida durante a permanência em Campinas.

A Clara Hitomi Yamada, Yuichi Taguchi e Fumiko Takasu, pelo valioso auxílio na interpretação de textos em língua japonesa.

A Cristiane Riera, pela paciente leitura deste trabalho, trazendo importantes críticas e sugestões.

A João Jacques, pelas sugestões ao texto.

Aos amigos Dario Guimarães, Romulo Ferraz, Paulo Mancini e José Gradini, pelo estímulo e apoio na realização deste estudo.

A profa. Maria Helena Fonseca de Souza Rolim, pela amizade e estímulo para a finalização deste trabalho.

Agradeço também a Tomoo Handa, especialmente pelo quadro de flores que me presenteou num dos momentos da pesquisa, obra que pendurei junto ao micro-computador e para onde eu olhava sempre que tinha necessidade de refletir sobre o meu trabalho.

A todas estas pessoas, que tornaram possível esta dissertação, meu muito obrigado.

O agradecimento institucional é feito ao **CNPQ**, à **FAPESP** e à **FAEP/Unicamp** pelos financiamentos concedidos que viabilizaram a realização deste estudo.

INDICE

INTRODUÇÃO .....	1
CAPITULO I - UM JAPONES EM TERRAS BRASILEIRAS	
Sentido inicial da emigração japonesa ao Brasil .....	19
A vinda para o Novo Mundo .....	32
No alimento, a primeira sensação de Brasil .....	40
A vida na fazenda e a esperança no futuro .....	46
A descoberta do Brasil.....	53
O incidente crisântemo e o surgimento de uma nova dimensão nacional .....	59
Trajetórias paralelas .....	66
CAPITULO II - A EXPERIENCIA DA GUERRA E OS NOVOS RUMOS	
O casamento e a vida na capital .....	73
Japoneses ou brasileiros? A transição e a dúvida .....	80
Os tempos da Guerra .....	88
A delusão coletiva: o fenômeno shindô-renmei .....	98
As marcas deixadas pela shindô-renmei .....	112

## CAPITULO III - O INTELLECTUAL E SEUS PROJETOS

A Academia .....	122
O início profissional .....	129
O professor universitário e o intelectual da colônia ...	139
Entre nipônicos e brasileiros .....	150
A bebida: vício esclarecedor .....	162
Os últimos tempos de um japonês do Brasil .....	166
CONCLUSÃO - O TRANSITO ENTRE NACIONALIDADES .....	170
BIBLIOGRAFIA .....	177
OBRAS DE HIROSHI SAITO CITADAS NESTE TRABALHO .....	184
ANEXO I .....	186
ANEXO II .....	206

## INTRODUÇÃO

As constantes e rápidas transformações que têm caracterizado o cenário mundial contemporâneo apresentam um movimento paradoxal. Por um lado, constata-se uma internacionalização dos processos económicos, políticos, sociais e culturais. Por outro, não apenas as questões nacionais persistem, mas nacionalidades e identidades são frequentemente constituídas, recriadas e reformuladas.

Vemos, nesse sentido, a emergência de nacionalidades - como ocorre na África na segunda metade deste século - as reivindicações da Europa ocidental e oriental e a situação de países que têm seu contexto influenciado, em grande medida, pelo jogo de forças norte-sul. Os países da América Latina são exemplos desse último caso, caracterizados por uma situação económica dependente e pela presença de populações de diversas origens em seu território. No caso específico do Brasil, nota-se a presença

de grandes contingentes de indivíduos originários de países hoje economicamente mais desenvolvidos, como o Japão.

Um locus privilegiado para o estudo de questões relativas à identidade e nacionalidade afetadas por condições culturais, sociais, políticas e econômicas é a colônia de japoneses e seus descendentes radicados no Brasil.<sup>2</sup>

Os estudos de identidade social têm merecido destaque nas Ciências Sociais, sobretudo na Antropologia. As

---

<sup>2</sup> Japoneses e seus descendentes no Brasil são tratados, neste estudo, também por "nipo-brasileiros", "nikkei brasileiros" ou simplesmente "nikkeis". Entre os *nikkei* existe a distinção entre *issei* (japonês imigrado, primeira geração), *nissei* (seus filhos, segunda geração), *sansei* (netos, terceira geração) e *yonseï* (bisnetos, quarta geração). Os termos "colônia", "colônia japonesa" ou "colônia *nikkei*" indicam conceitos nativos que utilizamos devido à frequência com que apareceram no discurso dos entrevistados. Referem-se, preferencialmente, ao conjunto de indivíduos radicados no Brasil, que mantém uma ligação biológica, sem linha (matrilínea ou patrilinear) preferencial com os japoneses e ideológica que os une enquanto grupo. É necessário ser japonês ou descendente para ser membro da "colônia"; contudo, um descendente pode preferir ficar fora da "colônia". Alguém que não mantém ligação biológica comprovada e aparente com japoneses e que acompanhe as atividades e/ou participe delas é um "simpatizante da colônia", "estudioso da colônia" e assim por diante. A expressão "Colônia *Nikkei*" se consolidou, de acordo com Tetsuo Nakasumi e José Yamashiro, a partir da participação de imigrantes e seus descendentes nas comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Apontam os autores que a ocorreu naquela oportunidade a maior atuação coletiva e unificada dos *nikkei* brasileiros em toda a sua história até aquele momento, marcando também a denominação até então usada por aqueles indivíduos de *Zaihaku Hojin Shakai* (Comunidade de Compatriotas residentes no Brasil, ou seja, Comunidade Japonesa no Brasil) para *Burajiru Nikkei Koronia* (Colônia *Nikkei* do Brasil) ou simplesmente *Nikkei Koronia*. (in.: Comissão, 1992:398-399)

preocupações com o tema assumiram papel crucial em três circunstâncias históricas que são: a Alemanha do final do século XVIII e início do XIX; os Estados Unidos das primeiras décadas deste século; e a atual retomada, pelas Ciências Sociais - e pela Antropologia, em especial - da noção de identidade como dimensão central nos seus paradigmas explicativos (Ruben, 1988).

A Alemanha, na passagem do século XVIII ao XIX, e os Estados Unidos, no início do século XX, apresentavam a necessidade de consolidação nacional originadas em problemas diversos. Enquanto a Alemanha buscava uma constituição política, os Estados Unidos, inversamente, careciam de identidade de língua, de religião e de cultura. Assim, Hegel, o primeiro formulador de uma teoria sistemática sobre a identidade social, reflete sobre o contexto germânico (Hegel, 1977) e elabora o conceito de identidade no interior do Estado, considerado como um Todo. George Herbert Mead, num movimento inverso, pensando sobre o ambiente norte-americano, leva o conceito de identidade ao interior da sociedade por meio da idéia do "outro generalizado" (Mead, 1972). Desse modo, a noção de identidade conforme formulada em seu contexto original, reflete a minimização das contradições reais dos conflitos, das diferenças e das desigualdades.

Modernamente, vemos o conceito de identidade remetido, constantemente, a outras dimensões que o torna

inteligível. As linhas centrais desta temática na teoria antropológica pode ser resumida da seguinte maneira:

Um conjunto significativo de autores, por outro lado, liga a problemática da identidade a um processo de cultura ou de estrutura. Dentro do enfoque culturalista, ressaltamos Ruth Benedict, que escreveu uma das mais importantes análises sobre o povo japonês: O crisântemo e a espada: padrões de cultura japonesa (1986). A autora apresenta sua obra dizendo que "seu assunto é o que faz do Japão uma nação de japoneses" (id.:19). O objetivo do estudo, segundo aponta, é "descrever atitudes profundamente impregnadas de pensamento e conduta" (id.:21) por onde surgiria a identidade social do japonês.

Claude Lévi-Strauss, no tratado coletivo sobre o assunto que veio a organizar (Lévi-Strauss, 1983), apresenta a noção de identidade como "*une sorte de foyer virtuel auquel il nous est indispensable de nous référer pour expliquer un certain nombre de choses, mais sans qu'il ait jamais d'existence réelle*" (id.:332). Trata-se de "*l'effort pour dépasser cette notion d'identité, et voir que son existence est purement théorique: celle d'une limite à quoi ne correspond en réalité aucune expérience*"(id.,ibid.).

No Brasil, ressaltamos o trabalho de Roberto Cardoso de Oliveira (1976) que trata a questão da identidade remetendo-a ao conceito mais amplo de ideologia, formulação

elaborada a partir de uma releitura de diversos autores que haviam consagrado seus estudos às questões de identidade, como Fredrick Barth (1969).

Em todas essas abordagens nota-se a importância da idéia de negociações e pactos, enfatizados também em estudos recentes como o de Ruben (1987) e, antes dele, por autores como Glazer e Moinihan (1963) e Max Gluckman (1958,1987), entre outros.

Max Gluckman e, com ele, muitos dos antropólogos da chamada Escola de Manchester, ao tratar do relacionamento entre brancos e zululandeses (Gluckman, 1987) já apontava, na década de 1950, para como os indivíduos, de acordo com interesses, valores e motivos (id.:259), determinam seu comportamento em situações diferentes, modificando sua participação nos grupos sociais (principais, subsidiários, formalizados ou não). Nesse sentido, mostra que os grupos se interligam numa identidade de interesses temporária (id.:261) que garante, em certos períodos, o equilíbrio entre eles. Assim, as contradições que os indivíduos assumem nas diferentes situações podem adquirir frequência e importância crescentes, causando conflitos. O estudo destes conflitos é privilegiado por Gluckman que os considera elementos desencadeadores da mudança social.

A partir destas considerações, foi estabelecido neste trabalho o objetivo de reconstituir os dilemas

identitários existentes na trajetória de vida de um personagem em especial: Hiroshi Saito, um imigrante que enfrentou a construção da própria nacionalidade entre um "ser" e um "dever ser" constantemente negociados e pactuados consigo mesmo e com o mundo que o rodeava. Tornou-se, nesse sentido, por suas ações e obras, um parâmetro significativo para se pensar e discutir a própria constituição da identidade do imigrante japonês no Brasil numa época em que se difunde a idéia de um mundo cada vez mais globalizado.

Este contexto mundial tornou ainda explícita a emergência de identidades transnacionais superpostas às identidades nacionais, de acordo com o que demonstrou Ruben (1993), apontando para elementos indicadores da necessidade constante dos indivíduos se posicionarem entre referenciais marcadamente importantes: as pátrias de origem e de adoção.

O conceito de transnacional é expresso por Guillermo Ruben como *"tudo aquilo que acontece fora das fronteiras nacionais sem que isto subentenda uma automática ruptura com a nação de origem (...). São processos transnacionais quando fatores de produção, ou seja, capital, ciência, cultura e tecnologia e as forças vivas do trabalho, realizam-se fora das fronteiras de origem"* (Ruben, 1993: 13-14).

Admitido este parâmetro, vemos os descendentes de japoneses como um povo que possui especificidades culturais

e elos com a patria de origem dos ancestrais, inserido num contexto de Estado brasileiro e sendo levado, em seu cotidiano, a estabelecer um permanente diálogo com elementos culturais do Brasil e do Japão.

Paralelamente a esta discussão, este trabalho pretende ainda contribuir com informações, dados e interpretações que auxiliem, como uma das diversas peças de um mosaico, na formação da história da colônia japonesa no Brasil.

O sentido desta dissertação está em duas perspectivas que se abrem a partir do personagem Hiroshi Saito e da possibilidade metodológica que o estudo de sua trajetória propõe. Trata-se, em primeiro lugar, da análise centrada na reconstituição de aspectos da vida de um agente social privilegiado devido às suas ações e obras, conforme veremos nos capítulos seguintes. Além disso, o estudo da trajetória de Saito (desde seu nascimento em 1919 até o falecimento em 1983) traz a possibilidade de se verificar e ampliar os usos da reconstrução da história vivida.

A utilização de histórias de vida como técnica de pesquisa nas Ciências Sociais tende a readquirir força nos trabalhos recentes devido, entre outros motivos, às possibilidades que abre na reavaliação de contextos sobre os quais a História - sobretudo em seu fazer mais tradicional - já se debruçou. Acrescenta-lhes e reforça, principalmente, a

importância do estudo de agentes sociais a partir de suas próprias vozes - e também das vozes dos que os rodearam, como ocorre no nosso caso - incluindo análises originais dos contextos que presenciaram. Nesse sentido, propicia avançar nas interpretações dos fenômenos já analisados sobre base quantitativa.

O uso de relatos orais ou de histórias orais na reconstrução da história vivida já vinham sendo realizadas desde o começo do século por sociólogos como W.I. Thomas e F. Znaniecki (em pesquisa conjunta datada de 1918-20), por John Dollard e também por antropólogos como Franz Boas (Queiroz, 1991:1). Algumas obras escritas com base nestes instrumentos tornaram-se clássicas nas Ciências Sociais<sup>2</sup>, como foi o caso de Os filhos de Sanchez, de Oscar Lewis (Moraes, Lisboa, (1961)1970).

Por meio das histórias de vida, pretende-se a reconstituição de uma experiência individual ao longo do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou, com a finalidade de alcançar algo que vai além do individual, ao qual se prendem tradicionalmente as biografias. Foi dentro desta perspectiva que se procedeu ao resgate de experiências vividas por Hiroshi Saito. Contudo, a peculiaridade da narrativa adotada neste trabalho e o tema que o orienta fizeram com que se optasse pela expressão

<sup>2</sup> Sendo considerável o uso destas técnicas na América Latina, como demonstra a resenha elaborada por Camargo et alii, 1990.

trajetória de vida como base deste estudo.

Tomamos trajetória de vida, neste trabalho, de modo aproximado ao que realizou Antonio Sérgio Guimarães em "Operários e Mobilidade Social na Bahia: análise de uma trajetória individual" (Guimarães, 1993).

O referido autor, amparado em escritos de Pierre Bourdieu, busca focalizar a trajetória de vida de um operário que parece-lhe particularmente rica em termos analíticos para explicitar as possíveis disposições subjetivas (valores, gostos, percepções), bem como as circunstâncias históricas que podem emprestar generalidade a casos semelhantes, que em seu trabalho ajudam a desvendar o que Bourdieu chamou de *habitus* de classe. Sua intenção era construir teoricamente uma hipótese sobre a formação de uma parcela do operariado industrial e compreender a teia de significado cultural e sociológico que a sustenta, fato que, em sua análise, apresenta como algo que deve preceder e guiar a mensuração estatística. (id.:82)

No caso de Hiroshi Saito, a questão principal é relativa à elaboração das definições de identidade e nacionalidade. Temos, para tanto, um agente social privilegiado por ter estado presente e ativo nos principais momentos pelos quais passaram os nipo-brasileiros ao longo de sua permanência no Brasil, ao mesmo tempo em que demonstrava marcada preocupação intelectual na documentação

e tentativa de análise dos eventos que presenciava ou dos quais tinha notícia (anteriores ou contemporâneos à produção de seus escritos). Saito deixou como legado, por esse motivo, extensa obra e um conjunto de anotações sobre a totalidade, tanto histórica quanto sociológica, dos japoneses no Brasil. Estes fatos é que tornaram sua vivência particularmente interessante como objeto de estudo.

Assim, um fator de extrema relevância foi a preocupação de Saito com o caráter identitário dos nipo-brasileiros, possuindo, ele mesmo, dilemas que orientaram suas reflexões e atividades até o falecimento ocorrido em 1983. Dilemas estes que, expressos em seu cotidiano e em suas atitudes, acabaram por se constituir como metáforas das sucessivas etapas da presença dos japoneses e seus descendentes no Brasil, conforme tratadas nos capítulos que se seguem.

A decisão de adotar trajetória de vida em vez de história de vida, então, deveu-se à intenção de se proceder ao resgate dos elementos significativos daquele personagem, ao longo de sua existência, que se referissem mais intimamente às questões identitárias inerentes à sua pessoa e, mais amplamente, aos *nikkei*. Não houve a intenção, portanto, de biografá-lo. Num outro caminho, procurou-se selecionar eventos cronologicamente organizados de sua vida, dos contextos em que viveu, e ainda daqueles que viriam a influenciá-lo para, ao final, discutir como Saito foi

construindo sua identidade ao longo do tempo e como, a partir de sua pessoa, tornou-se possível criar uma referência útil para pensar a construção da nacionalidade dos *nikkei* brasileiros durante os anos de sua presença neste País.

O interesse pelo estudo de questões ligadas aos nipo-brasileiros ocorreu depois de um período de contato com japoneses e *nikkei*, inicialmente numa experiência de trabalho que criou a possibilidade de uma ida ao Japão proporcionada pela Associação de Intercâmbio Japão-Brasil (AIJB).

A experiência de trabalho refere-se à minha primeira incursão na área jurídica quando, devido à formação em Direito, enquanto ainda estudava Ciências Sociais, ingressei, por apresentação de um tio, Tsunehiko Higuchi, cunhado de meu pai, como advogado assistente no Escritório de Advocacia Masato Ninomiya, em São Paulo, onde permaneci de 1988 a 1990. A área de atuação do escritório era, predominantemente, assessoria e consultoria a empresas e indivíduos japoneses com interesses no Brasil. Entre seus integrantes havia *nikkeis* e brasileiros não descendentes de japoneses, como era o meu caso, além do próprio Sr. Ninomiya, um japonês de origem, naturalizado brasileiro. Essas características faziam daquele espaço um local privilegiado de negociação de identidades, frequentemente reformuladas.

Por indicação do Sr. Ninomiya, tive a possibilidade de permanecer um mês no Japão, num programa da AIJB que me proporcionou, além do período de viagens e de *home stay*, visitas a diversas universidades e encontros com professores japoneses da área de Ciências Humanas - antropologia e sociologia, em especial. Nesta oportunidade, tive contato, entre outros, com os professores Hirochika Nakamaki, do Museu de Etnologia de Osaka, Mineo Ikegami e Junzo Kawada, da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio, além da professora Chiyoko Mita, do Instituto Ibero Americano da Universidade de Sofia (Tóquio), citada neste trabalho.

A AIJB já trazia para perto de mim a imagem de Hiroshi Saito, seu fundador. A entidade, liderada no Brasil pela figura idealista e marcante do Sr. Shiniti Aiba, tinha também como braços atuantes a filha e o genro de Saito, Sra. Fumiko e Sr. Bernardo Shinohara, este último, diretor executivo da Associação no Brasil. O interesse pela trajetória de vida daquele personagem, contudo, seria apenas definido alguns meses depois do ingresso no Programa de Mestrado em Antropologia Social da Unicamp, em 1991.

No período em que realizava o curso "Elaboração do Projeto de Pesquisa", verifiquei a recorrência do nome de Hiroshi Saito em livros, artigos e em inúmeras dedicatórias e citações em obras de relevo sobre aspectos da presença

japonesa no Brasil. Muito além disso, comecei também a me dar conta de que o contato que estabeleci com o Japão tinha a marca daquele indivíduo e de seus ideais. Todas as fontes e caminhos me levavam a Saito, fato ocorrido de tal forma e com tal intensidade que deu força à idéia de que não havia melhor meio para desvendar a identidade dos *nikkei* que por sua trajetória de vida, metáfora da trajetória dos imigrantes japoneses no Brasil e dos dilemas identitários que marcaram suas vidas neste País.

Em conversas com a filha de Hiroshi Saito, Sra. Fumiko, verifiquei que seus arquivos continuavam intactos e que, do quadro de relacionamentos daquele indivíduo cuja aura me atraía ao estudo, muitos depoimentos importantes e esclarecedores poderiam ser obtidos de agentes também privilegiados no mundo *nikkei*. Assim, começou oficialmente, em 1992, a pesquisa que, mesmo sem a necessária consciência, eu já vinha realizando.

A partir de então, foram coletados, para comporem o quadro de referências deste trabalho, um grande número de depoimentos obtidos a partir de entrevistas estruturadas, formais e, vale observar, de conversas informais, abordagens cuja frequência aumentou sobremaneira devido ao fato de ter ampliado o número de presenças minhas em reuniões de diversos tipos de organismos da colônia, japoneses ou ainda brasileiros ligados ao Japão.

Em todo esse processo, a empatia com os japoneses e descendentes era completa. Reunido com eles, chegava muitas vezes a esquecer a peculiaridade de minhas próprias experiências. Naqueles momentos em que a diferenciação tornava-se difícil, embora necessária, o espírito trazido pela presença forte do orientador aliviava os horizontes da pesquisa e do encadeamento dos dados encontrados no sentido de reconstruir a trajetória de vida de Hiroshi Saito e dos contextos em que viveu.

Neste empenho, um obstáculo que, no início, parecia intransponível, acabou dando origem à elaboração de artifícios metodológicos que vieram a imprimir um ritmo mais dinâmico e - creio - capaz de tornar mais densa a experiência de pesquisa. A língua japonesa, da qual conhecia apenas os rudimentos, parecia decisiva na análise da maior parte de suas anotações e obras. Este fato levou-me a procurar elementos que suprissem a falta de domínio do idioma.

A alternativa encontrada foi a de realizar uma ampliação nas entrevistas efetuadas com seus parentes, amigos, colegas, alunos e, também, com indivíduos que se opunham às suas idéias e ações. Deu-se especial relevância aos depoimentos de intelectuais, por estes apresentarem, em muitos casos, trajetórias paralelas à de Saito. De seus amigos mais próximos e, sobretudo, de alguns de seus contemporâneos, coletamos as respectivas trajetórias de

vida, de modo a amparar e fornecer parâmetros à reconstrução da do protagonista Hiroshi Saito.

Reunidos os depoimentos, foram selecionados para integrar a dissertação apenas os que apresentavam dados especialmente significativos, síntese de opiniões emitidas sobre os assuntos abordados durante a pesquisa de campo ou de posições originais quanto a Hiroshi Saito, sua vida e obra. Neste particular, nota-se que, na medida em que o texto ia sendo construído, suas partes eram levadas ao conhecimento de membros da família Saito - a Sra. Fumiko Saito Shinohara, em especial - para que opinassem sobre a veracidade ou não dos dados coletados e sobre a probabilidade de terem ocorrido, apresentassem outras interpretações possíveis a cada evento e avaliassem as implicações em tornar públicos aspectos pessoais das vidas de Saito e de seus contemporâneos, além de configurações verificadas no interior da colônia no período em que viveram.

Procedeu-se, a seguir, a um aprofundamento na pesquisa bibliográfica sobre os japoneses e seus descendentes no Brasil, de modo a estabelecer elementos que parametrassem o material que ia sendo coletado. Assim, diversas obras foram exaustivamente retomadas no sentido de amparar os dados que passavam a integrar o trabalho.

Esta etapa da pesquisa trouxe ainda um elemento

especialmente sedutor e interessante. No decorrer do trabalho de campo, tive a satisfação de entrar em contato com uma obra concluída em 1956 e que ainda permanecia inédita. Trata-se do livro A realidade japonesa no Brasil, de autoria do professor primário José Sant'Anna do Carmo, um brasileiro nascido na Bahia, negro, que passou sua juventude na colônia de Aliança, interior do estado de São Paulo, onde conviveu com os japoneses e aprendeu sua língua, chegando a tornar-se tradutor oficialmente reconhecido.

Autores como Tomoo Handa (1987) referem-se ao professor Sant'Anna em seus escritos, tendo ele atuado de forma especialmente significativa como intérprete dos japoneses durante o processo da *Shindô-Renmei*, apresentado no segundo capítulo desta dissertação.

Este inesperado elo de ligação entre japoneses e brasileiros, pessoas de origens culturais tão diversas e reciprocamente estranhas, deixou como legado um livro que representa, em seu conjunto, uma das mais instigantes descrições densas - como diria Geertz - dos japoneses que se estabeleceram neste País até os anos 50. Muita discussão ainda deverá ser feita sobre a obra do professor Sant'Anna que, entre outros méritos, representa um desafio às contemporâneas correntes interpretativistas. Mesmo não tendo sido um cientista social, o conteúdo hermenêutico de seu legado deverá servir como um interessante parâmetro para repensar o significado, usos, importância e validade ao

longo do tempo dos meios de análise empregados por pesquisadores que, como no nosso caso, pretendem realizar a interpretação de fenômenos em princípio distantes, mas que nos circundam e que, apesar das evidentes diferenças, muitas vezes nos envolvem causando dificuldades em estabelecer uma clara medida entre o "nós" e os "outros".

Neste trabalho, a obra do professor Sant'Anna nos fornece dados que então puderam ser rechecados e algumas citações. Serviu, em alguns instantes, como inspiração; em outros, como provocação. Em todos os momentos, prestou-se basicamente a ajudar a compor o quadro de referências que ampararam a reconstrução da trajetória de vida de Hiroshi Saito e dos contextos em que viveu; trajetória esta que, num dos sentidos expressos pelo dicionário indica um trajeto, o "espaço que alguém ou algo tem que percorrer para ir de um lugar a outro" ... um percurso realizado por Saito, assim como pela maioria dos nipo-brasileiros que procuraram descobrir quem efetivamente eram... e são.

Nessa perspectiva, para se proceder à reconstituição da trajetória de vida de Hiroshi Saito e dos contextos em que viveu, para refletir sobre questões de identidade, nacionalidade e transnacionalidade dos *nikkei*, esta dissertação foi dividida em cinco partes.

A primeira, acima, indica as linhas gerais que orientaram a realização da pesquisa e a elaboração deste trabalho (Introdução). Nas três seguintes, apresenta-se os principais momentos vivenciados por Hiroshi Saito, suas ações, obras e os contextos em que viveu (Capítulos 1, 2 e 3). Finalmente, na última parte (Conclusão) estabelece-se uma discussão de como Hiroshi Saito e os nipo-brasileiros elaboraram suas definições identitárias ao longo de sua permanência no Brasil.

## CAPITULO I

## UM JAPONES EM TERRAS BRASILEIRAS

Sentido inicial da emigração japonesa ao Brasil

O crescimento populacional do Japão, associado ao tipo de desenvolvimento verificado na era Meiji (1868 a 1912) vinha forçando os japoneses, desde o final do século XIX, a procurar novas fronteiras de trabalho e a abrir mercados para o crescimento económico do país.

As leis restritivas à entrada de imigrantes japoneses nos Estados Unidos haviam tornado a América do Sul, a partir de 1893/94, um local viável para a imigração de nipônicos. Assim, seguiram levas de imigrantes ao Peru a partir de 1899 e ao Brasil a partir de 1908.

A vinda de imigrantes ao Brasil é situada, entre os diversos autores que trataram do assunto, no contexto maior das migrações internacionais dos séculos XIX e XX. Assim o fizeram, no Brasil, Nogueira (1973 e 1984), Vieira (1973), Handa (1987) e o próprio Hiroshi Saito, entre outros. Esses mesmos autores concordam ter sido necessário ao desenvolvimento japonês, naquele período, a saída de parcela da sua população, sobretudo de agricultores, os que mais sofreram com o contexto de então. Arlinda Rocha Nogueira (1984,15) aponta que *"numa primeira fase, o emigrado sonhava obter dinheiro fácil para se estabelecer como fazendeiro ou comerciante na região para a qual se deslocasse, noutra pretendia apenas uma permanência temporária, suficiente para obter algum dinheiro que lhe permitisse auxiliar a família em dificuldade, pagar dívidas, juntar certa quantia e retornar ao solo pátrio"*. Os japoneses estariam nessa segunda fase.

O traço fundamental do período Meiji foi o desenvolvimento industrial e urbano, em detrimento do setor agrícola, sob o amparo do Estado que estimulava, financiava e controlava as principais iniciativas. Essa configuração e seus desdobramentos levaram o Japão a ser qualificado como país emigrantista. O Brasil apresentava, inversamente ao Japão, terras a serem exploradas e povoadas. O estado de São Paulo, por sua vez, com a lavoura cafeeira em pleno desenvolvimento, encontrava-se às voltas com constante carência de mão de obra. A pressão de fazendeiros dessa

região foi tão forte que o governo, embora encarasse com desconfiança a vinda de orientais ao País, acabou cedendo e apoiando a iniciativa (Nogueira:1973 e 1984). Os motivos e intenções brasileiras na importação de mão-de-obra asiática, malgrado os preconceitos já existentes neste País à vinda de orientais, eram a dificuldade em conseguir novos trabalhadores originários da Europa, a esperança de que o japonês acabasse se fixando na lavoura e o desejo da criação de um novo mercado para o café (Nogueira:1973).

Mita (1986) situa a vinda de nipônicos ao Brasil como numericamente significativa, junto com a emigração para o Havai e para o *Manchukuo* (Estado títere criado pelo Japão na região da Manchúria) e, ainda, cronologicamente situada entre aqueles dois movimentos migratórios. "Portanto - conclui a autora - pode-se encontrar ambas as funções das políticas emigratórias japonesas, para o Havai e para o *Manchukuo*, na política emigratória para o Brasil." (id.:18)

A colonização no Havai seria estimulada, segundo o olhar nacionalista de um dos intelectuais japoneses mais representativos do final do século XVIII pelas seguintes razões: "1) diminuição do excedente populacional; 2) aumento de capital japonês: porque, se os emigrantes encomendassem produtos japoneses do país emigrado, favoreceria a exportação japonesa. E ainda, a remessa de dinheiro para a pátria dos emigrantes que estavam no Havai favoreceria o Japão; 3) aprendizagem de forma correta de trabalho dos emigrantes no país estrangeiro traria boa influência para o

país, após seu retorno; 4) serviria para o aumento de conhecimento do exterior."<sup>3</sup>

A emigração para a Manchúria, por outro lado, incluía-se num contexto um tanto diferenciado, em época de profundo nacionalismo expresso em conflito bélico com vistas à dominação. Era notória, nesse sentido, uma perspectiva político-militar naquele movimento populacional. Kanto-gun, em 1932, explicava da seguinte maneira a função militar e política da emigração e de colonização japonesa: "devem enviar o maior número possível de emigrantes japoneses para colonizar os lugares importantes de Manchukuo e da Mongólia e fazer esses japoneses colaborarem com o desenvolvimento cultural e econômico. Quando surgir uma emergência, não haverá outro meio senão os compatriotas pegarem imediatamente em armas para lutar, deixando de lado as enxadas."<sup>4</sup>

Embora extremadas as afirmações reunidas por Mita, as questões que levanta não são de todo improcedentes quanto a intenções existentes, ao menos em parcela da elite japonesa, no fim dos anos 10, quanto à finalidade de continuarem a vir japoneses ao Brasil, conforme veremos à frente. Nas obras analisadas, não há referências de uma

<sup>3</sup> Shiga, em Nan-yo Jiji (Eventos atuais dos mares do sul - 1887, n.5:2-9), escrito a após a inspeção deste no Havai, apud. Mita (1986:4-5).

<sup>4</sup> in. Yamada, Shoji (ed.), Kindai minshu no kiroku (Registro do povo moderno, Tokyo, Shin-jinbutsu Oraisha, 1978, vol.6, *Manchu Imin* : 575), apud. Mita, 1986:16, nota 17.

iniciativa de fundo militar de dominação neste País. A partir de alguns estudos importantes, contudo, surge a hipótese de terem tentado os nipônicos criar extensões do Japão nas colônias de emigrados. Vejamos, nesse sentido, dois autores, Edwin Reischauer e Bernard Bernier, apresentando algumas de suas afirmações e possíveis interpretações a elas:

Edwin Reischauer (1990), ao tratar da crescente militarização do Japão no pré-guerra (no capítulo "*The rise of militarism*"), aponta, entre outros aspectos, para a resistência dos países do Ocidente em relação ao que se denominava "perigo amarelo", mencionando ainda que, nos Estados Unidos, o racismo anti-oriental atingiu seu pico durante a II Guerra Mundial, quando "*the whole Japanese population of the West Coast, loyal, native-born nisei citizens and their inoffensive, elderly immigrant parents alike, were driven out of their farms and homes and herded into virtual concentration camps*". (Reischauer, 1990: 186)

Contudo, tendo-se em vista a própria argumentação do autor desenvolvida em seu livro, a abordagem quanto às posições apresentadas deve ser repensada e relativizada. Reischauer polariza, neste momento, a análise tendo, por um lado, os países ocidentais (entre eles os EUA) que, ao imaginar crescer um espectro de dominação, pensaram afastar a presumida possibilidade através da violência de virtuais campos de concentração; por outro, toma os imigrados como

homogeneamente leais e inofensivos, desconsiderando a carga psicológica e cultural que os constituía, bem como os sentimentos pátrios previamente incorporados. O fato de serem "native-born nisei" ou "inoffensive", não os excluiria de serem portadores de um ideal nacionalista japonês, ou ainda potenciais agentes deste nacionalismo. Vejamos este aspecto mais detidamente:

Na abordagem de Reischauer, o excesso populacional havia sido um dos principais elementos a provocar a expansão militar japonesa, fato que se tornara explícito dado que o Japão sentira-se como uma nação de segunda-classe ao lhe terem sido negados os direitos de emigração para a América do Norte e Austrália, por terem suas pretensões no continente asiático contidas enquanto a dependência do país quanto a recursos externos (matéria-prima e alimentos) crescia na mesma proporção que seu povo e que a indústria local. Afirma, então, que "*The Nation, it seemed to many, faced a serious population crisis that could only be solved by military expansion.*" (id.:189)

No interior desta assertiva correta e bem fundamentada de Reischauer, numa das mais importantes obras sobre a história japonesa escritas por um estrangeiro com larga vivência e estudos naquele país, não podemos deixar de imaginar possível que, se a crise populacional ajudou a provocar a expansão militar, o próprio destino da população - neste caso dos emigrantes - acabaria por receber as marcas

de um ideal expansionista.

Bernard Bernier, ao dissertar sobre o imperialismo japonês (no capítulo "*L'Imperialisme japonais jusqu'en 1919*") aponta aspectos semelhantes aos sublinhados por Reischauer, porém com ênfase na ideologia desenvolvida em solo nipônico. Mostra que o Japão buscava provar-se igual aos países ocidentais. Na época, a ideologia dominante no nível mundial (a partir do Ocidente) era a da expansão colonial ocidental como uma prova não somente militar mas também espiritual, moral e intelectual sendo dentro deste contexto ideológico e político que o Japão se abriu ao Ocidente (Bernier, 1988:337-338). A partir de 1894, as vitórias alcançadas pelos japoneses em terras do continente asiático tinham favorecido o recrudescimento do patriotismo e do chauvinismo, fato que leva Bernier a escrever: "*En fait, à partir de 1894, une coupure apparaît entre le nationalisme des dirigeants, temperé par la connaissance immédiate de la situation internationale et de la réalité économique et militaire interne, et le chauvinisme des propagandistes de l'idéologie ultra-nationaliste, recrutés parmi les journalistes, les universitaires et les politiciens, et dont l'ignorance des réalités internes et externes est encouragée par le secret dont les dirigeants entourent leurs activités. Cette ignorance, associée à la démagogie des partis politiques qui veulent utiliser le patriotisme pour améliorer leur position face aux dirigeants, mène à un chauvinisme hystérique dont le*

*discours belliqueux tiennent de la fantasie, étant donné les capacités industrielles et militaires du pays.*"(id.349)

Assim, tomamos a lição de Bernier de modo a complementar a afirmação anterior de Reischauer, com vistas ainda às indicações úteis que fornece quanto a eventos futuros que colocariam os imigrados e seus descendentes no Brasil frente à imagem de sua pátria de origem, notadamente no episódio *shindō-renmei*.

Se efetivamente não era uma posição cuidadosamente calculada por parte das autoridades japonesas, a presença de elementos nipônicos no Brasil representaria, para a elite japonesa, ciente das realidades interna e internacional, uma alternativa viável de expansão de seus domínios que, eventualmente, poderia ser utilizada. Na mente dos imigrados, por outro lado, em permanecendo no Brasil (já que o desejo da grande maioria era retornar ao Japão), tentariam formar, explícita ou implicitamente, uma extensão do Japão em terras brasileiras. Trata-se, portanto, de expectativas que poderiam, ou não, encontrar reciprocidade.

De acordo com afirmações recolhidas por José Sant'Anna do Carmo da obra de Toraji Irie<sup>5</sup>, notamos, desta

<sup>5</sup> José Sant'Anna do Carmo cita Toraji Irie como autor de *Hōjin kaigai hatten shi* (A história da expansão ultramarina dos japoneses), publicado pelo Comitê de Estudos das Questões Imigratórias do Departamento das Relações Exteriores do Japão, mencionando que "a parte histórica deste trabalho (de Sant'Anna) - notadamente a relativa aos dados imigratórios e aos diversos núcleos de colonização japonesa no Brasil - é quase inteiramente baseada no

vez explicitamente, que a sensibilização da classe dominante do Japão quanto ao ingresso de nipônicos na América do Sul teria se dado, nos primeiros anos da década de 1910, pela eventual utilidade da presença de transnacionais japoneses nestas terras.

Depois dos sucessivos fracassos que haviam marcado as primeiras iniciativas da introdução de trabalhadores japoneses em São Paulo,<sup>6</sup> o governo paulista, logo após a chegada da décima leva de nipônicos em 1914, rompeu o contrato de imigração japonesa, declarando que não mais subsidiaria as despesas de viagem. Com a finalidade de reiniciar o envio de imigrantes para o Brasil que fora

---

*minucioso trabalho*" de Irie. (Sant'Anna, 1956:3)

Irie publicou ainda Brasil imin gojū-nen (50 anos da imigração japonesa para o Brasil - Tokyo, Matsuzawa Shoten, 1958), mencionado nas bibliografias apresentadas por Hiroshi Saito (1961), Tomoo Handa (1987) e Chiyoko Mita (1986), sendo que esta autora apresenta ainda a obra já indicada por Sant'Anna com a seguinte referência: Irie, Toraji, Hojin kaigai hatten shi (A história da expansão ultramarina dos japoneses), vol. 1, Tokyo, Kaigai Hojin Shiryo Kai, 1937; e, id., vol. 2, Tokyo, Imin Mondai Kenkyukai, 1939.

<sup>6</sup> O fracasso se verificava, por um lado, pela decepção dos primeiros imigrados quanto às condições encontradas nas fazendas, sobretudo quando comparadas com as promessas feitas pelos agenciadores no Japão, fato que provocava constante evasão dos locais de trabalho. Por outro, a visão dos fazendeiros que viam na prática daqueles imigrados um traço de inconveniência para a satisfação das necessidades da lavoura. Uma análise sobre a mobilidade dos imigrantes japoneses nesse primeiro período foi feita por Saito em O imigrante japonês: estudo de mobilidade e fixação (1961:126-209). Ainda sobre esta fase da imigração japonesa e o início da construção da colônia de Iguape e das outras que a sucederam, farto material é encontrado nas obras de Saito, assim como nos diversos autores que trataram do assunto, notadamente Handa (1987) e nos estudos da Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil (Comissão, 1992).

suspenso pelo encerramento daqueles subsídios, as Companhias de emigração fundaram a Brasil Imim Kumiai (União das Companhias de Imigração para o Brasil) em 1916, por sugestão do Ministério de Relações Exteriores do Japão, entidade que voltou a entrar em negociações com o governo paulista. Como em São Paulo a corrente imigratória estava suspensa por causa da I Guerra Mundial, a negociação foi facilmente realizada.

O governo do Japão, com vistas ao desenvolvimento econômico japonês no além-mar, tentou efetuar reformas na política de emigração e de colonização passando, por este motivo, a incentivar a união das companhias de emigração no período, o que viria a dar origem à *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha* (KKKK), tratada à frente. Antes disso, em 1919, a *Brasil Takushoku Kabushiki Kaisha* (fundada em 1913), deu início à primeira colônia japonesa estruturada no Brasil, em Registro, no Vale do Ribeira de Iguape. A iniciativa de construção desta colônia coube a Ikutaro Aoyagi, um dos personagens da Era Meiji que considerava a construção de uma colônia japonesa um meio de expansão no ultramar.

Na região de Iguape não se desenvolvia a principal atividade agrícola da época, o café. Ali ocorria principalmente a produção de arroz e, paralelamente, a de cana-de-açúcar. A intenção era construir um local onde os japoneses pudessem produzir com independência, como proprietários. Essa configuração fez com que dentre os

colonizadores de Iguape, muitos se tornassem posteriormente líderes das colônias japonesas de outras regiões.

Em todo esse processo, desde o recuo por parte dos paulistas até a formação da colônia de Iguape, um clima nacionalista se tornava cada vez mais explícito no Japão, somando alguns parâmetros para a análise do sentido das iniciativas nipônicas quanto ao processo imigratório naquele período. Sobre as tratativas que incluíram esta coloração nacional na corrente migratória ao Brasil, narra José Sant'Anna do Carmo, baseado em T. Irie:

*"Para começar a concretização do plano de montagem da Companhia, Dhtani Kozui<sup>7</sup> aderiu com 20.000 iens, sendo que outros elementos de prestígio se incumbiram da propaganda aliciatória dos candidatos a emigrantes, para as primeiras remessas.*

*A tarefa, entretanto, não foi fácil de ser levada avante, a despeito da desenvoltura de Dhtani que abriu a lista das adesões com os mencionados 20.000 iens. E que, para convencer os capitalistas, atraindo-os àquele empreendimento, não era tão fácil como de início parecia. Para interessá-los, ou melhor, para atraí-los, teve que ser feita uma propaganda toda especial, tocando-se, ao mesmo tempo, nas vantagens do negócio e no sentimento patriótico*

---

<sup>7</sup> Sumo Pontífice da Divisão Eclesiástica Oficial do Budismo de Deste.

de seus participantes, propaganda essa que, entre outras coisas, dizia: "Colônia é uma extensão territorial. É um meio de se ampliar o território pátrio sem molhar de sangue um soldado. Assim sendo, as famílias da elite deverão apoiar esta iniciativa, num gesto de reconhecimento patriótico. Demais, tratando-se de uma obra de caráter permanente, representa, conseqüentemente, um esplêndido patrimônio vitalício para os nobres" (Irie, vol 2, pág.198).

Somente depois de feita, nestes moldes, a propaganda-chamarisco, atraindo a fina-flor da elite e da nobreza, foi que se pôs mãos à obra de concretização da Companhia, no que se refere à incorporação do capital necessário à sua montagem e funcionamento. Isto feito, aderiram, entre outros, os seguintes elementos de destaque nos meios oficiais e de elite: Katsura Tarô (Primeiro-ministro do Império), Ohtani Kozui (Sumo Pontífice da Divisão Eclesiástica Oficial do Budismo de Oeste - Nishi-Honanki-Kantchô), a Família Shimazu, Inoue, Shibuzawa, Yamagata, Môri, e outros vultos da esfera governamental e da elite abastada e nobre (T. Irie, vol 2, pág.197), dentre os quais Jôsei Takahashi, Mitsushima Yatarô, Kondô Kempei, Satake Satarô, Kamiya Tadaô, Fujisaki Saburô, Aoyagui Kikutarô e Takemura Yômmon - todos detentores de grande prestígio, desfrutando de posição respeitável no terreno das finanças ou da nobreza, ou, ainda, no seio do próprio governo do Japão daquela época.

Para uma pálida idéia a respeito desses homens, que apoiaram o movimento imigratório de que resultou o núcleo de

*colonização japonesa de Iguape, julgamos bastante frisar que Katsura era Primeiro-ministro do Império, sendo Mitsujima Yatarô o Superintendente do Banco do Japão naquele tempo. Com essa equipe, e mais a Mitsui e Mitsubishi, que dispensam explicação sobre quem sejam, e que tomaram parte na primeira reunião para discussão dos planos da Companhia, teve início essa entidade destinada a colonizar o Brasil. De sua atuação foi que resultou a conhecida "colônia" de Iguape."*  
(Sant'Anna, 1956:43-44)

Era este, portanto, o clima dentro do qual se organizavam as primeiras colônias de imigrantes, o que torna lícito, por extensão, afirmar que o movimento de contingentes populacionais japoneses ao Brasil vinha também envolto numa névoa de nacionalismo nipônico. Este sentimento pátrio, face aos rumos que tomaria a história do Japão deste início de século, iria adquirir coloração crescentemente acentuada, podendo definir não só a visão da elite japonesa quanto à presença de nipônicos em solo brasileiro, como também a ligação destes imigrantes ao país de origem. Este fato seria visível no momento da II Guerra Mundial e, sobretudo, na relutância dos *nikkei* em aceitar a derrota japonesa no conflito, como tratado à frente.

### A vinda para o Novo Mundo

Abandonar o local de origem é algo penoso para todos os imigrantes, mesmo quando seus discursos apontam a saída apenas como uma aventura ou como a busca de uma esperança renovada. Este era o sentimento que envolvia a partida da família Saito: o distanciamento da terra de origem, o sentimento pátrio guardado em silêncio e a esperança de dias melhores.

Fazia 24 anos desde a chegada do *Kasato Maru* ao Porto de Santos, marcando o início do fluxo migratório de japoneses ao Brasil. Mais de 100.000 nipônicos já se encontravam, naquele final de 1932, em território brasileiro<sup>6</sup>; a franca maioria, dedicada à lavoura. Hiroshi Saito preparava-se para deixar o Japão em companhia dos pais e dos irmãos. Embora estivessem contagiados por um profundo otimismo, era uma aventura arriscada aos olhos dos japoneses. Temerosa, porém necessária.

Em 11 de janeiro de 1933, a família Saito chegou àquele porto brasileiro a bordo do *Afrika Maru*.<sup>7</sup> Não se

<sup>6</sup> 109.597 segundo o Departamento de Imigração do Ministério do Trabalho, Comércio e Indústria do Brasil. (apud. Comissão, 1992:138).

<sup>7</sup> Quanto ao contexto econômico do período de emigração da família Saito, explica Handa, amparado nas lições de Zenpati

desligou, contudo, de seu passado. Sua vida seria um constante diálogo entre a herança de seus ancestrais e as opções concretas de seu cotidiano. Era esse o sentido de sua história.

Hiroshi Saito nasceu no dia 02 de janeiro de 1919 em Uriuno, província de Miyazaki, no extremo sul do Japão. Era filho de Torao e Michie Saito. Seu avô tinha sido agricultor, dono de terras, e o pai, funcionário público. Vinha, portanto, de uma família de posses, embora já fosse perceptível, no início dos anos 30, a sensível diminuição dos bens legados por seus ancestrais.

Sua irmã, a Sra. Chissako, com profunda simplicidade, sintetiza a posição sócio-econômica da família, os motivos da imigração e as ambições que portavam: *"Eu era pequena (...) Quando andávamos, meu pai dizia: aqui nossa terra, aqui também nossa terra... Eu achava que era muito rica! Mas foi acabando e acho que também deu desgosto, né? (...) Naquele tempo, falavam muito de vir para o Brasil, ganhar dinheiro e voltar para o Japão."*(entr. em 21.03.93)

---

Ando, que depois da "quebra da Bolsa de Nova York em 24 de outubro de 1929 (o pânico) estendeu-se a todo o mundo, levando também a economia japonesa ao caos (...) Foi nessa conjuntura, isto é, do pânico de 1927 até 1930, que o Japão enviou ao Brasil mais de 10.000 emigrantes por ano. (...) ...em 1933 e 1934 o movimento emigratório chegou a um pico nunca superado, com um envio superior a 20.000 pessoas".(Handa,1987:76-77)

Diretamente afetado pela difícil situação econômica japonesa do início do século, Torao Saito ainda havia se disposto a servir de avalista de empréstimos de amigos, sacrificando os bens que geria enquanto primogênito dos Saito de Uriuno <sup>10</sup>. Os parentes, por diversas vezes, o acusaram de perder todo o dinheiro em empreendimentos mal sucedidos e, sobretudo, em bebedeiras e noitadas.

Anos mais tarde, em visita ao Japão, o filho, Hiroshi, ficaria inconformado de como poderia um homem acabar com toda a fortuna da família em pequenos bares, tão simples, de uma cidade do interior. A história, certamente, era contada com parcialidade por cada uma das pessoas que nela se viram envolvidas. Respeitadas as múltiplas visões de familiares e amigos, extrai-se que o empobrecimento da família Saito se deu por diversos fatores. Se houve falta de habilidade do pai na gestão dos negócios da família, este não foi o único motivo. O próprio contexto japonês exerceu papel importante na determinação do status sócio-econômico

<sup>10</sup> Ao filho mais velho de uma família japonesa ("chōnan") cumpre suceder o chefe da família, prestando assistência aos pais durante a velhice, zelando pela manutenção dos bens e pela educação, casamento e encaminhamento profissional de todos os familiares. Segundo Harumi Befu, nas sociedades rurais, local privilegiado de origem dos imigrantes, "this primogenital rule has also meant that the successor held authority, without sharing it. The family head held a crucial position in the management of the family as a corporation, i.e., in managing productive resources, controlling the members, and taking charge of ancestral rites. All these functions are closely tied in with the economic activities of the family since family members constitute the working force in the field, and decisions as to their disposition, e.g., whether to send them to school, allow them to go to the cities for work, or marry them out, crucially affect productive activities." (Befu, 1987:80)

dele, assim como de grande parcela da população japonesa que, inclusive, chegou a emigrar.

O "desgosto" indicado pela Sra. Chissako, ou ainda a "tristeza" à qual muitos imigrados se referem como motivadores da saída do país de origem indicam, de fato, a vergonha pelo que muitos mencionam como a "falência da família".

O traço fundamental da política praticada no período Meiji era o desenvolvimento do setor industrial urbano em detrimento, principalmente, do setor agrícola causando o empobrecimento das pessoas ligadas à lavoura. Grande parte dos depoimentos de imigrados japoneses indica a "falência" econômica da família no Japão. "Falência" é um termo que alguns *nikkei* usam para indicar queda abrupta de poder aquisitivo, status e, conseqüentemente, de prestígio social. Trata-se do "*zaisan tsubushi*" que, para o japonês tem um sentido muito mais profundo do que a simples dilapidação dos bens, indicando também a desagregação da família. "*Perder o patrimônio da família, no Japão, é como perder a alma, a própria identidade*", afirma o genro de Hiroshi Saito, Bernardo Shinohara (entr. em 24.08.93). O fato adquire significado mais forte quando praticado por inabilidade do *chōnan*, o filho mais velho. <sup>11</sup>

<sup>11</sup> A falha de uma pessoa na condução de seus deveres é motivo de grande vergonha ("*haji*"), sobretudo se esta pessoa é o "*chōnan*", conforme descrito na nota anterior. Benedict demonstra este fato ao afirmar que "*um fracasso em seguir os seus visíveis marcos de boa conduta, um fracasso em avaliar obrigações ou prever contingências constitui vergonha*

O "zaikan tsubushi" é um motivo de vergonha (*haji*) e deve ser expiado para que a honra da família se restabeleça. O patrimônio da família, no Japão, inclui não apenas as posses materiais, mas abarca todos os bens culturalmente definidos como importantes, indo da casa legada pelos ancestrais, passando pelo túmulo dos antepassados, suas realizações ao longo das sucessivas gerações e chegando até ao bom nome da família, seu status e a própria identidade assumida dentro da sociedade.

Poucos foram como um dos companheiros mais próximos de Saito que, conforme faz questão de mencionar, sua vinda ao Brasil realmente "era um sonho de menino e nada mais do que isso". Mesmo em seu relato, contudo, observamos que a permissão paterna à viagem apenas surgiu quando da efetiva verificação de dificuldades financeiras na família.

Uma das pessoas mais ligadas a Hiroshi Saito, Takeo Kawai, descreve com objetividade a situação deste seu amigo: *"Ele veio para a agricultura. Plantou café e algodão. Pelo que Saito contou, era de uma família tradicional num vilarejo do interior do Japão. A família estava em decadência. (...) O pai, diante desse fato, tinha vergonha de ficar lá e queria imigrar para o Brasil."* (entr.

*("haji"). A vergonha, dizem eles, é a raiz da virtude. (...) A vergonha ocupa o mesmo lugar da autoridade na ética japonesa que uma 'consciência limpa', 'estar bem com Deus' e a abstenção de pecado têm na ética ocidental."* (Benedict, 1988:190)

em 11.12.92)

A vergonha por não suportar um período de crise acentuada foi, no caso da família Saito, motivo determinante para a saída do país na tentativa de um retorno triunfante em tempos futuros.

O Brasil oferecia condições ideais para a expiação do infortúnio e a volta bem sucedida ao país de origem. Era esse o desejo destes imigrantes que, como tantos outros, se lançaram no futuro munidos apenas de esperança.

Duas versões, gestadas dentro da própria família, narram a reação do jovem Hiroshi Saito à saída de Uriuno. A primeira, indica a ocorrência de uma fuga de Hiroshi para a casa de parentes, na tentativa de não embarcar; a outra, diz ter aceito a determinação paterna sem resistência. Em ambas as versões, ele não estaria totalmente feliz com a partida pois já havia determinado um rumo a tomar na vida: a carreira militar.

Excelente aluno - como sua filha viria a constatar anos mais tarde ao examinar os boletins do pai - Hiroshi havia se deixado influenciar por um dos professores da Escola de Uriuno que, reconhecendo-lhe a capacidade intelectual privilegiada, teria convencido o rapaz a abraçar o ideal máximo da juventude japonesa da época que era a dedicação às armas.

É possível afirmar, e vale aqui um parênteses, que, se naquela época, Hiroshi Saito não chegou a pegar em armas, sua vocação ainda estava por se manifestar, todavia como estrategista voltado às configurações futuras das relações internacionais, na tentativa que realizou de constituir-se como "ponte" entre a pátria de origem e a de adoção. Anos mais tarde, participaria da montagem de uma eficiente rede de relações e de troca de mensagens entre Brasil e Japão, como analisaremos ao final deste estudo.

Em 11 de janeiro de 1933, o destino dos Saito estava selado. Nesta data, chegaram a Santos Torao e Michie Saito, acompanhados dos filhos Massako, Chissako, Hiroshi e Fukashi. A viagem havia sido profundamente desgastante embora os mais jovens, ainda sem se darem conta da situação, tivessem aproveitado as atividades realizadas no barco como brincadeiras: *"Sempre tem jogo de ping-pong, biblioteca para ler livro, sempre eles inventavam alguma coisa (...) na travessia do Equador teve festa"*. (Sra. Chissako, entr. em 21.03.93)

Seguem, no mesmo sentido, as impressões da Sra. Shizu Saito que viria a se tornar esposa de Hiroshi e que, por coincidência, veio no mesmo navio. Ela nos conta a viagem, reproduzindo a visão lúdica da criança que ainda sente as cores de sua pátria enquanto se distancia dela, embarcada numa aventura: *"Sessenta dias, muito longo, né... para mim*

*foi divertido porque era uma menina de dez anos que não sabia nada. Era muito divertido andar no navio. Morreu gente... três pessoas. Eu fui ver o enterro. Era na bandeira japonesa... embrulhavam o corpo assim, na bandeira, e jogavam no mar. Isso é que eu me lembro. Era criança."*  
(entr. em 04.04.93)

Hiroshi, por sua vez, permanecia silencioso. Aquele menino que *"gostava de brincar, pegava um pedaço de pau e corria no meio da mata"* e que *"era sempre o mandante, era sempre o primeiro"*, permanecia *"quieto em quase toda a viagem"* (Sra. Chissako, entr. em 21.03.93).

Em Santos, passaram pela alfândega onde a bagagem foi aberta e revistada. A seguir, tomaram o trem para a Mogiana e passaram pelo primeiro contato direto com as coisas brasileiras: *"Ai, no trem, eles dão sanduíche. No meio tinha linguiça e ninguém come linguiça... todo mundo jogou fora..."* (Sra. Chissako entr. em 21.03.93).

No alimento, a primeira sensação de Brasil

A comida parece ter sido a primeira experiência sensível dos imigrantes japoneses no Brasil. Está presente em quase todos os depoimentos coletados. Representa, também, a primeira expressão de problemas de comunicação entre japoneses e brasileiros. Arlinda Rocha Nogueira afirma que *"as dificuldades de comunicação criavam problemas num raio bastante amplo. A nutrição, por exemplo, era um deles. Muitas vezes sentiram dificuldades de se inteirar dos costumes locais..."* (Nogueira,1984:156) Esclarece ainda a autora que, em suas experiências de campo, os japoneses *"sempre falam que uma das coisas mais difíceis de adaptação ao ocidente foi justamente a alimentação"* e liga-se ao problema de comunicação porque *"os primeiros não sabiam nem como tirar o sal do bacalhau, que naquele tempo era uma comida comum. Isso deu até casos de hipovitaminose, mesmo porque demoravam para aprender"* (entr. em 18.08.93). <sup>12</sup>

Nesse sentido, quando perguntado sobre o que mais

---

<sup>12</sup> Estas afirmações da autora já se encontravam expressas em seu livro A imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908-1922) (Nogueira,1973:142-143). Retomando esta sua obra, Arlinda Rocha Nogueira enfatiza ainda outro aspecto que apenas esboçou timidamente (id.:144). Aponta ela para o fato de que não podemos esquecer que outros imigrantes enfrentaram o mesmo problema, como mostram estudos realizados sobre outros contingentes de imigrados. Esses problemas - é importante acrescentar - acompanhavam todos os que se dirigiam ao interior, inclusive os brasileiros.

lhe chamou a atenção em seus primeiros anos de Brasil, Tomoo Handa é enfático: "*A primeira coisa era a comida, alimento japonês feito com material brasileiro, mas ao modo japonês. Arroz branco... Naquele tempo ainda não tinha arroz tipo agulha, ainda não tinha trigo... Agora, carne tinha, seca, mas não sabíamos como preparar. E tinha também bacalhau, mas também não sabíamos como preparar. Punha na água ou assava na brasa e ainda assim era muito salgado! Comíamos um pedacinho de bacalhau com uma porção de arroz. Por causa da comida e do calor do Brasil, muita gente sofria falta de nutrição e ficava doente*" (entr. em 29.08.93).

Por esse motivo, os hábitos alimentares ocupam importantes páginas de seu livro O Imigrante Japonês: história de sua vida no Brasil. (Handa:1987) Nas anotações que realizavam em suas viagens ao interior, tanto Handa quanto Hiroshi Saito dedicam algumas páginas, em geral as primeiras, aos hábitos alimentares das pessoas observadas. Hiroshi Saito não chegou a estudar detidamente o assunto, embora reconhecesse sua importância, vindo a debruçar-se sobre o tema em diversos ensaios<sup>13</sup>. Teria comentado com a filha, anos mais tarde, quando acabara de participar das comemorações de aniversário da imigração japonesa para a Amazônia, que o assunto mereceria tratamento mais detalhado.

---

<sup>13</sup> Além das diversas crônicas que escreveu em jornais, Saito divagou sobre questões associadas à comida em diversas oportunidades, sobretudo em seus livros de ensaios como Gaikokujin ni natta nihonjin (Os japoneses que se tornaram alienígenas, 1978) e Burajiru to nihonjin (O Brasil e os japoneses, 1984).

Não chegou, contudo a realizá-lo, deixando apenas indicações amplas em suas obras (Sra. Fumiko, entr. em 24.08.93).

Em sua tese de doutoramento na Universidade de Kobe defendida em 1959 <sup>14</sup>, por exemplo, Saito analisa o impacto do problema da alimentação sobre os primeiros imigrantes. É incisivo ao mostrar a importância e a delicadeza do tema. Aponta que *"no processo de adaptação do imigrante em sua fase inicial, a alimentação constitui, sem dúvida, um dos elementos mais importantes dentre as técnicas de sobrevivência. (...) ... qualquer frustração ocasionada em sua fase inicial pode acarretar o desmembramento e conflitos no grupo, abandono do trabalho e outros fenômenos de comportamento coletivo dos imigrados. (...) Esquemáticamente falando, entre os imigrados japoneses, a mudança do alimento-base que é o arroz representa problema fundamental."*(Saito:1961,93) A seguir, descreve, em linhas gerais, o ritmo das alterações alimentares e as condiciona aos limites oferecidos pelo "hábitat" na reconstituição dos padrões e elementos da cultura original (id.:97).

A importância dos alimentos é tão grande que Handa, em sua obra, a expressa como uma das principais manifestações de resistência que os imigrantes teriam quanto ao casamento de seus descendentes com brasileiros,

---

<sup>14</sup> Tese de doutoramento defendida em 1959 e publicada em português sob o título O japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação (São Paulo, Editora Sociologia e Política, 1961)

juntamente com questões de parentesco e de língua. Ao analisar os casamentos na sociedade formada pelos imigrantes, escreve o autor: "*Hoje em dia, o que preocupa os velhos imigrantes é o que será deles quando um filho ou uma filha casar-se com gaijin (estrangeiro). Japoneses que são, combinarão com eles? A nora ou o genro concordarão em morar juntos? Se acontecer isso, o que será deles como sogro e sogra? Receberão, como tais, tratamento respeitoso? E a comida? Os netos apreciarão a comida japonesa? Não surgirão atritos por causa do idioma? Por se preocupar com essas questões os velhos rezam para que, na medida do possível, nisseis se casem com nisseis.*" (Handa,1987:304)

Muito além das preocupações dos velhos japoneses, a alteração da relação com a comida e com os parâmetros culturais herdados se verificaria mesmo quando não ocorresse o casamento interétnico, fruto, apenas, do desenvolvimento da vida na terra brasileira. Anos mais tarde, observa-se que os descendentes de japoneses que voltam ao Japão em busca de melhores oportunidades de trabalho, no fenômeno conhecido como *dekassegui*<sup>15</sup>, apresentam dificuldades de adaptação à dieta alimentar japonesa e indicam saudade da comida brasileira e, ainda, da "comida japonesa" feita no Brasil. Este é o sentido de diversos depoimentos coletados entre os *nikkei* que se propuseram a realizar o caminho inverso de seus ancestrais.

---

<sup>15</sup> Um perfil do movimento *dekassegui* encontra-se no Anexo a este estudo.

Verifica-se, como apontara o próprio Hiroshi Saito, que mesmo na tentativa de recriação do regime alimentar de seu local de origem, o processo não é de "simples retorno ao regime anterior, mas é acompanhado da revisão de elementos originais e da adoção de certos elementos locais em termos de experiências adquiridas pelos imigrados em seu contato com os padrões e elementos culturais do país hospede". (Saito,1961:97)

Um dos contemporâneos de Saito, em seu depoimento, aponta algumas dificuldades originadas da diferença entre os hábitos alimentares do Japão e do Brasil, ilustrando a adaptação necessária aos gêneros alimentícios encontrados no Brasil. Afirma que "em casa a gente fazia comida japonesa, mas o material usado era muito diferente.(...) Primeiro não tinha peixe, peixe cru, só tinha lambari. Frito, era até gostoso, mas não sabíamos fazer. O choque era muito duro. Depois eu comecei a estudar (em São Paulo) e tive que me acostumar."

A adaptação, penosa aos primeiros imigrados, foi sendo realizada pelas sucessivas gerações de *nikkeis* até verem incorporados à sua dieta elementos tipicamente brasileiros. Nesse sentido, é ilustrativo mencionar que desde o início do fenômeno *dekassegui*, uma notável fonte de lucro tem sido a exportação de comida brasileira para o Japão. São os descendentes de japoneses os maiores

consumidores dos alimentos que os fazem recordar, na terra dos ancestrais, seu País de origem o que, portanto, faz da comida um elo significativo de reconstrução afetiva da nacionalidade estampada em seus documentos, assim como ocorre com o uso da língua portuguesa.

Deste modo, por todas essas evidências, é possível afirmar que a comida foi o primeiro elemento que simbolizava, aos olhos dos imigrantes, o perigo (e inevitabilidade) da alteração de sua condição identitária, distanciando-os do país de origem, bem como indicaria um referencial importante para se tratar a mudança e os dilemas que envolveriam a identidade dos nipo-brasileiros ao longo do tempo.

A comida também vem associada ao primeiro contato direto que Torao Saito teve com brasileiros. De quando chegaram na estação de Bento Quirino, na linha Mogiana, lembra a filha: "...estava tudo escuro... andamos pela cidade, mas não estava nada aberto, né... meu pai então foi lá, comprou pão e, não sabia falar né, falou açúcar em inglês, aí entenderam e comemos pão com açúcar" (Sra. Chissako entr.21.03.93). A seguir, viria a primeira indicação das condições a serem enfrentadas no novo País. Conta a Sra. Chissako: "Aí ficamos esperando, esperando... Pensei que vinha caminhão, né, caminhão carro. Mas vieram duas... três carroças." (entr.21.03.93) Era a primeira vez que via tal veículo.

### A vida na fazenda e a esperança no futuro

Foram à Fazenda Fonseca, em Serra Azul. Era dia 14 de janeiro de 1933. Chegando lá, não encontraram uma situação muito diferente da de tantos outros imigrantes, embora mais confortável que a de seus antecessores.<sup>16</sup> Instalaram-se numa casa de tijolos, para onde os patrões mandaram tábuas com as quais fizeram camas. Sobre estas camas improvisadas, estenderam acolchoados trazidos do Japão. Além disso, encontraram "5 kg de açúcar, 5 kg de arroz, um bacalhau grande, feijão, sal, farinha de mandioca e café" (Sra. Chissako entr.21.03.93).

Os vizinhos, imigrantes mais antigos, foram muito importantes nos primeiros momentos de adaptação, ajudando

---

<sup>16</sup> Em O Imigrante Japonês: história de sua vida no Brasil, Tomoo Handa (1987) narra diversas experiências de imigrantes que, em linhas gerais, assemelham-se às vivenciadas pela família Saito. Há que se considerar como especificadores, contudo, a diligência do dono da Fazenda Fonseca na condução de suas terras, a experiência que os administradores do local tinham na recepção de japoneses e a própria presença de imigrantes mais antigos e de outras origens naquela propriedade, dando informações e prestando assistência aos Saito.

nas primeiras tarefas domésticas, contando experiências e prestando informações.

O trabalho na fazenda era duro. Conta a Sra. Chissako que sua família queria ser a primeira a chegar na roça, antes dos vizinhos, por isso acordavam muito cedo. Quanto a Hiroshi, "*coitado (...) passou três dias e arrancou todo o couro da mão, assim... porque nunca puxou enxada.*" (entr.21.03.93) Apenas o irmão mais novo não trabalhava por ser muito pequeno. Ia na escola da fazenda onde as aulas eram em português. "*Ele não aprendia nada porque não entendia*", completa a irmã, indicando um fato recorrente entre japoneses e seus descendentes no Brasil e que marcaria muito sua vida escolar, influenciando, nos tempos futuros (sobretudo no pós-guerra), as posturas que assumiriam quanto ao ensino da língua portuguesa em lugar da japonesa a seus filhos.

Pouco depois de se estabelecerem em Serra Azul, casava-se Massako Saito, a irmã mais velha de Hiroshi. Conhecera o marido no navio. Trocaram algumas cartas, embora os fazendeiros não vissem esta prática com bons olhos pois temiam que os empregados abandonassem o local de trabalho por outro que julgassem mais compensador. Depois de poucas visitas por parte do pretendente, chamado Kikutaro, e uma conversa deste com o pai da noiva, realizou-se a cerimônia no consulado japonês (*Ryojikan*) de Ribeirão Preto.

O casamento da Sra. Massako foi uma exceção aos dos outros parentes de sua geração. Praticamente todos os outros, incluindo Hiroshi e os irmãos Chissako e Fukashi, casaram-se por *miai*.<sup>17</sup> Essa forma tradicional de formar casais foi amplamente praticada no interior da colônia de japoneses existindo, ainda hoje, pessoas que se orgulham pelo elevado número de uniões que formaram.

Logo após o casamento, a Sra. Massako seguiu com o marido para a fazenda em que este trabalhava em Minas Gerais. A família Saito continuava sua rotina de longas jornadas na agricultura. Ao jovem que se imaginava militar, a vida rural não constituía uma realização. Ao contrário, pensava sempre no futuro ainda incerto, sob os olhos também preocupados do pai.

Na análise das atitudes que Torao Saito assumiria nos anos seguintes, seriam encontrados dois aspectos muito valorizados pela cultura japonesa. Ele se empenharia, por um lado, em fazer o filho, principalmente por ser o mais velho, estudar e construir melhores perspectivas de vida. Por outro, exigiria deste a dedicação que os primogênitos devem

---

<sup>17</sup> "Miai" é um encontro arranjado entre moços e moças, por intermediários, para fins matrimoniais. O intermediário recebe o nome de "nakodo" (que significa, literalmente, padrinho ou madrinha de casamento). Quanto as formas de união de casais, suas variantes e permanência dos métodos tradicionais no interior da sociedade japonesa, ver Befu (1987:48-52). Quanto a descrição do modo como eram realizados os casamentos de agricultores no Brasil, ver Handa (1987:243-244).

aos pais. <sup>1º</sup> Nas áreas da educação e relacionamento social, Hiroshi Saito sempre conservaria como base os dados impressos pela cultura japonesa, de origem. Dialogaria constantemente, todavia, com os dados da cultura brasileira,

---

<sup>1º</sup> A construção de melhor futuro, tanto no caso de Hiroshi Saito como no de outros japoneses e descendentes no Brasil, viria pela educação. Takeo Kawai ( em "Italianos e sírio-libaneses: uma visão comparativa com os japoneses" in. A presença Japonesa no Brasil, Saito(org.):1980,153-172), aponta para a existência de uma "vaga noção de progresso ou aperfeiçoamento intelectual em geral" dos japoneses quanto aos seus descendentes (id.:167). Fundamentando esta sua afirmação, cita Egon Schaden, quando este autor enfatiza o apreço que à escola e ao estudo livresco dispensa a tradição japonesa ("Aculturação de Alemães e Japoneses no Brasil" in. Saito e Maeyama (orgs.), 1973:519), conforme ele mesmo, Kawai, teria podido observar entre vários de seus subordinados no trabalho na Cooperativa Agrícola de Cotia. Quanto a estes indivíduos, aponta o autor que "seus pais faziam questão de que estudassem, apesar de não especificar o que eles deviam estudar". (in. Saito (org.),1980:167,nota) A orientação quanto a algum objeto de estudo específico emergiria, na maior parte das vezes, de necessidades concretas surgidas do cotidiano dos imigrantes. Assim, José Yamashiro nos mostra que entre seus conterrâneos da região de Iguape, no litoral sul de São Paulo, a grande aspiração era tornar-se médico (ele mesmo quis tornar-se um, fortemente influenciado pelo pai). Um dos principais fatores que levavam a essa opção, era, de acordo com Yamashiro, as precárias condições de higiene e saúde da região. As dificuldades de ingresso em curso superior, contudo, além de inúmeros problemas de caráter pessoal que influem na adoção de uma carreira, fizeram com que os japoneses e descendentes optassem por caminhos profissionais que lhes parecessem viáveis, amparados, eventualmente, pelo tipo de estudo que lhes parecia conveniente e/ou possível. Nesse sentido, Sussumu Miyao, (em "Posicionamento social da população de origem japonesa", in Saito (org.):1980), é levado a afirmar que "na história dos 70 anos da imigração japonesa no Brasil, constituem raras exceções os que conseguiram fortuna e posição social com a própria força, sem a ajuda da educação escolar" (id.:93). Assim, tanto Torao Saito quanto seu filho, Hiroshi, procuravam, conscientemente - amparados pelos padrões de sua cultura de origem - melhorar as condições e perspectivas de vida. Esta melhora ocorreria dentro do contexto cultural nipônico, realizada pelo filho mais velho dentro das possibilidades concretas que possuíam: por uma escola agrícola estruturada em moldes japoneses com a finalidade de formar líderes.

dominante, para elaborar estratégias determinadas pelas exigências concretas de seu cotidiano.

Ainda no início de 1933, Torao Saito foi fazer uma visita à casa do administrador (japonês) de uma fazenda próxima, pertencente ao mesmo dono da que trabalhava. Ali encontrou, (segundo a Sra. Chissako entr.21.03.93) em cima da mesa de refeições, um jornal aberto. Estava escrito em japonês e estampava uma notícia sobre a Escola Prática de Agricultura de M'Boy. Pensou, naquela oportunidade, em enviar o filho àquela instituição.

A Escola Prática de Agricultura de M'Boy, nome pelo qual ficou conhecido o Instituto Prático de Agricultura de São Paulo, havia sido instalada em 1931 por iniciativa da *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha*<sup>19</sup> com a finalidade de formar

---

<sup>19</sup> A *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha*, ou KKKK, foi a principal empresa de imigração que veio a atuar no Brasil. Escreve Arlinda Rocha Nogueira (1973:75-76) que, decidida em 1907 a imigração japonesa para São Paulo, o governo do estado teve oportunidade de assinar contratos com diferentes companhias japonesas, já que antes da guerra, elas agiam separadamente. Por volta de 1914, entretanto, algumas companhias se uniram para formar a *Brasil Imim Kumiai* sendo que, a convergência de interesses no setor deu origem, em dezembro de 1917, à companhia que ficou conhecida como KKKK. Esta empresa, com sede em Tóquio, acabou aglutinando as demais companhias e recebeu a concessão do governo para os negócios de emigração, com o direito, inclusive, de açambarcar os negócios das companhias unificadas. A partir de então, a KKKK ficou encarregada, não só da emigração para a América Latina como, também, para outras partes do globo onde houvesse necessidade de colonização, dispondo para tanto de recursos financeiros. José Sant'Anna do Carmo definiu a companhia como "localizadora e orientadora dos imigrantes destinados ao Brasil" (1956:26). Uma de suas finalidades principais era perseguir "o bem estar e os interesses destes (imigrados) e a sua adaptação ao nosso meio" (id.ibid.).

elementos capazes de exercer posições de liderança na comunidade japonesa no Brasil. Ali eram ensinadas técnicas agrícolas por aulas teóricas e práticas, língua portuguesa e japonesa, história e geografia do Brasil, conhecimentos gerais etc. (Kiyotami e Yamashiro in. Comissão, 1992:131) 20

Jose Sant'Anna do Carmo, em A realidade japonesa no Brasil (1956), traduziu as informações sobre a Escola estampada no Burajiru Kenkan, elaborado pela empresa jornalística da colônia Notícias do Brasil e publicado em 1933. Na página 29 daquele anuário, lia-se: (a entidade) *"destina-se a receber matriculados jovens, do Japão, que tenham cultura ginásial ou superior, orientando-os, principalmente, para a formação educacional do caráter e, ao mesmo tempo, levando-os a adquirir conhecimentos práticos e diretos, através do aprendizado agrícola ali ministrado, ensinando-lhes como empreender e administrar uma colônia ou iniciativa de ordem agrícola, de modo que, no futuro, possam ser, como material humano eficiente, os esteios centrais da comunidade japonesa no Brasil e de suas atividades."* Um dos privilégios oferecidos pelo curso era a *"isenção do serviço militar para os candidatos à matrícula que estiverem no Japão, os quais poderão vir ao Brasil desobrigados deste dever - qualquer que seja o resultado da inspeção para este fim, salvo os que já se encontram em regime de prorrogação*

20 Hidekazu Massuda, em seu livro Emeboi Jissu-shi (História do Instituto Prático de Agricultura de M'Boy, São Paulo, 1981) faz uma detalhada exposição da origem e desenvolvimento da escola até 1936, quando foi fechada, além de tratar do destino de seus integrantes.

de prazo para incorporação". Quanto as disciplinas integrantes do curso, estava escrito: "As disciplinas do curso mantido pelo Instituto são: Moral, Língua portuguesa, Noções Gerais sobre o Brasil, Legislação, Agricultura em geral, Noções de manutenção de grupos agrícolas e respectiva administração, Contabilidade Agrícola, Agrimensura e Cartografia, Elementos de Engenharia Civil, Higiene, Artes Militares e Prática geral do trabalho relativa ao aprendizado, consolidando-se o seu aspecto teórico."

A inclusão de privilégios relativos ao cumprimento de obrigações militares, bem como a presença da disciplina "Artes Militares" no curriculum do Instituto, levaram José Sant'Anna a enfatizar sua "reprovação às atribuições militares do Instituto", expresso na página 318 de seu livro. Devemos notar, contudo, que a visão de Sant'Anna se incluía num nacionalismo brasileiro dominante na época da concepção de sua obra e, além disso, a idealização do M'Boy estava envolvida num nacionalismo que dominava os japoneses na fase de constituição do Instituto. De qualquer modo, uma disciplina rígida, hierarquizada, de coloração nipônica e orientada para a formação de líderes era a marca da instituição, aspectos que atraíam os imigrantes que almejavam um futuro de sucesso para si e para seus descendentes.

Com perseverança inédita na ocasião, pai e filho procuraram o administrador da fazenda onde trabalhavam com a intenção de pedir auxílio para que o jovem Hiroshi fosse

estudar naquele Instituto. O administrador os levou ao dono da fazenda que se mostrou receptivo à idéia, dizendo jamais ter recebido solicitação semelhante. Conferiu apoio e forneceu a Hiroshi algum dinheiro para sua vinda a São Paulo.

### A descoberta do Brasil

Correram os preparativos e Hiroshi Saito veio em busca de seu sonho na capital paulista. Tinha como bagagem um baú de cana da Índia dentro do qual trazia o que conseguiu selecionar de melhor entre os guardados da família, incluindo roupas do pai e um par de polainas.

Anos depois, contaria repetidas vezes aos filhos aquele que foi o momento de sua "descoberta do Brasil". Chegando a São Paulo, descia a avenida São João maravilhado pela paisagem urbana. Olhava os prédios, pessoas e veículos com o entusiasmo de quem participa de sua primeira grande festa. Em dado momento, contudo, abstraiu-se de todo aquele cenário e se deu conta da própria figura: o terno do pai - um pouco desajustado - e as polainas... enquanto todos usavam sapatos. Sentiu-se diferente, ridículo mesmo. Muito esforço seria necessário para compartilhar aquele mundo que

acabava de descobrir. Teve certeza, mais uma vez, que o estudo seria a arma de sua primeira conquista: um lugar privilegiado na sociedade brasileira. O ingresso no Instituto era o primeiro passo.

Conta o Sr. Nori Sakai, motorista do Instituto M'Boy, que alguém havia comentado com ele, no ano de 1935: "*voce está vendo aquele rapaz, ele é muito inteligente, é o melhor aluno da turma dele*" (entr. em 21.03.93). Na verdade, Hiroshi Saito não tinha escolaridade suficiente para ingressar na Escola. Viera do Japão com apenas o primeiro grau completo (de 1926 a 1932, seis anos de escola equivalentes ao primário e ginásio brasileiros na época). Haviam sido necessárias algumas intervenções, inclusive do dono da fazenda onde trabalhara para que fosse aceito de modo a frequentar o curso. Quanto ao acompanhamento do ensino, mostrou-se exemplar.

A rotina de Saito no Instituto incluía aulas e trabalho durante o dia e exaustivas leituras à noite. Desde a chegada a São Paulo, Hiroshi Saito se convencera de que, em primeiro lugar, precisaria dominar a língua portuguesa; a seguir, história e costumes do País. Pensava ele serem estes os primeiros passos para conseguir integrar-se ao meio social brasileiro e abrir as perspectivas de sucesso futuro.

O período em que frequentou o M'Boy marcou todo o resto de sua vida, fornecendo inclusive parâmetros de

procedimento sobre os quais viria a basear-se em tempos futuros, enquanto mediador nas relações Japão-Brasil.<sup>21</sup>

Algumas proezas de Hiroshi Saito em seu período no Instituto tornaram-se conhecidas, tendo o Sr Hidekazu Massuda, em seu livro *Emeboi Jissôjô-shi* (História do Instituto Prático de Agricultura M'Boy), feito referências àquele destacado membro da instituição. A principal delas refere-se ao empenho de Saito em ler todos os livros da biblioteca do M'Boy, fato sempre mencionado por parentes e amigos nas entrevistas realizadas.

Formado no M'Boy, Saito se emprega como redator da revista *Noqyô no Burajiru* (Revista de Agricultura Brasileira), época em que, como narra sua filha, "ele dizia que foi a única fase de sua vida em que achava que sabia tudo" (entr. em 12.11.91). De fato, Hiroshi tinha incorporado a altivez que acompanha os japoneses das décadas de 1920/30, embora fosse bem sucedido, até o final da vida, em demonstrar flexibilidade quanto as suas idéias. Alguns de seus amigos apontam que aquela característica dos japoneses de sua geração voltaria a aflorar em tempos futuros, sobretudo e, especialmente, nos relacionamentos com outros japoneses e descendentes.

---

<sup>21</sup> Na formação das diretrizes a serem implementadas pela Associação de Intercambio Japão-Brasil, que viria a fundar no fim dos anos 70, sendo esta sua última realização em vida, Saito imaginaria um programa de "estágio" para jovens japoneses no Brasil a partir de suas experiências no M'Boy. Mais detalhes constam no cap. III, à frente.

Um dos antigos proprietários do periódico, Tsunezo Sato (em entrevista realizada em 29.06.93) <sup>22</sup> conta que a revista era dedicada à difusão de técnicas agrícolas e à informação geral dos agricultores de ascendência japonesa. Sua distribuição ocorria em todo o país, onde quer que houvesse japoneses, afirma.

O próprio Sr. Sato, contudo, aponta que a revista passava, cotidianamente, por serios problemas financeiros sendo posta em circulação sempre com dificuldade. Teve suas portas fechadas quando da proibição de Vargas a publicações em língua estrangeira no Brasil.

As medidas de nacionalização do governo brasileiro, entre elas as restrições à circulação de publicações em língua estrangeira, tiveram grande impacto na colônia japonesa no Brasil, influenciando decisivamente em seus rumos nos anos seguintes. Determinariam a postura de muitos japoneses durante e no período logo posterior ao da Guerra. A intensidade dos acontecimentos é descrita por Handa da seguinte forma: *"Eles sofriam o impacto das medidas de nacionalização do governo brasileiro: era como se pedisse o*

---

<sup>22</sup> Tsunezo Sato, historiador e jornalista, entrou como redator na revista em 1927, chegando a proprietário em 1933. Nesse ano, visitou o Japão na tentativa de obter financiamentos que pudessem garantir a sobrevivência do periódico. Não foi bem sucedido, deixando seu cargo para exercer, posteriormente, outras atividades. Saito viria a ingressar na revista em 1936, algum tempo depois do Sr. Sato retirar-se de seu cargo diretor.

*suicídio espiritual de um povo.*" (Handa, 1987:600) Há que se fazer, contudo, uma ressalva nesse particular.

Como apontam Yamashiro, Uchiyama e Tajiri (in. Comissão, 1992:236 e ss.), os imigrantes nipônicos constituíam "*um pequeno Japão dentro do Brasil*". Nesse sentido, durante o período da Guerra, representavam uma ameaça ao País, levando as autoridades brasileiras a acautelarem-se quanto a eventuais problemas que os japoneses poderiam causar num Brasil mobilizado pelo conflito mundial. O impacto destas medidas que restringiram a circulação de periódicos em língua japonesa, contudo, produziu efeito inverso. A maioria dos japoneses, não dominando a língua portuguesa, ficou sujeita à veiculação clandestina de informações que, manipuladas e reordenadas, ao mesmo tempo que vinham ao encontro de seu imaginário e expectativas, disseminaram pela colônia a crença de uma vitória japonesa na II Guerra Mundial e favoreceram o surgimento e ampliação da *shindô-renmei*, como veremos à frente.

Depoimentos da família e de amigos indicam que Saito teria trabalhado na *Nogyô no Burajiru* até que, em 1936, depois do casamento da segunda irmã, o pai o chamou de volta ao interior. O motivo era, por um lado, a necessidade de mais um braço para o trabalho na lavoura que substituísse o da recém-casada; por outro, a necessidade de prestar auxílio à mãe, Sra. Michie, cujo estado de saúde começava a inspirar cuidados.

Do ponto de vista de Hiroshi Saito, provavelmente um terceiro fator se unia aos dois mencionados: o esgotamento de suas possibilidades como jornalista numa imprensa que começava ser pressionada pelas injunções políticas da década.

A partir dos anos 30, até o período da Guerra, os imigrantes se viram prensados entre dois nacionalismos: o japonês e o brasileiro. Os nisseis estavam entre "dois penhascos", ilustra José Yamashiro em Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil (Comissão, 1992:170-187). Naquele contexto, um grupo de jovens *nikkei*, respondendo àquela situação sufocante, arriscava uma tomada de atitude radical expressando o que acreditavam (e esperavam ser) sua condição identitária. Lançaram forte apelo às idéias de pátria e cidadania, constituindo um dos movimentos mais importantes até então realizados no interior da colônia para responder aos dilemas propostos por ambos os nacionalismos.

Ainda alheio a essas questões que, anos mais tarde, dominariam seu pensamento, Hiroshi Saito voltava ao interior. Havia sido gestado dentro da colônia japonesa, no estudo e no trabalho, envolto em ideais nipônicos, embora tivesse sentido a necessidade de compartilhar o mundo brasileiro e desvendá-lo. Assim, pouco antes de deixar a capital paulista, de volta à casa paterna, ocorria em São

Paulo o "incidente crisântemo", ou "fato do crisântemo" como a ele prefere referir-se Tomoo Handa (1987).

O incidente crisântemo e o surgimento  
de uma nova dimensão nacional

Em outubro de 1935, no n.1, ano 1 do jornal estudantil Gakusei, órgão da Liga Estudantina Nipo-Brasileira, sediada em São Paulo, um universitário de nome Cassio Kenro Shimomoto, presidente da referida Liga, publicou um artigo intitulado "Nossa Mentalidade". Nesse artigo, entre outras idéias, escrevia: "*Como poderemos amar a terra dos nossos antepassados? Se nem a conhecemos? Podemos ter quando muito um sentimento de respeito pela pátria de nossos pais, mas nunca a idéia de patriotismo pela terra dos crisântemos*" (apud. Comissão, 1992:171).

A expressão "terra dos crisântemos", naquele contexto, foi considerada como um grande desrespeito ao Imperador. Originou protestos entre os mais nacionalistas da colônia chegando a fazer com que o Sr. Shimomoto se demitisse da presidência da Liga. A questão foi levada ao Consulado Geral, para onde os membros da entidade foram chamados a dar explicações. Receberam, ainda, em sua sede, a

visita de elementos radicais inconformados que faziam exigências ameaçadoras para que fossem fornecidas desculpas formais pelo ocorrido (Comissão, 1992:172). José Yamashiro, membro da Liga e editor de "Transição", depõe sobre o ocorrido nos seguintes termos: "Aquele publicação ocorreu em português, sendo depois traduzida para o japonês. Alguns elementos radicais não gostaram porque naquele tempo, mesmo aqui na colônia, a imprensa tinha que tomar muito cuidado quando se referia à família imperial. (Se fossem consideradas ofensivas)... estavam sujeitos a apanhar ou a ver quebrarem o jornal... Houve alguns indivíduos que não gostaram daquela onda nacionalista que imaginavam ser contra o Japão e foram reclamar com o diretor da revista e com o consulado" (entr. em 14.07.93).

Tomoo Handa, ao analisar o evento, escreve: "... o que quero registrar é que com o 'fato crisântemo' ficava claro que se iniciava o processo de conscientização e tomada de posição dos nisseis. Até então os imigrantes isseis achavam que o futuro do nisseis dependia da vontade deles e, por isso, preocupavam-se com a educação e com o ensino da língua japonesa; sugeriam a submissão ao Brasil e o amor ao Japão; a cultura da alma japonesa e dos talentos brasileiros, sendo seu ideal a construção de uma personalidade dual para que fossem profissionalizados e socializados para a sociedade brasileira, mantendo, porém, o sentimento japonês, cujos valores foram totalmente contestados pelos filhos que se afirmavam brasileiros, que

*respeitavam o país de seus pais mas que amariam o Brasil. E seu patriotismo consistia em amar o Brasil como brasileiros. Manifestaram fielmente sua posição, a de que quanto ao seu futuro eles é que decidiriam. Nesse contexto é que considero o 'fato do crisântemo' um marco na história da colônia" (Handa,1987:624).*

Estavam assim explicitamente delineadas, já nesta época, as preocupações dos japoneses e descendentes quanto à identidade, pátria, cidadania e nacionalidade. Verifica-se, também, que a idéia de transnacionalidade já se fazia presente. A intenção dos primeiros imigrados japoneses, ao pensarem em se radicar no Brasil, era de se tornarem simplesmente transnacionais, formando um pequeno Japão no País que adotaram. Seus filhos, contudo, sinalizavam para o desejo de se constituírem como nacionais brasileiros, atendendo ao País onde haviam nascido e pelo qual acreditavam dever fidelidade.

A situação destes últimos não podia, por certo, ser definida em termos tão simples. Eram ainda predominantemente transnacionais em sua maioria, iniciando um duro caminho que acreditavam levá-los a constituir-se como nacionais brasileiros. Começavam, por outro lado, a construir uma relação afetiva com o Brasil que passavam a denominar como sua pátria. Esta construção viria, simbolicamente, ancorar-se em elementos que passariam a adotar e, num esforço continuamente renovado, a "gostar". Um

deles, conforme já nos referimos, foi a comida. Outro da mais profunda importância foi o domínio da língua portuguesa. Muitos dos entrevistados *nissei* que ingressaram em escolas brasileiras nas décadas de 40, 50 e até mesmo no início dos anos 60 foram severamente penalizados em sua convivência social pelo fato de não dominarem plenamente o idioma praticado neste País. Um exemplo torna-se especialmente esclarecedor.

Um *nissei*, já nos anos 50, viu sua professora primária ler em voz alta, para desfrute sarcástico de toda a classe, a redação de sua autoria que iniciava com afirmação semelhante a "Meu nome (...) é". Esta frase, construída com palavras de origem portuguesa, conservava a estrutura do japonês que aquela criança ainda não diferenciava do idioma local. A exposição ao ridículo originada neste e em prováveis outros eventos verificados em sua vida naquele período provocou neste, assim como em diversos outros indivíduos, uma peculiar adoção de elementos brasileiros e japoneses em seu cotidiano, assim como peculiares foram os projetos que fez quanto aos filhos e ao seu próprio futuro.

Atualmente, este indivíduo é reconhecido pela habilidade com que prepara o churrasco, momento em que exhibe eficiência semelhante à de quando pratica *golf*, um dos esportes mais populares entre os nipônicos. Impediu os filhos de aprenderem o japonês como língua principal, valorizando decisivamente o português. Projetou para estes

e, em especial, para o primogenito, um futuro "nipo-brasileiro" que sobreviria por meio de um casamento com moça *nikkei* (veladamente desejado) e uma complementação do aprendizado profissional no Japão. Destacou-se nos estudos no Brasil, terra que, sob qualquer hipótese, não pensa em deixar. Define-se como brasileiro e tornou-se pessoa importante junto a empresas japonesas neste País. Sua trajetória, aparentemente contraditória, é paradigmática das tendências nacionais e transnacionais que acompanham a vida dos *nikkei* brasileiros.

O significado de transnacional, conforme indicado anteriormente, aponta para uma nacionalidade que busca existir para além das fronteiras territoriais de um Estado. O conceito de transnacionalidade, por sua vez, iria adquirir significado mais apreensível, indicando claramente a existência de conteúdos semânticos superpostos (nacional/transnacional) na constituição identitária dos indivíduos apenas alguns anos mais tarde, depois da Guerra, com o desenvolvimento das relações político-econômicas e jurídicas entre o Brasil e o Japão, dentro do contexto mais amplo das relações internacionais.

Ainda quanto ao "fato do crisântemo" e suas repercussões, continuava Handa em sua análise: "Embora, porém, uma minoria de *nisseis* tivesse se desenvolvido a ponto de pensar com posicionamento próprio, a maioria não chegava ainda a encarar o problema educacional dos *nisseis*

*do ponto de vista do nissei, e os "isseis" apenas começavam a entender este novo posicionamento. De qualquer maneira, aqueles que se sentiam ameaçados e desestabilizados com a nova consciência dos nisseis, passaram a enfatizar ainda mais a importância da educação japonesa, como uma contra-reação à tomada de consciência por parte dos nisseis."*  
(id.:624)

Caberia, portanto, ao tempo e à sucessão histórica dos acontecimentos políticos, econômicos, jurídicos e sociais, o delineamento mais preciso desses conceitos que, atualmente, vêm a parametrar a postura dos nikkei.

Não há referências, conforme mencionado anteriormente, de que Saito tivesse qualquer participação no "incidente crisântemo", ou mesmo que partilhasse das idéias daquele grupo de estudantes. Apenas no futuro viria a dialogar com aquelas tendências, ampliadas e acrescidas das outras que emergiriam das experiências da Guerra.

Acrescente-se àquele fato o de que Hiroshi Saito, embora tivesse lido muito sobre a sociedade brasileira, não tinha realizado, até aquele momento, um contato mais profundo com brasileiros que pudesse, eventualmente, fazê-lo pensar-se como tal. Pelo menos, não com a intensidade da ocorrida com os membros da Liga Estudantina, ou ainda como alguns de seus amigos, destacados intelectuais da colônia também preocupados com as questões identitárias de japoneses

e descendentes.

Os membros da Liga Estudantina eram estudantes que frequentavam cursos superiores, ginásios, escolas normais, de comércio e profissionais, liceus etc. Eram japoneses ou filhos de japoneses (então chamados "danisei"). Aos que tinham vindo ainda muito criança, atribuiu-se a denominação "jun-nisei" ("quase nisei"). Muitos dos integrantes da Liga se reencontraram em 1989, tendo sido partes de seus depoimentos registrados na coletânea organizada pela Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil (Comissão, 1992).

A propósito daquele encontro, destacamos, na referida coletânea, a seguinte reflexão: *"durante a reunião, foi observado que tal maneira de pensar - ou seja, a proclamação de brasilidade por parte dos danisei - não representava o pensamento da maioria dos jovens nipo-brasileiros do interior, onde, nos maiores núcleos coloniais, muitos deles eram criados e educados como súditos nipônicos. A mudança de mentalidade da maioria dos imigrantes, em relação à orientação educacional dos filhos brasileiros, ainda demoraria até o fim da II Guerra Mundial."* (id.:182) Vemos, assim, que o contexto que orientava as atitudes dos membros da Liga era ainda diverso do vivenciado por Saito.

### Trajetórias paralelas

Quanto ao círculo de amigos de Hiroshi Saito, ainda a ser formado, destacamos os casos do próprio Tomoo Handa e de Takeo Kawai (entr. em 29.08.92 e 11.12.92, respectivamente). Ambos demonstraram não ter desenvolvido uma relação próxima com brasileiros quanto os membros da Liga, embora sua formação, diferentemente da de Saito, tenha se dado em meio a grande contato com brasileiros.

Os Srs. Handa e Kawai se conheceram por meio das atividades do pastor protestante Midori Kobayashi que formava, em torno de si, um dos ambientes de contato entre Japão e Brasil. A presença de indivíduos que aglutinavam jovens japoneses com a finalidade de orientá-los era frequente. Seriam decisivos na formação dos "intelectuais da colônia", como veremos à frente quanto às atividades desenvolvidas, entre outros, por Senichi Hachiya. <sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> São inúmeros os círculos de japoneses que foram se formando em torno de pessoas de destaque na colônia, sendo que alguns deles chegaram a dar origem a instituições. Os primeiros japoneses a aportar no Brasil criaram esses círculos (como atesta Handa, 1986). A estes, seguiram-se diversos outros, dando origem e incentivo aos diversos "kai" (sociedade, associação, grupo) que viriam a povoar a vida dos japoneses e descendentes no Brasil. Senichi Hachiya, próspero comerciante e um dos maiores incentivadores do desenvolvimento intelectual de Saito, formaria, por exemplo,

Em O Imigrante Japonês, história de sua vida no Brasil (1987), o próprio Handa, provavelmente com base em sua própria experiência, lembra a importância daqueles personagens, alguns chegados antes mesmo do Kasato Maru. Diz Handa: *"Não podemos nos esquecer do relevante papel desempenhado pelos primeiros japoneses que vieram para São Paulo, por volta de 1906, enquanto orientadores dos imigrantes conterrâneos que aqui chegaram posteriormente (...). É interessante destacarmos que todos eles, de uma forma ou de outra, abriram caminho para a expansão profissional de seus conterrâneos"*. (Handa, 1987:152-153)

Tomoo Handa, que inicialmente chegou a frequentar a escola de comércio determinado a proteger os japoneses dos abusos de comerciantes inescrupulosos, acabou encontrando sua verdadeira vocação na pintura. Tornou-se artista reconhecido e, no período de juventude, em São Paulo, chegou a frequentar a vanguarda artística paulistana introduzido e acompanhado por Mário de Andrade, com quem travara contato.

o "*Hachiya-kai*", assim como fariam Kenkichi Shimomoto, presidente da Cooperativa Agrícola de Cotia, e muitos outros.

Os autores que se dedicam ao estudo da colônia japonesa mencionam necessariamente os diversos "*kais*" que pululam entre japoneses e nipo-brasileiros, bem como seus papéis. Assim fizeram Vieira (1973), Mita (1986) e Cardoso (1959), entre outros. José Sant'Anna do Carmo (1956) apresenta os "*kais*" de modo raras vezes tratado pela bibliografia em língua portuguesa sobre os japoneses e seus descendentes no Brasil. Aponta para a origem gregária dos japoneses e, afora o tom nacionalista da época em que escreveu sua obra, fornece subsídios importantes para se compreender do surgimento e manutenção de uma estrutura como a da "*shindô-renmei*", apresentada no capítulo segundo desta dissertação.

Afirma: "fiquei conhecido e também amigo de Mário de Andrade, que ajudou muito na minha primeira exposição de pintura. Toda semana eu ia na casa dele, em Santa Cecília (...) conversávamos sobre arte e outras coisas." (entr. com Sr. Handa em 27.08.92, confirmada pelo Sr. Kawai, entr. em 11.12.92).<sup>24</sup>

Takeo Kawai, por intervenção do pastor Kobayashi, foi apresentado a William Wadell, então presidente do Mackenzie College, onde estudou engenharia. Tornou-se o primeiro imigrante japonês a obter diploma em nível superior no Brasil. Muitos de seus colegas eram também descendentes de imigrantes de diversas origens, portadores de sobrenomes que hoje já se integraram ao panorama do Brasil nas áreas empresarial, cultural etc. Foram seus contemporâneos indivíduos das famílias Passareli e Mindlin, por exemplo, entre outras.

---

<sup>24</sup> Em Vida e Arte dos Japoneses no Brasil, Cecília França Lourenço aponta a ligação de Handa a Mário de Andrade como "contatos muito circunstanciais" (1988:16). Contudo, em entrevista a nós concedida, Tomoo Handa indica que os momentos de encontro com Mário de Andrade serviram como importante estímulo à continuação de seu trabalho e possuem hoje um lugar relevante na construção de sua memória. Isto num momento em que, ao falar de si mesmo, narra sua existência selecionando os momentos e oportunidades que, ao se sucederem, constituem (num sentido igual ao que adotamos para o termo) sua trajetória de pintor e intelectual. Assim, temos duas visões que se complementam. A primeira, externa, parte da observação de sua obra, no contexto da produção artística dos japoneses no Brasil, para indicar um fato que nesta perspectiva tem significação restrita mas que situa no tempo e num dado contexto o pintor e intelectual Tomoo Handa. A segunda, de caráter interno, subjetivo, aponta para a internalização do fato por Handa e a importância que assumiu como parâmetro para que ele viesse a se constituir e a se enxergar como pintor e intelectual.

Os depoimentos dos Srs. Handa e Kawai, contudo, indicam uma ruptura no momento da Guerra. Tomoo Handa refere-se, quando perguntado diretamente a respeito de suas amizades depois dos anos 40: "Eu tinha muitos amigos no Brasil, depois a Guerra estragou tudo... O diretor do teatro São Mateus, Paulo Magalhães... conheci também Oswald de Andrade. Outro, muito famoso, na época alto e magro, da Bahia: Jorge Amado ... (pessoas que) ia conhecendo na casa de Mário de Andrade" (entr. em 27.08.92) Takeo Kawai inicialmente, fala com entusiasmo de seus colegas faculdade, reencontrados em jantares comemorativos dos aniversários da formatura, restringe a narrativa de sua vida no período posterior à Guerra, ao trabalho na Cooperativa Agrícola de Cotia e no Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, onde foi uma dos membros de maior relevância.

O que chama a atenção em seus discursos é o fato de indicarem que circulavam entre brasileiros, embora nunca tivessem chegado a confundir-se com eles, como pretendem os membros da Liga em seus depoimentos. Ao tratarem de sua vida e relacionamentos estabelecidos no pós-Guerra, contudo, os discursos mudam de tom. No período que sucede à II Guerra Mundial, demonstram ter desenvolvido suas atividades, sobretudo profissionais, "para dentro da colônia", mais do que "abrindo-se" ao Brasil.

A medida que eram colhidos depoimentos de

contemporâneos de Saito, seus colegas ou amigos, a ideia de ruptura se repetia em intensidade semelhante. Assim ocorreu com as narrativas de Tsunezo Sato, Hidekazu Massuda e Teiti Suzuki, além das de Tomoo Handa e Takeo Kawai. Um dos entrevistados, neste particular, mesmo tendo se naturalizado no tempo de estudante, confidencia que embora se considere membro das duas nações, que "parece que, com os anos, fui ficando mais japonês". A seu ver, com o avanço da idade, ocorre uma necessária "volta às origens".

No grupo de intelectuais contemporâneos de Saito, apenas o discurso de José Yamashiro representa uma voz dissonante quanto a um constrangimento que a Guerra provocado. A divergência das afirmações do Sr. Yamashiro é significativa quando temos em conta que, embora seja da mesma faixa etária e desfrute do mesmo prestígio daqueles intelectuais, trata-se já de um nissei (nasceu em Santos em 20.04.1913), filho de imigrantes okinawanos. Era, portanto, cidadão brasileiro desde o início e a ascendência okinawana o levava ao convívio brasileiro vista a discriminação (sutil aos nossos olhos) a que são submetidos os indivíduos desta origem entre os japoneses.<sup>25</sup>

<sup>25</sup> Este fato ainda hoje pode ser verificado quando da análise dos relacionamentos estabelecidos entre as diversas entidades nipo-brasileiras. Em Suzano, por exemplo, existe atualmente uma delicada relação entre a Associação Nipo-brasileira (que congrega a representação de todas as províncias japonesas, inclusive a de Okinawa) e a de okinawanos (que constituem uma associação ao mesmo tempo integrada na mencionada Associação Nipo-Brasileira e paralela a esta). A Associação de Okinawa, não só pelo número significativo de seus membros, goza de autonomia sutilmente estabelecida, estando imersa num conjunto de diferenciações construídas por ambas as partes.

Se, objetivamente, a ruptura que apontamos nos depoimentos de intelectuais japoneses no Brasil possa não ter se verificado, no plano subjetivo, ela foi perceptível e profunda. A julgar pelos discursos daqueles intelectuais japoneses que desenvolveram suas atividades no Brasil e que, até o início dos anos 40, se colocavam como polos de contato com brasileiros, a experiência da Guerra seria a barreira que os prenderia definitivamente ao ambiente de seus patricios, orientando de forma decisiva seu trânsito na sociedade brasileira.

Assim, a partir das evidências recolhidas nos discursos dos entrevistados, foi-se confirmando a procedência em tratar a Guerra e seu impacto (apresentados com detalhe no capítulo seguinte) como elementos-chave para a compreensão do desenvolvimento de elementos de referência para as formulações de identidades sociais dos japoneses e descendentes nas décadas de 1950 a 1990.

Hiroshi Saito, conforme mencionado, era nascido no Japão e vinha sendo "gestado dentro da colônia", em certa medida, por interesses japoneses de modo nem sempre semelhante ao dos outros intelectuais, seus contemporâneos. A Guerra, contudo, também balizaria, decisivamente, suas atitudes. Seu contato com a sociedade brasileira, que queria conquistar, teria fatalmente de realizar-se por intermédio

da colônia japonesa no Brasil e do próprio Japão. A peculiaridade de sua trajetória estaria na condução singular que imprimiu aos fatos que o envolveriam. Passaria a assumir a origem étnica e a imigração ao Brasil, assim como pretenderia, ao menos publicamente, assumir a necessidade e inevitabilidade de inserção na sociedade brasileira.

A II Guerra Mundial e, principalmente, a difícil apreensão de seus resultados por parte dos japoneses e seus descendentes no Brasil seriam, portanto, o grande evento transformador da consciência e das atitudes daquele contingente de indivíduos, alterando-lhes, substancialmente, os rumos a serem seguidos no futuro.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> O período da guerra e o impacto da derrota japonesa na mente dos imigrados teriam o efeito de um ritual, enquadrando-se na tipologia elaborada por Victor Turner em Q processo ritual (1974). Lançados na "liminaridade" durante o período da Guerra, as disputas observadas na segunda metade da década de 40 configurariam como um rito a imprimir-lhes nova condição identitária na "comunitas" dos anos 50 e 60. Impressões semelhantes ocorreram já entre os primeiros imigrantes conforme aponta Handa (1987:22-23).

## CAPITULO II

### A EXPERIENCIA DA GUERRA E OS NOVOS RUMOS

#### O casamento e a vida na capital

Em 1936, Hiroshi Saito retornava ao interior atendendo ao chamado do pai que precisava de ajuda no trabalho agrícola. Sua irmã, Chissako, havia se casado em 11 de julho de 1935 deixando, portanto, de prestar assistência aos parentes. A família Saito, a exemplo de muitas outras de imigrantes nipônicos, vinha mudando constantemente o local de residência<sup>27</sup>. Haviãam os Saito passado da lavoura do café

<sup>27</sup> Como mostrou o proprio Saito especialmente em \_\_\_\_\_ japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação (1931) e em

à do algodão. Procuravam segurança e perspectivas de alguma autonomia. Moravam, naquele período, na Fazenda Monte Belo, em Santa Cruz do Rio Pardo, onde geriam uma pequena porção de terra arrendada.

Entre o momento de seu retorno à fazenda e o ano de 1940, quando se casaria, Hiroshi esteve algumas vezes na capital. Consta que, em 1937, teria inclusive residido por alguns meses em uma pensão. Não há notícias precisas de suas estadas em São Paulo. Existem indicações, contudo, de que teria escrito artigos para revistas de circulação no interior da colônia, como uma resenha do livro Casa Grande Senzala, de Gilberto Freyre, publicado em 1940 na revista Shizen (Natureza).

Forçado, então, a se estabelecer na fazenda e a ligar-se novamente à agricultura, Hiroshi pôs em prática, no trabalho cotidiano, a típica dedicação japonesa que marcara sua formação. Conta a filha que "... se ia ficar no interior, tinha que ser o melhor e fazer a melhor plantação" (entr. em 11.01.91). Nesse sentido, narra a viúva (entr. em 04.04.93) que os Saito, nos anos seguintes, quando conseguiram se estabelecer em regime de parceria, ficaram conhecidos por implementar um novo método no cultivo de algodão. Motivados pelas ideias do jovem Hiroshi, introduziram uma forma de sustentação dos pés até então

---

"Mobilidade e Assimilação de Imigrantes Japoneses" (in. Saito e Maeyama (orgs.), 1973:467-474).

desconhecida por aquelas paragens. Lembra a filha "dele contar que, na região, eles tinham conseguido a maior produtividade." (entr. em 04.04.93)

O trabalho na agricultura que os imigrantes realizavam arduamente apoiava-se sobretudo na estrutura familiar. A própria vinda dos imigrantes ao Brasil já se estruturara nesses termos (Saito, 1961:62, entre outros). Hiroshi Saito auxiliava seus pais que começavam a mostrar sinais de debilidade física. Estabelecer-se no Brasil, enfrentando a "irracionalidade da vida nas fazendas" no período inicial, como aponta Handa (1987:XIX), e as longas jornadas de trabalho na tentativa de construir perspectivas em meio a todo tipo de adversidades, tal com que Torao e Michie Saito começassem a apresentar sinais de fraqueza, prenúncio da doença que os acometeria.

A Hiroshi, o primogênito, cumpria arcar com a manutenção da estrutura familiar, cuidando dos pais e preparando o futuro do irmão mais novo. Um casamento, nesse contexto, era plenamente desejável. Seu cunhado, Kikutaro, incumbiu-se de realizar o *miai*, indicando uma jovem que pudesse ser boa esposa. A escolhida vinha de uma família conhecida do Sr. Kikutaro, chamava-se Shizu e, por coincidência, chegara ao Brasil no mesmo navio *Africa Maru* que trouxera os Saito ao País.

As palavras da Sra. Shizu sintetizam as tratativas

do casamento: "Quem trouxe o assunto foi Kikutaro-san, mesmo com vinte e poucos anos. Normalmente é pessoa mais velha que vem... (...) Veio conversar em março e em junho eu já casei. (...) Acabou a colheita de algodão, já casei porque lá no interior tinha que ser assim, né? (...) No tempo da colheita não dá para fazer nada. (...) Meu pai ficou muito chocado com essa história de casamento. Sentiu que estavam jogando um balde de água fria na cabeça dele. Esse foi o comentário que ele fez." (entr. em 04.04.93) Casaram-se em 30 de junho de 1940. Tinha ela 17 anos e Hiroshi, 21. <sup>20</sup>

A Sra. Shizu era filha de Ko Hashimoto Aoki Hashimoto, casados por procuração enquanto aquele trabalhava numa usina de açúcar em Formosa. "Não na fábrica, no escritório", acrescenta (Sra. Shizu, entr. em 04.04.93). Seu pai havia feito um curso técnico em agricultura antes de se empregar em Taiwan, onde morou por mais de 14 anos. Naquele período, os filhos do casal Hashimoto estudaram em escolas japonesas frequentando círculos sociais de nipônicos, embora a Sra. Shizu afirme que a convivência com chineses não lhes era estranha.

---

<sup>20</sup> Hiroshi Saito uniu-se a Shizu Hashimoto de acordo com os costumes japoneses, reelaborados pelos imigrantes conforme o novo contexto em que se encontravam. Tomoo Handa, ao descrever os hábitos dos agricultores japoneses no Brasil, afirma: "Após a colheita de algodão, o agricultor que não tinha plantação de café fazia uma pausa (...) O casamento era realizado após a colheita. (...) Naturalmente, a cerimônia era em estilo japonês..." (Handa, 1987:243) e segue narrando os detalhes das tratativas, da cerimônia e da festa que a acompanhava. Acrescenta-se ainda a descrição de Handa, tendo em vista os casos analisados, o fato de levar ao conhecimento do consulado japonês mais próximo a união realizada.

São ignorados, mesmo pela filha, Shizu, os motivos que levaram sua família a sair de Formosa e voltar ao lugar de origem, a província de Shizuoka, no Japão. Ali, o pai "*procurou emprego mas não encontrou, né? Então veio para o Brasil.*" (entr. em 04.04.93)

As mudanças de escola e a necessidade de trabalhar quando de sua chegada ao Brasil não proporcionaram à Sra. Shizu um avanço intelectual como o realizado por seu marido, Hiroshi. A diferença do desempenho intelectual de ambos marcaria, em certa medida, a vida do casal. Ele se tornaria, progressivamente, mais aberto à sociedade brasileira em seu cotidiano. Ela cuidaria dos sogros, dos filhos administração da casa até o falecimento do marido. A filha, Fumiko, é a primeira a reconhecer o papel desempenhado pela mãe ao afirmar que Hiroshi Saito "*viveu do modo que ele gostava e queria, mas isso só foi possível porque minha mãe cuidava de toda a estrutura.*" (entr. em 11.01.91) Por vias muito peculiares, um lar tipicamente japonês se formava para que o marido, no futuro, ingressasse na vida do Brasil.

Hiroshi, como foi mencionado por diversas vezes, era o filho mais velho, o "chōnan" de sua família. Em consequência, relata a Sra. Shizu: "*... eu tive que morar com sogro, sogra, cunhada e irmão mais novo, né?*" (entr. em 04.04.93) A época em que se casaram, Michie Saito, já estava doente.

A doença de sua mãe, Michie, vinha causando grandes transtornos financeiros a toda a família Saito. Hiroshi decide, então, procurar emprego em São Paulo, para onde passa a se deslocar com frequência. Consegue emprego na Câmara de Comércio Japonesa, presidida, na época, por Senichi Hachiya, indivíduo que viria a se tornar um dos grandes protetores de Hiroshi e uma das principais influências em sua vida.

Logo depois do nascimento do primeiro filho, Motoshi, em abril de 1941, Hiroshi Saito leva à capital paulista a esposa e o recém nascido. Este foi o único de seus filhos que registrou numa representação japonesa no Brasil, sendo, portanto, o único duplo-nacional da família. Moraram, inicialmente, num quarto cedido por um amigo na rua Costa Aquiar n. 1924, no Ipiranga. Poucos dias depois, alugaram um cômodo na rua Dr. Mário Vicente, 887, no mesmo bairro. Passavam por um período repleto de privações.

Naquela ocasião, Michie Saito foi internada na Sociedade de Beneficência Santa Cruz (hoje o Hospital Santa Cruz) e submetida a uma operação que, devido ao estado avançado da doença, não chegou a prolongar-lhe a vida. Faleceu em junho daquele ano, vítima das complicações originadas por um câncer no estômago.

Então viúvo e também com a saúde plenamente

debilitada, Torao Saito veio juntar-se a Hiroshi e sua família em São Paulo, acompanhado do filho mais novo, Fukashi, em 11 de maio de 1942. Em julho do mesmo ano, mais uma mudança de endereço. Estabeleceram-se na Rua Ribeiro do Amaral, 210, no Ipiranga.

Hiroshi, num de seus cadernos, faz a cronologia daqueles últimos meses que passou em companhia do pai:

- "1942 Maio, 11. Papai vem a São Paulo  
 " Junho, 4. Operação no Hospital Sta Cruz por  
 Drs. José Freitas e Katsuro Yagui. "Cano  
 " Outubro. Retirou-se do hospital, tratando em  
 1943 Abril, 3. Sem apetite. Aplicação de glicose p.veia  
 " Abril, 4, 5 horas. Falecimento.  
 ..."

Com a morte do pai, fechou-se um ciclo da vida de Hiroshi Saito. Sentia-se entristecido pela ausência dos genitores e desgostoso quanto à vida que levaram. Conta a filha que "ele comentava que os pais haviam vindo para o Brasil e não puderam vislumbrar nada de bom. Nesse sofrimento, acabaram morrendo. (...) Isso foi realmente algo que ele lamentou muito." (Sra. Fumiko, entr. em 05.04.93) Resultaria, então, daquele primeiro ciclo, o desejo de construir alguma coisa que justificasse, a Hiroshi, sua própria existência. Seria o reflexo da guerra o elemento que viria a incorporar, na vida de Saito, premência

ao empenho.

Naquele mesmo ano de 1943, em outubro, nascia sua filha, Fumiko, uma alegria para o deprimido Hiroshi e um símbolo de renovação em sua vida. A menina seria uma grande companheira e talvez sua maior admiradora. Muitos anos mais tarde, auxiliaria na continuidade do trabalho do pai incentivando o intercâmbio entre Japão e Brasil e atuando na Associação criada com a finalidade de estabelecer o contato entre jovens dos dois países, como veremos à frente.<sup>25</sup>

#### Japoneses ou brasileiros? A transição e a dúvida

Em 7 de dezembro de 1941, explodira a Guerra no Pacífico. Os nipônicos, que já vinham sofrendo restrições por parte do governo nacionalista de Getúlio Vargas, tiveram sua liberdade, em grande medida, cerceada. Até então, formavam, como demonstra José Yamashiro, um "pequeno Japão dentro do Brasil" (in. Comissão, 1992:236-244). O "abrasileiramento" progressivo de seus membros, apontado por este autor e por Handa (1986), era ainda inconsistente.

<sup>25</sup> Também em 1943, Hiroshi Saito realizou seu primeiro contato com a sociologia enquanto informante da pesquisa que Emilio Willems realizava sobre assimilação de descendentes de japoneses, que voltaremos a mencionar no próximo capítulo.

Sobre uma viagem a Lins no mês de fevereiro de 1940, escreveu Tomoo Handa: "O que me causou espanto, é que eles apresentavam um ar acabado. Comparados com os japoneses recém-chegados, havia um abasileiramento claramente unilateral. Digo unilateral porque eram pessoas que ainda não haviam conseguido integrar-se na sociedade brasileira como brasileiros. Era um abasileiramento da expressão, dos gestos, das palavras, na aparência, o que caracterizava os nisseis dessa época. (...) Obviamente, falavam o japonês, mas ainda não tinham base suficiente para chegar a absorver alimentos espirituais da cultura japonesa. Falavam português, mas por causa do clima fechado da sociedade japonesa, não podiam adquirir cultura e conhecimento através da língua portuguesa. Eram nisseis de transição, pois ainda não se haviam libertado de uma situação antiga para atingir uma situação nova. Eram nisseis ainda muito nipônicos, o que não os fazia diferir muito dos nipônicos, a não ser pela nacionalidade. Mesmo a nível de consciência, eram mais japoneses que brasileiros" (Handa:1987,630).

José Sant'Anna do Carmo (1956:177-182) descreve os filhos dos imigrantes japoneses daquele período também como uma transição no ciclo de sua adaptação na terra onde nasceram, o que já estaria explicitado no próprio uso do termo *nissei*, ou "segunda geração". Se perguntado quanto ao significado daquela palavra, escreve Santana que "virá, da boca de qualquer japonês, automaticamente, a única resposta, que é: 'segunda geração de japoneses, *shinkoku...*'" (japonês

de país novo) (id.: 177).

Observador externo de uma realidade que lhe era familiar, embora estivesse imbuído do nacionalismo reinante no momento em que concebeu sua obra, José Sant'Anna tentou captar a interpretação nativa do status identitário destes indivíduos, esclarecendo as proposições de Handa (este nascido no Japão) ao afirmar que "para os 'nissei', o 'nissei' não é bem japonês nem propriamente brasileiro, sendo mero ser intermediário, quase indefinível em coisa e outra, incapaz de ser 'ichi-nin-mae' (pessoa completa), sendo, simplesmente, um 'tchu-to-ham-pa', isto é, indivíduo com 'meia capacidade', visto não ter, como japonês, a capacidade de um nipônico criado e educado no Japão, nem como brasileiro, a firmeza personalística que decorre da convicção nacionalística e da plena integração ao meio social em que vive..." (id.:179).

Quanto à identidade destes indivíduos, aponta para "uma espécie de escassez de convicção relativa à própria nacionalidade: 'Nacionalidade', para o nissei, assim, não passa de uma coisa um tanto vaga, imprecisa, confusa, que está entre a japonesa e a brasileira." (id.:179) Tal situação liminar já se esboçara no "fato crisântemo", mencionado no capítulo anterior. Contudo, deixando à margem a coloração nacionalista que José Sant'Anna do Carmo imprime em sua análise, cabe-nos hoje precisar que a confusão detectada por este autor e por Tomoo Handa naquele período

era, efetivamente, indicio da coexistência entre uma situação de nacionalidade e outra de transnacionalidade na formulação identitária daqueles indivíduos. Nesse sentido, é o próprio Sant'Anna quem aponta a origem cultural transmitida pelos ancestrais, juntamente com a disposição de alcançar uma posição no interior da sociedade brasileira, "conforme afirmam e o prova a sua percentagem de fixação em nosso País" (id.:177), no que necessitariam, como apontava Handa (1987:630), dominar aspectos da cultura brasileira. Além disto, mostra Sant'Anna que, naquele momento, "estão juntas, formando um complexo todo especial (...) as duas nacionalidades: a brasileira, imposta pelo 'jus soli' e a japonesa, decorrente do 'jus sanguinis'..."<sup>30</sup> (Sant'Anna, 1956:180)

Tomoo Handa, olhando para seus "patricios" que viam distanciar-se a terra de origem, afirma que, com o término do ingresso de imigrantes e do intercâmbio cultural, os japoneses começaram a se sentir "um povo abandonado" (1987: 630). Em 9 de dezembro, a colônia tomava conhecimento do efetivo início da Guerra. "E quando começa a época do verdadeiro sofrimento dos imigrantes japoneses no Brasil" (Handa, 1987:631). O sofrimento surgia, conforme indicado, do fato de se sentirem os *nikkei* isolados da pátria de

---

<sup>30</sup> "Jus soli" é o princípio jurídico pelo qual a nacionalidade do indivíduo é determinada pelo local de seu nascimento e "Jus sanguinis", aquele pelo qual apenas os filhos de nacionais são também nacionais, vínculo estabelecido "pelo sangue".

origem, privados da exibição de suas peculiaridades culturais e incapazes de estabelecer um diálogo com a sociedade envolvente.

O mencionado abasileiramento se verificava, principalmente, a partir do aspecto econômico, na necessidade de exercer atividades produtivas no Brasil e de relacionar-se com brasileiros na realização do trabalho. Em nada auxiliava os japoneses a suportar as pesadas consequências da Guerra. Faltava-lhes ainda a comunicação necessária com a sociedade brasileira e o acesso à informação em geral.

A proibição de se publicarem periódicos em língua estrangeira e o pouco domínio do idioma português por parte dos imigrados foram, como vimos, alguns dos principais fatores que contribuíram para a formação de incidentes durante e logo após o período da Guerra. "*A deficiência de comunicações permitiu que se tornasse possível a circulação de boatos que satisfizessem as psicoses e neuroses que nasciam de um estado bastante instável*", escreve Handa ao analisar a situação psicológica dos imigrantes durante o período da Guerra (Handa, 1987:643).

Até o dia 15 de agosto de 1945, data final dos conflitos, "*passaram-se três anos e oito meses, período real de Guerra, mas a tensão social e o conflito espiritual prolongaram-se pelos quatro, cinco anos subseqüentes.*"

(Handa,1987:632). Saito, por seu turno, acompanhava atenta e angustiadamente os acontecimentos do interior da colônia. Mesmo sem perceber, seu cotidiano o colocava num caminho de impossível retorno. As amizades e preocupações iniciadas naquele período estabeleceriam seus horizontes futuros.

Foi nos primeiros anos da década de 40, quando Hiroshi Saito trabalhou na Câmara de Comercio Japonesa no Brasil como pesquisador e tradutor que ampliou seu contato com Senichi Hachiya, o presidente da entidade. A empatia entre ambos era profunda; tornaram-se amigos. O experiente Sr. Hachiya entusiasmava-se com a presença do jovem b. apreciava sua companhia, ouvia-lhe as idéias e tomou-o como assessor, motivado, inclusive, pelo domínio que o rapaz possuía da lingua portuguesa.

Hiroshi emprestava ao Sr. Hachiya, além de profunda amizade, reverência filial. Chegou a escrever, sobre aquele seu amigo e protetor, a partir dos diários deixados por este, uma biografia, publicada em japonês sob o título Denki Senichi Hachiya. Este importante personagem na história dos japoneses no Brasil era um prospero importador de produtos do oriente, sobretudo louças e porcelanas. Possuía uma condição econômica privilegiada e status elevado dentro e fora da colônia. Auxiliou na fundação da Câmara de Comercio Japonesa em São Paulo e teve papel importante como aglutinador de jovens interessados em se reunir para a discussão de temas de interesse geral, como também o fizeram

outros membros de destaque na colônia, como Kenkiti Shimomoto, então presidente da Cooperativa Agrícola de Cotia, por exemplo. Se é verdade que Senichi Hachiya contratava os serviços do jovem sem remunerá-lo fartamente, como frisam alguns entrevistados, forneceu apoio a ele nos períodos de maior privação.

A amizade nutrida por Hiroshi para com o Sr. Hachiya demonstrava uma habilidade inata do jovem: a de colocar-se, pela via das ligações de amizade, no centro de importantes redes de relações que dariam um caráter peculiar à sua vida e atividades. Por um lado, se engrandeceria -- os amigos conquistados. Por outro, devido a estes amigos e aos relacionamentos que estabelecia, acabaria provocando, em certas ocasiões, inveja e ressentimentos capazes de se transformar em barreiras às vezes intransponíveis em seu caminho.

Com o fechamento formal da Câmara de Comércio no período da Guerra <sup>31</sup>, a doença do pai, as pressões exercidas

<sup>31</sup> Fechamento formal porque as atividades, desde o início muito escassas e principalmente de cunho social, continuaram mesmo depois de iniciada a Guerra. Na biografia que escreveu de Senichi Hachiya, Saito (1983) aponta que no final de 1925, este personagem biografado nutria profunda amizade pelo cônsul japonês na época, Sr. Akamatsu. Em 1926, fundaram uma cooperativa de comerciantes japoneses. Os associados eram indivíduos que tinham lojas na época. Além de Hachiya, compunham a então denominada *Nihon Shogyô Kumiai* os Srs. Seki, Kondo, Umeda e Kunii, entre outros. O nome da entidade - comenta Saito - era exemplarmente bonito, mas como lá não se exercia praticamente qualquer atividade mais consistente, restringiam-se os membros a tomar refeições juntos. Pelo menos uma vez por mês, iam ao *night-club* Aoyagui, no Jabaquara. Dessa forma, encontravam-se, bebiam e, com este espírito de confraternização, passavam a se

sobre os súditos dos países do "eixo" e a conseqüente impossibilidade de poupar dinheiro, Hiroshi Saito passou por sérias dificuldades financeiras. Em 07 de julho de 1942, conforme mencionado, mudara-se com a família para uma casa na Rua Ribeiro do Amaral. Pouco tempo depois, a eles se uniria o amigo mais íntimo de Saito desde os tempos da Escola M'Boy, Kenjiro Massuda.

Em 23 de julho de 1942 Hiroshi Saito abriu uma charutaria em sociedade com seu irmão e com o amigo Kenjiro. Pensava em garantir um trabalho ao irmão (até então desempregado) e em obter uma renda suplementar com o negócio. Contudo, o desconhecimento das peculiaridades da empresa e a falta de habilidade comercial dos sócios levaram o estabelecimento ao fracasso.

Senichi Hachiya veio em auxílio de Saito, contratando-o como secretário particular, como professor de português de sua filha, Yoshiko, e também para ler e traduzir, diariamente, os jornais brasileiros, notadamente "O Estado de São Paulo". Dessa forma, o mecenato exercido por Hachiya colocava Hiroshi, necessariamente, muito próximo

---

reunir com mais frequência. Em 1942, numa de suas viagens a Poços de Caldas, Senichi Hachiya recebeu, por dois emissários da polícia, a notícia do confisco de sua casa, então localizada na elegante rua Guadalupe. Os mesmos policiais trouxeram, também, uma ordem de fechamento da "Câmara". Inconformados, os associados resolveram fechar a "fachada" da entidade e se transferiram para outro local, onde continuaram a se reunir. Passados os anos do conflito, o Sr. Hachiya acabou reavendo sua casa e a "Câmara" foi reaberta, dando novo sentido à atuação da entidade.

à informação sobre os acontecimentos da Guerra.

Todas as manhãs, narra a viúva, Hiroshi ia à residência de "Hachiya-san" exercer as atividades a que se comprometera. As tardes, ia a alguma biblioteca ou voltava para casa onde também se dedicava compulsivamente à leitura. "Se tem uma coisa que eu devo dizer, é que eu nunca vi meu marido parado, assim..., ele tinha sempre um livro na mão..." (entr. em 04.04.93, reafirmando o exposto em Saito,1984:239) Começava a nascer o intelectual, um pensador do mundo nipo-brasileiro.

#### Os tempos da Guerra

A partir de 1942, formou-se uma atmosfera ruim para os japoneses. Em Belém, naquele ano, foram registrados ataques a casas de japoneses, alemães e italianos que chegaram a ser recolhidos em Acará, atual Tomé-Açu. Houve, nas diversas regiões do País, prisões de súditos do Eixo, suspeitos de espionagem ou de sabotagem. Muitas perseguições foram realizadas, locais foram evacuados. Para viajar, era necessária uma autorização da polícia, um salvo-conduto. (Comissão, 1992: 247 a 265 e Handa,1987:630 a 645)

"Na época, os japoneses do interior que não podiam ler jornais brasileiros, nem pensar livremente, como faziam os imigrantes da cidade de São Paulo, não estavam a par dos acontecimentos, das transformações ocorridas nos últimos tempos. Isto acontecia até mesmo nos arredores de São Paulo, como na cidade de Itaquera." (Handa,1987:641) Era frequente, entre todos eles, escutar clandestinamente as notícias pelo rádio. Tal fato é apontado pelos autores que trataram o assunto e confirmado nas entrevistas realizadas. Saito era, portanto, uma exceção ao poder ter contato com as notícias veiculadas em língua portuguesa, fato que não ocorria mesmo com sua esposa. Quanto a este período, é ilustra relato da Sra. Shizu: " ele (Hiroshi Saito) sabia da verdade da Guerra. Era proibido ouvir a NHK, né? Mas como lia o jornal, sabia que o Japão ia perder. (...) Se ele falava com outras pessoas? Não! Era proibido falar. (...) Tinha rádio no vizinho, assim... às vezes eu fui ouvir rádio do Japão... direto... NHK." (entr. em 04.04.93)

As lembranças acumuladas no período da Guerra não são agradáveis aos *nikkei*. A maioria dos entrevistados afirma não ter sofrido diretamente as consequências do conflito neste País, embora ocorram vagas menções, frequentemente indiretas, a violências ocorridas com japoneses.

Dois fatores, em especial, devem ser considerados

na análise desses depoimentos coletados. Por um lado, é provável que tenha existido uma filtragem de eventos realizados pelas memórias destes indivíduos. Por outro, assim como ocorria com Saito, estavam melhor informados que seus patrícios da zona rural. É preciso levar em conta que a maioria dos entrevistados morava em áreas urbanas e, como esclarece Handa, nesse particular, as violências policiais não ocorriam nas grandes cidades, sendo o impacto psicológico muito maior quando as notícias chegavam do interior. (Handa,1987:637)

Quanto ao primeiro desses fatores, devemos ter em mente que "lembrança", já apontava Halbwachs (1990:7 *em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada*". O que está em jogo na memória, enfatiza Pollak, "é também o sentido da identidade individual e do grupo" (1989:10). Assim, as histórias de vida "devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como dados factuais".(id.:13)

Nesse sentido, os relatos quanto às vivências nos períodos durante e imediatamente posterior à Guerra parecem atenuados de modo a resguardar os entrevistados e, mais amplamente, os japoneses e descendentes em geral. Observamos menções vagas quanto aos confrontos verificados com a

polícia, com outros brasileiros e mesmo dentro da colônia numa tentativa dos entrevistados de apresentarem conhecimento e até participação no evento, ao mesmo tempo que procuram demonstrar um distanciamento de eventuais fatos específicos verificados.<sup>32</sup>

Hiroshi Saito, conforme mencionado, acompanhava atentamente o desenrolar dos acontecimentos, sobretudo em suas atividades junto a Senichi Hachiya. Informava-se exaustivamente sobre os fatos da Guerra e as reações demonstradas por indivíduos da colônia. Via com temor uma provável tomada de posição nacionalista por parte dos *nikkei*, fato que viria a marcar decisivamente as relações entre japoneses e brasileiros neste País.

---

<sup>32</sup> Um dos relatos mais ilustrativos sobre incidentes ocorridos durante a Guerra encontra-se em Handa (1987:632-645). Hiroshi Saito, por outro lado, escreveu que "apesar (da) atitude ostensivamente pró-japoneses da comunidade japonesa no Brasil e da crescente pressão externa, não se verificou, durante os anos de guerra, nenhum atrito sério entre japoneses e brasileiros" (Saito e Kumasaka, "Kachigumi: uma delusão coletiva entre os japoneses e seus descendentes no Brasil" in: Saito e Maeyama (orgs.) 1973:453). Porém, a partir da narrativa de Handa, mesmo que não tenham sido sérios os atritos devido ao grande número e à frequência com que ocorreram, mereceriam uma consideração mais ampla e aprofundada por parte dos pesquisadores e historiadores da colônia. Na própria coletânea organizada pela Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil (1992), que possui 458 páginas fartamente documentadas (sem contar os textos anexos), encontramos apenas 10 páginas dedicadas à "Colônia japonesa durante o conflito" (págs. 256 a 265). Embora devamos considerar que, entre as repercussões do conflito mundial no Brasil, a mais relevante para a análise da colônia tenha sido a que envolve o episódio *shindō-renmei*, tratado a seguir, o silêncio dos *nikkei* quanto aos distúrbios ou confrontos com brasileiros e com a polícia nos deixa em dúvida quanto a real situação da colônia na época.

A Itália fascista capitulara em setembro de 1943 e a Alemanha nazista se rendera em 7 de maio de 1945. Iniciado um período de paz na Europa, continuava o oriente imerso nas atividades do conflito. Em 6 de junho de 1945 o Brasil declarou guerra ao Japão, em cumprimento ao compromisso coletivo de cooperação e defesa comum de países americanos, confirmado na Conferência Pan-Americana realizada no México pouco tempo antes.

Embora a população brasileira não tivesse se sensibilizado tanto pelo conflito no oriente, o status inimigo repercutia psicologicamente entre os *nikkei* no Brasil. As dificuldades em se obter informações devido às proibições de língua etc, conforme mencionado acima, levaram a grande maioria destes japoneses e seus descendentes neste País a ter como verdade confiável os comunicados do Quartel-General Imperial, ouvidos clandestinamente nas ondas curtas transmitidas do Japão. (Comissão, 1992: 265) É oportuno reafirmar que todos os entrevistados tinham familiaridade com as transmissões de rádio provenientes do Japão neste período, mesmo quando tinham outras fontes de informação como, por exemplo, os próprios jornais brasileiros, conforme era o caso de Hiroshi Saito e de alguns de seus amigos mais próximos.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Em 1957, Saito e Izumi (em Izumi, Seiichi "Burajiru no *nikkei koronia*", in. Izumi (ed.) *Imin*, Tokyo, Kokon Shoin, 1957:9-127) realizaram uma enquete retrospectiva sobre notícias da Guerra. A enquete mostrou que apenas 3% dos entrevistados serviram-se da imprensa brasileira como fonte primária de informação; 29% mencionaram a rádio receptora de ondas curtas e publicações clandestinas (14% para rádio e 15% para publicações); 64% citaram informações oralmente

Os comunicados do Quartel-General Imperial anunciavam as sucessivas derrotas japonesas no conflito - o recuo em Okinawa, os bombardeios diários no território metropolitano e mesmo as bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki - como uma estratégia que consistia em atrair as forças inimigas para a "palma da mão" (Comissão, 1992: 266), numa abordagem já discutida por Ruth Benedict em que se tentava veicular, nestes casos, que "nada é tão bem sucedido quanto a derrota" (Benedict, 1988:31). Os ouvintes, em sua maioria, aguardavam, portanto, o dia da batalha decisiva que garantisse a vitória nipônica. Sobre esse fato, escreveram Saito e Kumasaka: "Nos últimos dias da guerra, a derrota do Japão era tão evidente que mesmo a análise das notícias transmitidas do Japão permitia prever a derrocada, pois, nesta altura, as emissoras japonesas, tornando-se desorganizadas, começaram a propalar notícias totalmente desorganizadas, afirmando, por exemplo, que a vitória final era do Japão porque o país estava sob a proteção de Deus. E óbvio que a aceitação gratuita dessa insistência na vitória final resultava do

---

transmitidas e 4% não puderam responder. (apud. Saito e Kumasaka, "Kachigumi: uma delusão coletiva entre os japoneses e seus descendentes no Brasil" in. Saito e Maeyama (orgs.) 1973:452). "Isto quer dizer que a maioria dos japoneses no Brasil deu mais crédito àquelas notícias provenientes direta ou indiretamente do Japão. É bom lembrar aqui que, com a prolongada guerra, as informações liberadas pelo Japão tornaram-se não só suspeitas, mas, muitas vezes, falsas. A retirada numa frente de guerra era descrita como uma 'operação retirada estratégica'; a ausência das forças aérea e naval era justificada como 'espera paciente para o momento crucial. (id., ibid.)

fato de as pessoas acreditarem piamente na história da missão divina de que o Japão estaria investido." ("Kachigumi: uma delusão coletiva entre os japoneses e seus descendentes no Brasil" in. Saito e Maeyama (orgs.) 1973:452)

Era este o clima reinante na colônia quando, em 15 de agosto de 1945, chegava a notícia da rendição japonesa realizada no dia anterior. Embora muitos certamente "choraram com a notícia da derrota... (foi) um número muito reduzido de pessoas que acreditou piamente no revés m. do Império" (Comissão, 1992:270). A palavra "revés" deste trecho já é capaz de fornecer a idéia exata da situação reinante e do inesperado da notícia da derrota.

Fazendo referência a Takashi Maeyama, afirma Chiyoko Mita que "para os derrotados viverem como *raca japonesa no Brasil, não havia outro meio senão acreditar na vitória do Japão na guerra*", podendo-se dizer que "o culto ao Imperador, ou o mundo mental dos japoneses, pelo qual os japoneses no Brasil formavam mental e socialmente uma espécie de domínio japonês encravado no Brasil, na época anterior à guerra, tinha um traço muito religioso" (Mita, 1988:118). Prossegue a autora dizendo que este "espírito japonês" e/ou culto ao Imperador continuava a viver no mundo mental de cada um dos japoneses no Brasil" (id., ibid.). Francisca Shurig Vieira indica terem sido "numerosas as referências, nessa época, à vinda de navios

*que levariam os japoneses de volta para o Japão, um Japão vitorioso, onde eles não sofreriam mais opressões e maus tratos" (pág. 239 nota 21), dando margem à verificação de um sentido messiânico naquele movimento dos japoneses no Brasil que, conforme mencionado, cultuavam a idéia de uma missão divina do Japão.*

A vitória é um dos elementos mais valorizados pela cultura japonesa que, tradicionalmente, não admite a sensação da derrota. Ruth Benedict (1988) discute fartamente a importância da vitória para os nipônicos e a sua crença na hierarquia, onde o dever máximo encontra-se em lutar para que cada um "assuma a posição devida".

Estes padrões já vinham impressos na essência do *Bushidô* (caminho ético do samurai) ao ensinar que "vencer quer dizer vitória sobre si mesmo. Isto é, vencer com a força espiritual. Mesmo achando-se entre milhares de companheiros, atuar como se estivesse sozinho, sem ninguém para apoiá-lo na retaguarda" (Yamashiro, 1987: 257). E também "o vassalo deve única e exclusivamente pensar na importância de servir ao seu senhor. Pensar incessantemente no bem de seu amo - eis a condição de ser um bom vassalo. Lembrar que teve a ventura de ter nascido num feudo, de glorioso passado, onde seus antepassados receberam benefícios e favores ("on" ou "go-on") dos virtuosos senhores. Jamais esquecer esse fato e servir de corpo e alma ao senhor.(...) O importante mesmo é o espírito de dedicação."(id.:258)

Assim, tendo em vista que "numa única pessoa estão contidas todas as leis do samurai" (Musashi,1992:60), temos afirmações que podem nos fornecer alguns subsídios para compreender a crença na vitória japonesa no conflito e o empenho em defendê-la, contra tudo e todos.

Afirma um entrevistado, com certo humor, que, mesmo após o término da Guerra, "no Japão eram todos *kachigumi*" (vitoristas, crentes na vitória do Japão) (Tetsuya Tajiri, entr. em 20.08.93). Mesmo naquele país, somada à tradicional reverência à vitória, uma série de fatores levavam os japoneses a desconsiderar a hipótese de derrota japonesa. Um deles, significativo, foi a própria mensagem do então imperador Hirohito veiculada pelo rádio. A péssima qualidade da transmissão, aliada ao fato de que os cidadãos nipônicos jamais tinham ouvido a voz de Hirohito, provocaram uma desconfiança generalizada quanto à veracidade de terem de "suportar o insuportável". Apenas a efetiva desmobilização das tropas e o ingresso de militares americanos em solo nipônico iria trazer, pouco a pouco, consciência da situação real do pós-guerra.

No Brasil, de forma talvez mais contundente, as notícias da derrota japonesa chegaram envoltas num clima de reiterado descrédito. Ao término do conflito, ainda estava proibida a troca de correspondências entre Japão e Brasil, o que limitava o fluxo de informação considerada mais

confiável pelos *nikkei*. Na maior parte das entrevistas realizadas, a certeza quanto ao fim da guerra, à derrota nipônica e à ocupação norte-americana só começaria a ocorrer quando do reinício da troca de correspondência com parentes do Japão. Assim, a notícia da derrota tardava a ser absorvida pela maioria dos *nikkei*.

Muitos deles, na busca messiânica referida anteriormente, ainda esperavam uma missão japonesa que viria ao Brasil. Consta que 2.000 dirigiram-se para recepção na capital paulista. Correu, a seguir, um boato que uma esquadra nipônica de 16 navios chegaria ao Porto de Santos no dia 24 de setembro às 15:30 (Comissão, 1992:274). Viajaram, então, de trem à cidade praiana. Neste local, foram informados de que não aportariam mais em Santos e sim no Rio de Janeiro. E mais uma vez deslocaram-se os japoneses em busca de sua última esperança.

Os locais de chegada da referida missão eram constantemente mudados e os desencontros, cada vez mais frequentes. Neste ambiente, organizavam-se os japoneses radicados no Brasil para recepcionar seus compatriotas, sendo que, no seio da colônia, uma associação se via cada vez mais fortalecida: a *shindô-renmei*.

A referida organização e os distúrbios que ajudou a provocar entre os nipo-brasileiros deram origem ao

fenômeno que ficou conhecido genericamente pelo seu próprio nome: *shindô-renmei*. Este evento teve consequências avassaladoras sobre a colônia *nikkei*, deixando marcas que ainda hoje persistem em seu interior e repercutindo decisivamente na vida, na obra e no espírito de Hiroshi Saito, razão pela qual um detalhamento do fenômeno se faz necessário.

#### A delusão coletiva: o fenômeno Shindô-Renmei

Conforme aponta Chiyoko Mita, "quando começou a Guerra do Pacífico, surgiram muitas associações secretas de japoneses, com caráter patriótico, a fim de reorganizar a estrutura social japonesa perdida juntamente com o rompimento das relações diplomáticas entre Japão e Brasil e/ou de manter e realizar o espírito japonês na sociedade japonesa no Brasil. E, dentre estas, uma associação passou a atuar como "Shindô-Renmei" (Liga do Caminho dos Súditos), incorporando cerca de 100.000 japoneses no Brasil, logo após o término da Guerra." (Mita, 1986:109)

Em sua análise sobre os padrões de comportamento

nipônicos sob a forte influência do clima reinante entre os japoneses no pós-Guerra, Sant'Anna do Carmo aponta a indole gregária dos japoneses como "um comportamento acentuadamente propenso à obediência cega ao bastão ou à voz de comando de 'guias' e de 'veteranos', elementos tidos como seguros orientadores dos passos dos demais, no terreno da vida em sociedade. No idioma japonês, tais orientadores são chamados de 'shidô-sha' e de 'sem-pai'" (Sant'Anna, 1956:164), fato que, segundo o autor, tem raízes num passado social milenar. "Sem-pai - esclarece - é um tipo de 'orientador' que age em plano inferior ao dos 'shidô-sha's: este lidera, guia, dirige, enquanto que aquele apenas orienta, por meio de conselhos, admoestações e pareceres. Em suma, o 'shidô-sha' é um líder e o 'sem-pai' um veterano, uma espécie de 'porta-voz-da-experiência...'" (id.:165) Afirma Sant'Anna que é nesse contexto que proliferam entre eles uma infinidade de "associações" e de "ligas" ("kai" e "renmei").

As "kai" e "renmei" foram formalmente extintas quando do advento da nacionalização das entidades estrangeiras existentes no Brasil pelo Decreto-Lei n. 383 de 18 de abril de 1938. Todavia, algumas continuaram a funcionar clandestinamente, sendo uma quase-total desarticulação atingida apenas durante o estado de guerra. Persistiram, em atividade, nos últimos anos do conflito, as "sucursais" da *shindô-renmei* e de entidades semelhantes para voltarem a readquirir as feições pacíficas do pré-guerra apenas quando foi desmontada aquela poderosa organização.

(id.: 167-168) As atividades da *shindô-renmei*, escreveria Saito anos mais tarde, levavam os *nikkei* a uma delusão coletiva (Saito e Kumasaka, in. Saito e Maeyama (orgs.) 1973:448-464)

A simples existência daquela associação preocupava enormemente Saito que, bem informado quanto ao desfecho do conflito, temia pelas consequências da disseminação de posições ultranacionalistas entre os *nikkei*, fato que via ocorrer com velocidade e força sensíveis. Reuniu dados e elaborou interpretações, tendo sido exatamente sobre a *shindô-renmei* o seu primeiro artigo sociológico publicado em co-autoria com o antropólogo Emilio Willems.

A *Shindô-Renmei*, escreveram Willems e Saito alguns anos mais tarde, "foi concebida em outubro de 1944 e posta a funcionar em 1945. A ideologia primitiva nada tinha que ver com a divulgação das falsas notícias sobre a vitória, depois de concluída a campanha do Pacífico (...) O principal e talvez o único idealizador de *Shindô-Renmei* foi um ex-oficial do exército japonês, o coronel J. Kikkawa. Estabeleceu a doutrina e os princípios de ação da nóvel sociedade secreta, naturalmente dentro das linhas de organização de associações similares, muito comuns no Japão e em inúmeras outras culturas." (Willems e Saito, 1947:142)

José Sant'Anna do Carmo (1956) via uma das origens remotas da *shindô-renmei* na orientação de alguns "kai" que

estendiam suas atividades à área da educação<sup>34</sup>. Encarava também o início do movimento como um reflexo da imigração dirigida (realizada pelas companhias de imigração) cuja responsabilidade seria partilhada, mesmo que em graus diferentes, por japoneses e brasileiros<sup>35</sup>.

Sant'Anna argumenta que, após a vitória japonesa na Manchúria, o governo do Japão encarava como "futuros domínios" as regiões do globo onde se radicavam seus súditos imigrados, induzindo os filhos dos japoneses do Brasil, os *nissei*, a terem seus espíritos preparados para o advento da "Nova Ordem". No Brasil, a implantação desta iniciativa teria sido facilitada pela existência da organização magisterial já montada pelos "dirigentes" da colônia. A *Fu-kei-kai* (Associação de Pais e Irmãos Mais Velhos) existente neste País já era algo bem parecido com a *Nihonjin-Bunkyo-Fukyû-Kai* (Associação Japonesa Difusora de Educação e Cultura, sucessora daquela e conhecida entre os *nikkei* por *kyô-Fu-Kai* ou *Fukyû-Kai*). Esta entidade, "além de exercer orientação e fiscalização do Ensino a cargo das escolas

<sup>34</sup> Cumpre notar que Sant'Anna era também um professor primário. Assim, se é notório que estava imbuido do nacionalismo brasileiro da época, seu status profissional, somado ao domínio que possuía do idioma japonês e o contato íntimo com a colônia japonesa no Brasil, torna-o qualificado como depoente e, ainda, como fornecedor de uma descrição - densamente construída - do sistema educacional criado no interior da colônia.

<sup>35</sup> Acreditava Sant'Anna que imigração dirigida favorecia a criação de quistos no Brasil. Quanto à responsabilidade dos brasileiros, ligava-se, a seu ver, na displicência com que as autoridades deixaram proliferar, sem qualquer forma eficiente de controle, as associações de nipônicos e a educação em língua japonesa.

japonesas da colônia, nos moldes do que se verificava no Japão daquela época, desempenhou, também, o papel de doutrinadora da colônia, segundo a ideologia então dominante na terra do Fuji, acaalentada pelo sonho de um Japão expansionista, poderoso e invencível" (id.:124).

O autor disserta sobre a estrutura e os dirigentes das mencionadas associações<sup>34</sup>, bem como sobre o conteúdo das disciplinas ministradas e o material didático empregado. Estes, segundo observação extraída de R. Koyama, ficaram de tal modo untados de niponidade que chegaram a superar o da série japonesa, sendo, por isso mesmo, aprovados e editados pelo Ministério da Educação do Japão (Koyama, 1949:301, apud. Sant'Anna, 1956:130). Os livros em questão deixaram indecisos quanto à utilização mesmo alguns professores japoneses já familiarizados com o Brasil, devido à dosagem para-militarista que apresentava. Ilustrando esta afirmação, o autor cita "uma das quatro primeiras lições do primeiro

---

<sup>34</sup> As *Fu-Kei-Kai* do interior, segundo Sant'Anna, não se diferenciavam muito das Associações de Pais e Mestres brasileiras, não tendo, portanto, qualquer conotação política mais agressiva. Foram seus presidentes que encaminharam as atividades num sentido de incorporar, nos *nissei*, o espírito japonês com vistas à mencionada "Nova Ordem". Afirma o autor que a *Fu-Kei-Kai* de São Paulo teve diversos presidentes através de sua existência, com este nome e com o de *Nihonjin-Bunkyo-Fukyu-Kai*, uns moderados, outros marcadamente extremados, alguns, "segundo versão corrente na colônia" - acrescenta - enviados pelo Japão para o exercício das atividades de dirigente, citando-os nominalmente e contextualizando suas posições. (Sant'Anna, 1956:125, onde cita, como fornecedor de dados, a obra de R. Koyama, *Yonju nem shi*, referenciado por Mita como Koyama, Rokuro, *Imin no 40-nem shi*, (História de 40 anos de imigração japonesa), São Paulo, s.ed., 1949, e mencionado nas bibliografias de Handa, 1987 e de Saito, 1961)

livro da série (correspondente à cartilha), lição cujo conteúdo era: 'Su-su-mê! Su-su-mê! Hei-tai-su-su-mê! ; Marcha! Marcha! Soldado, Marcha!', lição essa devidamente ilustrada, apresentando as figurinhas de um grupo de infantes com fuzis às costas!" (id.,ibid.) Quanto à utilização dos mencionados livros, as autoridades brasileiras não se manifestaram mesmo quando, para supervisionar a atuação pedagógica dos professores *nikkei*, vieram professores primários do Japão. Estes, na visão de Sant'Anna, investidos como "delegados" ou "inspetores" regionais da *Fu-kyû-kai*, muito pouco ou quase nada conheciam do Brasil ou da colônia japonesa neste País, o que chegava a causar, segundo o autor, repulsa (silenciosa) de parcela de imigrantes e descendentes já integrados à vida brasileira.

Os dirigentes da *Fu-kyû-kai* - continua Sant'Anna - operavam com verbas destacadas do governo japonês o que possibilitou a concessão de gratificações e subvenções aos *sensei* (professores), reforçando a remuneração fixa que recebiam. Além disso, tornou-se possível a realização de um recenseamento dos professores de japonês do estado de São Paulo e adjacências, o que deu margem a um controle de suas atividades. Posteriormente, a entidade passou a ditar também as nomeações e exclusões de professores, chegando a se configurar, entre os próprios imigrantes, como um órgão repressor de suas atuações. (id.:132-133) Após organizar o magistério, a *Fu-kyû-kai* passou a incentivar a criação de pensionatos escolares (*Ki-shuju-shá*) e de institutos

(*Gakuen*). Assim, os principais membros da *Fu-kyu-kai*, atuantes como *shidō-sha* (líderes, conforme mencionado anteriormente), disseminaram entre obras e ações um sentimento nacional nipônico afinado com a orientação desenvolvida no e a partir do próprio Japão, sendo elementos importantes na formação e funcionamento da *shindō-renmei*.<sup>37</sup>

Estas afirmativas de Sant'Anna sobre a educação no interior da colônia encontram respaldo nas observações de José Yamashiro, realizadas nos debates do seminário "A Presença Japonesa no Brasil" (Saito (org.), 1980:118) e, principalmente, em Zenpatei Ando (1976:186-187). Escreve Ando: "Nesta mesma época (1939), em todo o Japão intensificava-se o movimento denominado 'Nihon Seishin Undō' (Movimento em Pró do Espírito Japonês), que consistia em propalar a superioridade do povo japonês face aos povos estrangeiros, suposta superioridade que já vinha sendo propalada, gradualmente, desde a época do conflito da Manchúria, intensificando-se de maneira especial a partir de 1937, quando se iniciou a guerra sino-japonesa. O Japão

---

<sup>37</sup> Sant'Anna ainda menciona e detalha diversos outros dados para fundamentarem sua afirmação a exemplo do que faz com um livro de 68 páginas intitulado *Shin-min-no-miichi* (Senda dos súditos japoneses, expressão equivalente à Liga do caminho dos súditos ou, em outra versão, Liga da senda dos súditos japoneses), de conteúdo fortemente nacionalista, distribuído entre os participantes da entidade (Sant'Anna, 1956: 136-137); a manipulação das "temporadas de português", eventos que escondiam outras finalidades além do ensino aos professores da colônia do idioma praticado no Brasil (id.:139-142); e a descrição de uma dessas temporadas na cidade de Lins, onde, pelo conjunto de detalhes que apresenta, indica sua provável presença ao evento (id.:142-145).

caminhava, pois, a passos largos, para uma orientação fascista e é evidente que este tipo de pensamento e toda a situação social dele decorrente não podia deixar de influir nas comunidades de origem japonesa estabelecidas no Brasil. O movimento em prol do espírito japonês assim iniciado nos núcleos nipônicos do Brasil, fortaleceu-se face à política de assimilação do governo de Vargas. Isto porque, sentindo as pressões de tal política, os imigrantes procuraram defender o ensino da língua da pátria de origem com todos os recursos disponíveis. Além disso, o próprio governo japonês, já de inspiração nitidamente fascista, auxiliou na fundação, no Brasil, de uma organização destinada a promover o ensino da língua japonesa e ao mesmo tempo tratou de inculcar os princípios do chamado espírito japonês nos seus descendentes, enviando, para tanto, vários orientadores diretamente do Japão. Em consequência, todas as escolas japonesas existentes nos Estados de São Paulo, do Paraná e demais regiões foram unificadas sob a direção desta organização, passando a ser ministradas de acordo com a ideologia japonesa, "carregada de matizes fascistas." (id., ibid.)

Assim, a relação entre os integrantes da *Fu-kyukai* e da *shindô-renmei* é feita pela voz autorizada de Sant'Anna sobre o assunto. Isto porque, além de professor primário, conhecedor da vida da colônia e da língua japonesa, foi ele o intérprete oficial dos japoneses e descendentes detidos pela polícia após os incidentes, tendo

participado das interpelações realizadas. Assim, afirma Sant'Anna: "Os ex-professores das escolas japonesas orientadas pela Fu-kyu-kai, bem como os mantenedores ('dirigentes' de 'ligas' e 'mesas' educacionais) de tais escolas nos diferentes núcleos de colonização japonesa no Interior paulista, tiveram os mais destacados papéis na organização e direção da shindô-renmei e sucursais, segundo podemos provar, segundo ficou provado pela onomástica dos inquiridos policiais" (id.:138)

A Fu-kyu-kai teve, logo no início dos anos 40, os rumos modificados após desentendimentos ocorridos entre seus dirigentes quanto às medidas nacionalizantes empreendidas por Getúlio Vargas. A partir de uma grande reunião, conhecida por "Congresso Nomura" (então presidente da entidade), decidiu-se pela orientação "apelidada de "haku-shu-nichi-jû-shugui", ou seja, "doutrina pela qual se encarava o Brasil como fundamental e o Japão como ideal". Tentava-se preparar os nissei de modo a torná-los culturalmente capazes de atuarem com êxito no tablado social-brasileiro, mas com espírito japonês, ou, literalmente, doutrina pela qual se deveria ter o Brasil como fundamental ou essencial e o Japão como ideal ou seguível, do ponto de vista espiritual".(id.147) Houve, contudo, um conjunto infundável de polêmicas que não permitiram a execução prática da orientação Nomura. (id.149) Assim, continuavam os nikkei arraigados à sua dimensão transnacional, influenciados, decisivamente, pela estrutura

interna da colônia e pelo sistema educacional japonês praticado no Brasil. Conservavam, ainda, os olhos fechados à nacionalidade brasileira que ia se impondo.

Envoltos neste clima, os *nikkei* esperavam ansiosos pela notícia de uma vitória japonesa na Guerra, evento para o qual já vinham se preparando. A realidade, contudo, era bem diferente das expectativas geradas no interior da colônia. Em 14 de agosto de 1945 o Japão se rendia às forças aliadas e, no dia seguinte o Brasil festejava o fim do conflito.

A grande maioria dos japoneses, conforme mencionado, mostrava-se incapaz de admitir uma derrota da pátria de origem. Partiam então para o culto a uma vitória japonesa que imaginavam. Proliferaram-se os boatos e, aos que tentavam admitir um fim desfavorável ao empreendimento bélico do Japão, um clima de animosidade começava a se esboçar.

Do mesmo modo que alguns dos intelectuais *nikkei* da época, como Takeo Kawai e Tomoo Handa, entre outros, Saito se mostrava apreensivo quanto à radicalização da postura dos japoneses que se apegavam à idéia vitorista. Em encontros e conversas com seus conterrâneos, a simples menção de que a pátria natal havia perdido a Guerra causava repulsa e indignação. As posições iam se polarizando e um confronto era inevitável. Tanto Saito quanto seus amigos,

teriam a vida fortemente marcada pelos acontecimentos que envolveriam vitoristas (*kachigumi*) e derrotistas (*makegumi*), como veremos à frente.

Devido aos boatos da vinda de uma missão militar do Japão e à grande movimentação dos nipônicos que acorriam aos portos na expectativa da chegada dos barcos salvadores, um grupo de expoentes da colônia, entre eles Senichi Hachiya, reuniu-se em São Paulo para discutir atitudes concretas de esclarecimento dos fatos.

Em 3 de setembro de 1945, Chibata Miyakoshi, antigo diretor da KKKK (a mais importante companhia de emigração) recebia, pela primeira vez, oficialmente, o Edito Imperial sobre o término da Guerra e a mensagem do ministro Togo, das Relações Exteriores, enviados num tumultuado percurso até a Seção Brasileira da Cruz Vermelha Internacional com sede no Rio de Janeiro. (Comissão, 1992:281)

Aquele grupo de expoentes decidiu, então, distribuir uma mensagem explicativa que iniciava da seguinte forma:

*"MENSAGEM EXPLICATIVA DA DISTRIBUIÇÃO  
DO INFORME SOBRE O FIM DA GUERRA*

*Caros compatriotas residentes no Brasil,*

*Nós, abaixo assinados, com a anuência das autoridades policiais da cidade de São Paulo, levamos ao seu conhecimento o comunicado oficial do Ministério de Relações Exteriores do Império do Japão sobre a crítica situação enfrentada pela nossa pátria..." (apud Comissão, 1992: 281)*

E terminavam o manifesto com os seguintes dizeres:

*"Neste momento, a nossa pátria, o Japão, se defronta com uma crise nacional sem precedentes desde a sua fundação. Conforme lemos reverentemente no Edito Imperial, Sua Majestade nos concita a suportar o insuportável e aguentar sofrimentos intoleráveis, reprimindo a explosão de quaisquer sentimentos, para unidos e coesos, marchar na reconstrução do Novo Japão." (id.: 282)*

Assinavam o documento Jinsaku Wakiyama, Shigetsuna Furuya, Kunito Miyasaka, Kiyoshi Yamamoto, Senichi Hachiya, Chibata Miyakoshi e Kameichi Yamashita, seguindo-se, então, a íntegra do Edito Imperial e a mensagem do chanceler.

A distribuição da mensagem do Edito Imperial havia sido decidida numa reunião na Cooperativa Agrícola de Cotia que, naquela época, servia como um centro aglutinador de

reflexão e debates sobre a constituição e o futuro dos *nikkei*. Muitos dos presentes na reunião propuseram-se a partir ao interior, nos pontos onde se verificavam as maiores concentrações de japoneses, para explicar pessoalmente sobre o término da Guerra e esclarecer sobre a derrota nipônica.

A tentativa de esclarecimento, contudo, acabou acirrando ainda mais os ânimos e, em 1946, começaram os primeiros atentados terroristas que chegaram a provocar o assassinato de vários indivíduos, inclusive alguns signatários do referido manifesto.

Os confrontos se alastraram, chegando até a provocar reações por parte de brasileiros. Um dos mais conhecidos acontecimentos deu-se na cidade de Oswaldo Cruz, onde um incidente que provocara a morte de um brasileiro atribuída a um japonês deu origem a um forte clamor popular que estendeu-se desde a noite de 30 de julho até o dia 2 de agosto, tendo sido necessário reforço policial e do exército para que fosse restabelecida a ordem. (Nakadate, 1988:357-359)

Hiroshi Saito acompanhava todos aqueles acontecimentos enquanto assumia uma postura ativa na tentativa de reverter a situação para ele constrangedora. Auxiliado pelos amigos Kenjiro Massuda e Goro Hashimoto, editava, precariamente, no porão de sua residência,

pequenos informativos que tinham por finalidade esclarecer os limites da derrota do Japão, numa iniciativa que denominava *nishiki undoo* (movimento de convencimento). A produção dos panfletos era financiada pelo Sr. Hachiya. (Saito,1984:239) Por aquela atividade, principalmente, foram também, todos os três, jurados de morte naquele período.

A maioria dos entrevistados mostrou-se extremamente discreta quanto às suas atividades no período. Apenas Takeo Kawai, um dos indivíduos mais empenhados em esclarecer sobre a derrota de sua pátria de origem, expressou o clima de insegurança em que vivia: "*Tive guarda-costas por dois anos (...) foi em 1946 e 47. Por dois anos eu também andei armado. Morava nesta rua, no número 74. No número 72 morava uma portuguesa que sempre avisava quando via algum japonês suspeito por perto*". (entr. em 11.12.92) Era frequente, contudo, alguns entrevistados sublinharem o comportamento de amigos e companheiros, como fez, por exemplo, Tomoo Handa ao dizer: "*Kawai sim, ficava nervoso e até brigava quando falava do assunto (...) Saito também teve um papel importante na tentativa de esclarecer os fatos. Ficava muito preocupado com isso.*" (Entr. em 27.08.92)

Depois de distúrbios de toda ordem envolvendo inclusive assassinatos, houve intensa atividade policial com especial ação do DDPS (Departamento de Ordem Política e Social) sendo os principais líderes da *shindô-renmei* presos e a organização dissolvida finalmente em fevereiro de 1947.

As marcas deixadas pela *shindô-renmei*

O evento que acabou conhecido genericamente por *shindô-renmei*, nome da organização, deixou fortes marcas na constituição psicológica e identitária dos japoneses e seus descendentes no Brasil, persistindo ainda hoje os seus traços no interior da colônia. Alguns entrevistados apontam que as atividades desenvolvidas atualmente por algumas associações expressariam a filiação de seus líderes ao grupo derrotista ou vitorista, assim como a linha da atuação de alguns jornais. Neste último ponto, cabe salientar que Saito dedicou-se ao jornalismo principalmente nos veículos reconhecidamente derrotistas, recusando-se, em diversas oportunidades, a escrever para organismos da imprensa *nikkei* cujos dirigentes haviam sido simpáticos à tendência vitorista.

Em dissertação de mestrado defendida em 1988, Jooji Nakadate termina seu trabalho sobre a *shindô-renmei* afirmando que "o assunto está definitivamente superado e pertence à história da imigração japonesa no Brasil"

(Nakadate, 1988:485). Alguns parágrafos antes, contudo, aponta para uma permanência de questões ligadas ao espírito e atividades da *shindō-renmei* numa perspectiva em certo sentido romântica que, afora um eventual envolvimento pessoal ou familiar que possa ter se verificado, não pode deixar de ser considerada. Afirma o pesquisador:

*"Tirando a parte negativa da matança, a história dos "vitoristas" e da "Shindō-Renmei" parece um lindo sonho em que mais de 20 mil japoneses amaram apaixonadamente a sua pátria distante e por isso foram presos e maltratados por vários anos.*

*Muitos desses japoneses tiveram atuação ímpolita e de comovente patriotismo.*

*Aproveitando o festejo do 80º aniversário da imigração japonesa no Brasil, o governo japonês deveria homenageá-los, dando prêmios como verdadeiros patriotas imigrantes do Brasil.*

*O conflito "vitorista/derrotista" (kachigumi/makegumi dikem) não é uma história de ficção. Foi um drama épico, pleno de mártires, que realmente existiu."*  
(Nakadate, 1988:484/485)

Voltaremos mais tarde à consideração destas afirmações quanto a um romantismo característico dos estudos de muitos intelectuais *nikkei* - Saito entre eles - a partir, entre outros motivos, de influência exercida pelo professor Izumi, da Universidade de Tóquio, que realizou pesquisas no

Brasil em algumas oportunidades.

O fenômeno *shindô-renmei* deixou também marcas no próprio Hiroshi Saito até o final de seus dias, embora relutasse em explicitar o incômodo que o tema - ainda hoje tabu entre os *nikkei* - lhe causava. Mesmo tendo escrito artigos e realizado palestras em diversas oportunidades sobre os embates do pós-Guerra no interior da colônia, passado o período de militância enquanto membro da ala derrotista, procurou se esquivar de um maior aprofundamento em dados e interpretações sobre o assunto. Esta sua postura pode ser ilustrada por meio do seguinte fato: Quando da vinda da então estudante japonesa Chiyoko Mita ao Brasil, com a finalidade de realizar seu doutorado sobre a comunidade de Bastos no interior de São Paulo, Saito discretamente escapou da orientação daquele trabalho pedindo ao amigo João Batista Borges Pereira, docente da área de Antropologia da USP, que exercesse a função de professor-orientador. Sem compreender o motivo de tal atitude, foi só depois de realizado o estudo que o professor João Batista se deu conta das implicações de um estudo em Bastos que focalizava, privilegiadamente, o fenômeno *shindô-renmei*. (Sr. João Batista B. Pereira, entr. em 11.05.94)

De qualquer forma, no momento do pós-Guerra, à medida que a colônia se conscientizava da derrota do Japão, uma modificação profunda em seu caráter identitário tornava-se visível. A pátria de origem mencionada na "Mensagem

Explicativa" tornava-se ainda mais distante. A permanência no Brasil que, até então, se afigurava indesejável aos imigrantes que idealizavam, em sua maioria, retorno triunfante ao Japão, passava a adquirir traços de inevitabilidade.

A visão dos acontecimentos qualificados por Nakadate como "uma epopéia", o conjunto de leituras efetuadas por Saito e as reflexões que realizava sobre todo o ocorrido ampliavam as preocupações deste personagem sobre quem seria o seu povo após a consideração de todo esse processo e sobre qual seria o futuro provável daquele contingente humano. O interesse de Saito pelas Ciências Sociais já despontava. O elemento desencadeador foi um livro que o companheiro Hidekazu Massuda lhe oferecera de presente: O Mulato, de Aluizio de Azevedo.

Conta o Sr. Massuda que lia muitos livros em língua portuguesa. Gostou muito de O Mulato e, ainda durante o período da guerra, o deu ao seu amigo Hiroshi. "*Esse livro é que deu a ele a idéia de estudar sociologia*", afirma (entr. em 03.04.93). Este interesse de Saito pelas Ciências Sociais germinaria no ambiente privilegiado de debates estabelecido em associações de japoneses nas quais exerceria papel atuante.

Em toda a permanência dos japoneses no Brasil, um conjunto apreciável de associações era formado. Formal ou

informalmente, constituía os diversos *kai*, já mencionados em praticamente todos os estudos dedicados à descrição e/ou análise dos mecanismos de interação social da colônia. Francisca Schurig Vieira, por exemplo, em seu estudo sobre Marília, aponta que essas associações, como afirmava Eisenstadt, "*servem não apenas como focos de tradição, mas são também canais de comunicação com a sociedade receptora*" (Vieira, 1973:165), tendendo, portanto, "*a transformar-se com a extensão da participação dos japoneses nas principais esferas tradicionais da sociedade brasileira*" (id.:165-166)

Suas configurações eram as mais diversas, indo desde organismos formalmente constituídos, como os conhecidos *nihonjin-kai*, caracterizados por José Yamashiro como "*uma organização autônoma dentro de um agrupamento (ou concentração) de japoneses*" (Comissão, 1992:206) - com finalidades das mais diversas - até as informais, como exemplifica Vieira (1973:165-232). A autora, baseada nos escritos de Srole e Warner, define as organizações informais como "*agrupamentos maiores que "cliques" com um local regular de reunião e organizados em vista de atividades recreacionais*" (Vieira, 1973:227).

Esta era, de fato, a configuração inicial das associações informais que se formavam em torno de figuras de destaque da colônia. Um exemplo era a iniciada em torno de Senichi Hachiya, já mencionada. Em sua residência reuniam-se, mensalmente, elementos da diretoria de suas lojas,

amigos, protegidos e jovens intelectuais. Em duas oportunidades havia comemorações especiais: no primeiro dia do ano e no dia 28 de fevereiro, seu aniversário. As atividades eram, como bem apontava Vieira, recreacionais. Um ambiente elegante para os padrões da época, com mesa farta, servia de cenário para conversas de ordem geral.

Os distúrbios verificados no pós-guerra e a presença dos jovens intelectuais, contudo, deram a esta e às outras pequenas associações um rumo diferente. Começou-se a discutir temas diretamente ligados aos últimos acontecimentos e ao futuro da sociedade *nikkei* no Brasil. Com o passar do tempo, os encontros adquiriram forma e periodicidade, perdendo, gradativamente, o caráter de organização informal na medida em que começavam a ocorrer encontros estruturados a partir de uma pauta pré-estabelecida e com local determinado de realização.

Como as reuniões passavam a ocorrer aos sábados, o grupo se denominava *doyokai* (*doyobi*: sábado, *kai*: associação, grupo). Segundo José Yamashiro, tratava-se de "um grupo de intelectuais nipônicos preocupados com os problemas surgidos no pós-guerra na comunidade, que se reuniam para discutir temas adrede escolhidos." (Comissão, 1992:413).<sup>28</sup> Hidekazu Massuda, intelectual preocupado com

<sup>28</sup> Quanto ao desenvolvimento das atividades do grupo e sua institucionalização, continua Yamashiro dizendo que "em 1948, formou-se, com apoio de empresários esclarecidos, a Sociedade de Estudos Nipo-Brasileiros de São Paulo. Promove ampla gama de estudos e pesquisas tendo como temas centrais a história e a sociedade brasileiras e a comunidade nipônica

reconstituições históricas, como a que realizou sobre o Instituto M'Boy, chega a mencionar a data exata da fundação do *doyokai*: "o *doyokai* começou em 15 de julho de 1946, na casa do Hachiyasan, para discutir os problemas da colônia após a guerra" (entr. em 03.04.93)

O próprio Sr. Massuda conta como eram essas reuniões: "Naquele tempo, tínhamos um regulamento entre os membros do grupo. Em todas as reuniões devia ter uma palestra. (Era feito um sorteio)... e cada sorteado tinha que falar sobre qualquer assunto de seu interesse. (...) Depois da palestra fazíamos muitos debates. (...) Não se concordava com tanta facilidade. Tinha até gritos, mesmo." (entr. em 03.04.93) O Sr. Teiiti Suzuki confirma estas informações acrescentando dados sobre Saito e o relacionamento estabelecido entre ambos: "Saito foi muito ativo na formação do *doyokai* (...) Era um grupo de intelectuais privilegiados... Adotamos o esquema de sorteio e quem era sorteado tinha que falar. A gente se preparava em casa, mas o pessoal era impiedoso. (...) Depois havia discussões fortes. (...) Essa era a atração da reunião. (...) Só aumentava a amizade. Naquele tempo eu era amigo dele. Depois fomos nos afastando..." (entr. em 20.08.93)

Algumas observações, contudo, devem ser feitas quanto ao *doyokai*. Apesar das afirmações do Sr. Massuda e

---

do Brasil. Em 1965 mudou seu nome para Centro de Estudos Nipo-Brasileiros." (Comissão, 1992:413)

das entrevistas realizadas apontarem para a expressão (*doyokai*) como central nos encontros e debates que eram então realizados, tendo aquele grupo seguramente dado origem à Sociedade de Estudos Nipo-Brasileiros de São Paulo e, posteriormente, ao Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, os dados sobre o local de realização das primeiras reuniões e sobre as pessoas envolvidas nem sempre coincidiam.

Este fato nos levou a qualificar o *doyokai* a partir de duas dimensões diferentes e complementares. Por um aspecto, temos que, na visão dos entrevistados, representava as reuniões estruturadas conforme as narrativas dos Srs. Massuda e Suzuki. Por outro, significava algo além disso. Expressava mais um clima de efervescência de discussões sobre o caráter da colônia e suas perspectivas do que apenas um grupo de debates, fato que, em certo sentido, viria a empobrecer o amplo sentido do movimento<sup>37</sup>. Era, nesse prisma, um ambiente que envolvia as cabeças pensantes da colônia em torno de seus problemas mais imediatos e de sua visão de futuro.

As discussões realizadas nos encontros do *doyokai* se estendiam em todas as oportunidades em que alguns de seus participantes se encontravam. Com o tempo, iam sendo definidas e consolidadas posições ideológicas quanto aos

<sup>37</sup> Referência neste sentido foi feita pelo sociólogo Tetsuya Tajiri em entrevista realizada em 20.08.93. Afirma ele: "Cheguei no Brasil em 1954 (...) Mas participei do *doyokai*. O início teria sido com o Sr. Hachiya. (...) Era mais um ambiente do que um grupo que se reunia...".

temas do momento e algumas rivalidades pessoais que persistiriam durante anos. Saito era um exemplo dessas polarizações. Não simpatizava com a visão marxista de Zenpatei Ando e envolveu-se em repetidas discussões com Teiiti Suzuki, de quem sistematicamente discordava, levando o Sr. Suzuki, inclusive, a se distanciar do *doyokai*.

Hiroshi Saito se empolgava com as discussões e se convencera, cada vez mais, de abraçar as Ciências Sociais que descobria ser a face mais acentuada de suas vocações. Realizava, obsessivamente, leituras a respeito do tema e estava determinado a seguir uma carreira de reflexões sobre a sociedade brasileira e sobre os japoneses e seus descendentes no Brasil.

O ano de 1947 seria decisivo em sua vida. Participou da inauguração do Jornal Paulista, o principal jornal a expor a derrota japonesa na guerra, onde tornou-se redator. Além disso, conseguiu realizar, finalmente, sua entrada num curso universitário. Naquele mesmo ano, ingressou no curso de Ciências Sociais da Escola Livre de Sociologia e Política<sup>40</sup>, beneficiado pelo contato com Emilio Willems, professor naquela instituição e em cuja pesquisa sobre japoneses participara como informante em 1943.

Hiroshi Saito, assim como os outros japoneses e

---

<sup>40</sup> A Escola Livre de Sociologia e Política foi fundada em 1933, em São Paulo, sendo apresentada com mais detalhes no capítulo terceiro, à frente.

seus descendentes, perdia completamente a ilusão de voltar ao país de origem. Contudo, quando consideramos o teor da "Mensagem explicativa da distribuição do informe sobre o fim da guerra", vemos que o sentimento nacional expresso na idéia de pátria ainda estava ligado ao Japão, fossem os indivíduos derrotistas ou vitoristas. Conforme mencionado, uma modificação profunda no caráter identitário da colônia tornava-se visível. Analisando o período, escreveria Hiroshi Saito que a *"lealdade anterior para com a pátria e o imperador estava mais voltada agora para o país adotivo, pátria dos filhos e netos; o plano inicial era substituído, quase que inconscientemente, pela permanência definitiva"* (in.Saito(org),1978:86-87). Continuavam, portanto, transnacionais. Uma nacionalidade brasileira, porém, se fazia presente, às vezes até explícita, sobretudo na formulação identitária de seus filhos, *nisseis*. Assim, aqueles imigrados que se definiam como japoneses tomavam consciência, pela primeira vez, de que tinham também elementos brasileiros intrinsecamente incorporados às suas vidas. Mesmo que não nestes termos, seria este o sentido das reflexões de Hiroshi Saito... desde aquela época até o momento de sua morte.

Aquele japonês que um dia sonhou em ser militar, tornava-se intelectual. As idéias passavam a ser sua nova arma. Com elas, passaria a exercer sua militância, acompanhando sempre o rumo dos acontecimentos impostos pelo cotidiano e pelo relacionamento entre as nações com as quais se via envolvido: o Japão e o Brasil.

### CAPITULO III

#### O INTELLECTUAL E SEUS PROJETOS

##### A Academia

Hiroshi Saito já tinha demonstrado, em diversas oportunidades, um dom inato para a redação de textos. Contam seus amigos Srs. Handa e Kawai (entrs. em 28.09.92, e 11.12.92 respectivamente, confirmadas pelos familiares) que, raramente, preparava esquemas ou rascunhos e que quando decidia escrever sobre determinado assunto, fazia-o compulsivamente, acompanhado pelo cigarro, vício que se iniciou clandestino no período em que frequentou a Escola Agrícola M'Boy e que levou até os seus últimos dias. Foi,

finalmente, em 1947 que se deu a entrada de Saito na vida acadêmica e a publicação de seu primeiro artigo sociológico.

Naquele ano, Saito ingressou na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), inicialmente como aluno-ouvinte, aprofundando seu contato com Emilio Willems, de quem havia sido um dos principais informantes na pesquisa que este realizara sobre "assimilação de descendentes de japoneses" (Mori, 1990:9).<sup>41</sup> Pouco tempo depois, publicou, em co-autoria com aquele professor, seu primeiro trabalho sociológico intitulado "Shindō-Renmei: um problema de aculturação" (in. Sociologia, São Paulo, IX, 2.p., 133-154).

Saito tinha vivenciado toda a disputa entre vitoristas e derrotistas, conforme narrado no capítulo anterior. Seu conhecimento sobre estes e outros fatos relevantes que tinham envolvido os japoneses e seus descendentes no Brasil era extenso. Ainda faltava-lhe, contudo, a necessária abordagem teórica que viabilizasse uma

---

<sup>41</sup> Não há referências de como Saito passou a ser informante naquela pesquisa. Segundo Mori, aquele foi o primeiro contato que teve com a sociologia, ou ainda, mais diretamente, com a teoria da assimilação (Mori, 1992:9). O mesmo autor esclarece que Willems realizou os seguintes trabalhos sobre assimilação de descendentes de japoneses:  
 1941 - (com Herbert Baldus) "Casas e túmulos de japoneses no Vale do Ribeira de Iguape" in. Revista do Arquivo Municipal, LXXVII: 121-136  
 1942 - (com Herbert Baldus) "Cultural change among Japanese immigrants in Brazil" Sociology and Social Research XXVI:525-537, Abril/Julho  
 1948 - Aspectos da aculturação de descendentes no Estado de São Paulo, São Paulo, USP  
 1949 - "The Japanese in Brazil" in. Far Eastern Survey, XVIII:6-8.

análise científica daqueles assuntos.

A Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) proporcionaria a Saito o cabedal teórico de que ele necessitava. Os professores da instituição eram, em grande número, estrangeiros, como Herbert Baldus, Emilio Willems e Donald Pierson (Melatti,1984:9). A presença de Pierson, vindo da Universidade de Chicago, trazia uma orientação metodológica e teórica que seria decisiva para o desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil e para a Antropologia, em especial, até a década de 60 (Correa,1988:81).

Saito conservou-se fiel aos ensinamentos dos seus professores reproduzindo, até o final de sua vida, com poucas modificações, as principais correntes de pensamento que tinha absorvido naqueles seus primeiros anos de vida universitária. Um conceito e um conjunto de métodos e técnicas de pesquisa eram largamente utilizados naquele período, elementos estes que foram repensados, redimensionados e adotados também como referências importantes na concepção do presente estudo.

O conceito principal era o de "assimilação" e, mais especificamente uma de suas manifestações, a "aculturação"<sup>42</sup>. A idéia de assimilação desenvolvia-se a

<sup>42</sup> Ogburn e Ninkoff ((1953)1980:277) apontam que "a aculturação de estrangeiros... (vinha sendo) mais estudada pelos sociólogos do que quaisquer outras manifestações de assimilação" que não incluíam apenas o processo pelo qual

partir dos ensinamentos de R. E. Park e E. W. Burgess, intelectuais "chicagoans", para quem "assimilação é o processo de interpenetração e fusão pelo qual as pessoas e os grupos adquirem lembranças, sentimentos e atitudes de outras pessoas ou grupos, e, partilhando de sua experiência e da sua história, integram-se a eles, numa vida cultural comum" (in. Introduction to the science of sociology, Chicago, Univ of Chicago Press, 1921:735). Feita a ressalva, pelos próprios autores (na referida obra) de que o processo não conduziria necessariamente a um resultado uniforme, posto que a organização das sociedades fundamenta-se na integração de diferenças complementares, sendo que assimilação significaria esta mesma integração bem-sucedida de uma variedade de pessoas em uma nova sociedade.

A idéia de aculturação, por sua vez, era construída a partir da clássica formulação de R. Redfield, R. Linton e M. J. Herskovits. Afirmavam os autores que "a aculturação compreende os fenômenos que surgem quando grupos de indivíduos de culturas diferentes entram em contato direto e contínuo ocasionando mudanças nos padrões culturais de um ou de ambos os grupos" ("Memorandum for the study of acculturation" in. American Anthropologist, 1936 v. 38: 149-152). Hiroshi Saito acompanharia, ao longo de sua carreira, as modificações que estes referenciais teóricos sofreriam bem como as críticas a eles dirigidas. Manter-se-ia fiel, indivíduos criados em determinada cultura, quando transferidos para outra, adotam padrões de comportamento da segunda sociedade (id.).

contudo, aos seus usos, assim como ao uso dos conceitos afins, em grande parte de seus escritos. <sup>43</sup>

O conjunto de métodos e técnicas de pesquisa era o que se convencionou chamar de "estudo de comunidade", em que se tentava a transposição de instrumentais analíticos desenvolvidos no estudo das sociedades ditas "primitivas" para o estudo das "sociedades complexas", isto é, fundamentava-se na observação direta de pequenas cidades ou vilas com as técnicas desenvolvidas pela Etnologia no estudo de sociedades tribais (Melatti, 1984:14). Esta abordagem analítica vinha sendo fartamente realizada nos Estados Unidos desde o estudo realizado em 1929, por Robert e Helen Lynd, numa pequena cidade do Missouri à qual deram o nome fictício de Middletown (Guidi,1962:46). Aponta Melatti que *"... com os estudos de comunidade, pretendia-se chegar a uma visão geral da sociedade brasileira, através da soma de muitos exemplos distribuídos pelas diversas regiões do*

<sup>43</sup> Os estudos de assimilação e aculturação foram desenvolvidos no Brasil sob grande influência exercida por Emilio Willems, sobretudo em Assimilação e Populações Marginais no Brasil (São Paulo, Cia Editora Nacional, 1940) e em Aculturação dos Alemães no Brasil (São Paulo, Cia Editora Nacional, 1946). Maiores referências são expostas por Manuel Diégues Jr. em "Estudos de assimilação cultural no Brasil", in. Saito, Hiroshi e Muller, Antonio Rubro (orgs.) Memórias do I Painel Nipo-Brasileiro, Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1956. Hiroshi Saito, na "Apresentação" de Assimilação e Integração de Japoneses no Brasil escreveria que "é a partir de 1940 que desperta entre sociólogos e antropólogos o interesse real pelo estudo do grupo japonês. Desde então, numerosas pesquisas e estudos foram conduzidos nos moldes científicos em torno de um processo evolutivo a que, conforme perspectivas adotadas em cada caso, se nomearam de 'assimilação', 'aculturação', 'integração', 'absorção', 'fixação' e outros" (Saito e Maeyama (orgs.),1973).

*Brasil. Além desse objetivo geral, tais estudos estavam quase sempre voltados para objetivos específicos, como mudança cultural, persistência da vida tradicional, problemas com imigrantes, educação e vários outros.* (Melatti, 1984:14-15)

Esta abordagem dominou o trabalho de Saito naquele período e, mesmo com as sucessivas críticas apresentadas, das quais destacamos, no Brasil, as de Octávio Ianni (1961) e as de Klaas Woortman (1972), continuou a orientar sua visão para o desvendamento do mundo social.

Esses dois referenciais - as idéias de assimilação (e de aculturação) e a de comunidade - seriam determinantes na primeira grande obra de Saito: O cooperativismo na região de Cotia; um estudo de transplantação cultural, seu trabalho de mestrado, publicado em 1956.<sup>44</sup> Até o final do curso de pós-graduação, Saito desenvolveria ainda inúmeras atividades acadêmicas mantendo, paralelamente, seus vínculos com os intelectuais *nikkei* e brasileiros e criando ainda vínculos com pesquisadores japoneses.

No ano de 1949, Hiroshi Saito travara contato com

---

<sup>44</sup> Nesta obra, o "Prefácio" assinado por Donald Pierson esclarecia o objetivo do estudo que era a análise da "transplantação do complexo cultural do cooperativismo do Japão para o Brasil, e as modificações havidas neste processo, levando-se em consideração especialmente a Cooperativa Agrícola de Cotia". A análise elaborada por Saito tinha como base o conceito de assimilação seguindo os ensinamentos de seu mestre Pierson dentro dos parâmetros fornecidos pela Escola de Chicago.

Donald Pierson, que seria seu orientador durante o período de pós-graduação e, como indica a correspondência que trocaram até o falecimento de Saito, um amigo. Pierson trazia consigo os avanços da sociologia americana de então, tendo sido aluno de Robert E. Park, um dos expoentes da conhecida Escola de Chicago, além de George Herbert Mead, Herbert Blumer, Robert Redfield e A. R. Radcliffe Brown, também seus professores. A presença destes nomes e dos temas e conceitos com os quais trabalharam é marcante nas anotações de Saito, desde as realizadas em seus cadernos de estudante, quanto as integrantes de seus diários de campo.

Em 1950, aos 31 anos de idade, Hiroshi Saito tornou-se aluno regular na ELSF. Passava então a realizar pesquisas em diversos locais, dentro e fora do Brasil<sup>45</sup>, escreveu alguns artigos e iniciou-se na atividade docente. Durante o curso de pós-graduação chegou ainda a participar como assistente de pesquisas em trabalhos de Donald Pierson.

Quanto a este seu aluno, Pierson nos escreveu (em carta datada de 24.06.93) dizendo: "*Hiroshi ... (chegou) à Escola de Sociologia e Política tarde demais, isto é, depois da época de minha atividade profissional mais intensa no seu País e quando eram alunos nossos, por exemplo, Oracy Nogueira, Og Francisco Leme, Mário Wagner Vieira da Cunha, Alceu Maynard de Araújo, Padre Aldemar Moreira, Cecília*

---

<sup>45</sup> Um roteiro das pesquisas realizadas por Saito, ao longo de sua vida, encontra-se no Anexo.

Sanioto (mais tarde Di Lascio), Aparecida Joly Gouveia, Octávio Costa Eduardo, Maurício Segall, Levy Cruz, e seus colegas; aliás, ele chegou depois de eu ter adoecido (houve 4 1/2 anos de dores em seguida), desenvolvimento infeliz logo depois de voltar de nosso survey, de dois meses, do Vale do São Francisco, em companhia de Otávio e Levy. (...) Meus contatos com Hiroshi foram poucos - demasiadamente poucos; e tomaram lugar, não tanto na Escola, como em minha casa, quando Hiroshi me procurou para conversarmos sobre o estudo que ele, pesquisador embrionário, estava fazendo naquele tempo, no interior do estado de São Paulo. (...) Hiroshi foi one of the most promising students and possible collaborators that I had met during my years in São Paulo".<sup>46</sup>

#### O início profissional

Ainda no período de estudante na ELSP, Saito passou por uma experiência especialmente significativa em sua carreira. De setembro de 1952 a março de 1953, foi assistente de pesquisas do professor Seiichi Izumi, do Instituto de Pesquisas da Cultura Oriental da Universidade de Tóquio, num projeto patrocinado pela Unesco para o estudo

---

<sup>46</sup> Reafirma e detalha, portanto, suas menções sobre Saito realizadas em Corrêa, 1987.

de aculturação de imigrantes japoneses no Brasil, sob o tema "Metodologia para o estudo de tensão inter e intragrupal dos imigrantes japoneses no Brasil".

Nessa oportunidade, Hiroshi Saito pôde realizar pesquisas entre japoneses e seus descendentes radicados na Amazônia. O encontro com Izumi havia sido possível graças a uma carta enviada à senhora do sociólogo japonês Kunio Odaka, episódio descrito por Saito nos seguintes termos: "*O Sr. Seiichi Izumi, na época professor assistente do Instituto de Pesquisas da Cultura Oriental da Universidade de Tóquio, chegou a São Paulo em 1952, para realizar estudos do processo de assimilação dos descendentes de japoneses, inclusive a questão vitória-derrota, (...) (dentro do tema "Tensão inter e intragrupal dos imigrantes japoneses no Brasil")*<sup>47</sup>. Eu já havia feito troca de correspondência com o Sr. Izumi através da carta enviada à Sra. Kunio Odaka. Havia prometido a ele que colaboraria nas pesquisas aqui no Brasil. Durante seis meses, me dediquei ao levantamento de campo, nos núcleos de concentração de descendentes de japoneses nos estados de São Paulo, Paraná, Pará e Amazonas, como assistente do Sr. Izumi" (Saito,1984:141-142 apud. tradução de Koichi Mori in. Mori,1990:11).

Seiichi Izumi veio ao Brasil nos anos de 1952 a

---

<sup>47</sup> Os resultados preliminares da pesquisa foram apresentados no artigo "Pesquisa sobre a aculturação dos japoneses no Brasil" in. *Sociologia*, XV, n. 3, agosto de 1953.

53, seguindo-se novas visitas em 1955/56, 1958 e 1960, 4º períodos de renovação e de reorientação na vida de Saito, que envolvem também o nascimento de seu terceiro e último filho, Hugo, em 1956.

Fruto dos primeiros trabalhos de Izumi neste País foi o livro Amazon: sono fudô to nihonjin (A Amazônia: seus traços naturais e os japoneses, 1954), que contou com a participação de Saito. A influência de Izumi sobre Saito foi tão marcante quanto a exercida por seus mestres na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Se Saito referia-se afetiva e respeitosamente a Donald Pierson como "meu mestre"<sup>49</sup>, também quanto a Izumi demonstraria sentimento semelhante. Lembrando da primeira vez que encontrou o intelectual japonês, escreve: "O encontro com Izumi foi para mim realmente um acontecimento. Um charme

<sup>48</sup> Sobre as vindas de Izumi ao Brasil, escrevem Smith, Cornell, Saito e Maeyama: "... In 1952 and 1953, Izumi Seiichi of the University of Tokyo conducted extensive field studies in rural communities in Brazil in collaboration with Hiroshi Saito. In 1955, Saito undertook a series of surveys of post-war Japanese immigrants in agricultural colonies. In this same year, Izumi returned to Brazil with a group of social scientists to extend the coverage of range of Japanese settlement-types in Brazil, and in 1956, Tada Fumio, also of the University of Tokyo, headed a team of geographers and sociologists in a study of Japanese settlements in the Amazon area" (Smith et alii., 1967:V). Koichi Mori esclarece que em 1955, o grupo que acompanhava Izumi era composto por Morio Ono (geografia humana), Tetsuo Tsukamoto (sociologia), Kiyoshi Shima (sociologia) e Masao Gamow (antropologia social), participando do lado brasileiro Hiroshi Saito e Nobue Miyazaki, esta ainda estudante da USP. As pesquisas realizadas por este grupo foram publicadas no Japão sob o título Imim - Burajiru imim to Jitai Chôsa (Imigrantes - Pesquisa da situação dos imigrantes no Brasil) (Mori, 1990:12-13).

<sup>49</sup> Expresso em Saito, 1978:57.

*peçoal, raramente encontrado. Creio que aí estabeleci o meu alvo de estudioso" (Saito,1984:239, apud. tradução de Koichi Mori in. Mori,1990:11).*

Tetsuya Tajiri, integrante da Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil<sup>90</sup>, antigo aluno de Izumi e o primeiro de seus discípulos a vir ao Brasil (em 1954) para realizar pesquisas dentro do programa financiado pela Unesco, avalia da seguinte maneira a influência que seu mestre exerceu sobre Saito e a visão que aquele professor japonês tinha quanto ao ofício do antropólogo: "*O professor Izumi veio para o Brasil pela primeira vez em 1950 para ver a parte psicológica da colônia japonesa naquela época (...)* (A preocupação dele) *era a identidade de isseis e nisseis. (...)* *Acredito que a influência de Izumi sobre Saito não foi tanto na parte teórica dos estudos, foi mais filosófica. O professor Izumi era uma pessoa cosmopolita, mas o espírito dele era japonês. Acredito que Hiroshi Saito adquiriu este espírito japonês profundo através do professor Izumi. No romantismo que encontramos na obra de Saito, acredito que a influência tenha sido também daquele professor, porque Izumi foi muito romântico. Ele dizia que aquele que não tem mentalidade romântica não pode ser antropólogo. Esta seria a primeira condição. (...)* *Os sociólogos japoneses, até a geração de Izumi, são quase todos românticos. Havia no Japão um*

<sup>90</sup> Comissão responsável pela elaboração do livro Uma Epopéia Moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil (1992), sob os auspícios da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa.

professor chamado Oka<sup>21</sup> que tinha se formado em Viena e, mesmo não tendo sido professor da Universidade de Tóquio, teve uma influência muito grande nesse sentido sobre os sociólogos e antropólogos japoneses até aquela geração. Depois do professor Izumi, essa tendência ao romantismo mudou um pouco por causa da influência americana". (Sr. Tajiri, entr. em 20.08.93)

O contato estabelecido com Izumi proporcionaria a Saito relacionamentos preciosos com intelectuais e universitários japoneses, chegando a viabilizar a publicação de seus artigos em revistas especializadas do Japão. Também devido ao contato com Izumi, retornaria à terra natal pela primeira vez desde que emigrara ao Brasil.<sup>22</sup>

Até 1957, quando foi convidado a lecionar no então recém criado "The Research Institute for Economics and Business Administration" da Universidade de Kobe, Saito vinha firmando, também, sua posição junto a intelectuais nipo-brasileiros e brasileiros. Participava assiduamente das reuniões do *doyokai* que se institucionalizaria, no ano seguinte, com o nome de Sociedade Brasileira de Estudos

<sup>21</sup> Massao Oka dirigiu o Instituto Nacional de Etnologia (*Kokuritsu Minzokugaku Hakubutsukan*), criado em Tóquio em 1943, sob os auspícios do Ministério da Educação. Em sua gestão, o Instituto desenvolveu pesquisas sobre povos de diferentes regiões da Ásia. (Takao, Sofue, "Cultural Anthropology" in. An Introductory Bibliography for Japanese Studies, Tokyo, University of Tokyo Press/The Japan Foundation, 1974: 88).

<sup>22</sup> Cujá apreensão por Saito foi mencionada no capítulo primeiro desta dissertação.

Nipo-Brasileiros de São Paulo. Além disso, reforçava os laços com seus colegas e professores, alguns deles cujos nomes foram mencionados acima na carta enviada por Donald Pierson.

A oportunidade que se lhe abria em Kobe incluía, além da atividade de pesquisador, a possibilidade de lecionar, como professor visitante, num curso sobre "Sociedade e Cultura da América Latina". No caminho ao Japão, Saito visitou ainda o professor Izumi, sobre o que escreveu: *"Em fevereiro de 1957, viajei para assumir o cargo de professor-assistente na Universidade de Kobe, passando pelos Estados Unidos. Hospedei-me, em pleno rigor do inverno de Cambridge, na casa do casal Izumi. São muitas as recordações dessa viagem, (...) em março cheguei a Kobe e, a partir de abril, comecei a vida de pesquisador na Universidade de Kobe"* (Saito, 1984:146 apud. tradução de Mori, 1990:16, nota 9).

Além de suas atividades docentes, Saito dedicou-se à pesquisa de uma vila de emigração naquela cidade<sup>23</sup> onde colaboraram também os professores Masao Gamoh, então livre-docente da Universidade de Meiji, e Kiyoshi Shima, então livre-docente da Faculdade de Farmácia de Meiji <sup>24</sup>

<sup>23</sup> Kobe é uma cidade portuária de onde saíram sucessivas levadas de imigrantes, local inclusive de onde zarparou o Afrika Maru que trouxe os Saito ao Brasil.

<sup>24</sup> Deste estudo, publicou um livro intitulado Kuroshima: de kassequi to iju no shima (Kuroshima: uma ilha de emigração) Kobe University Press, Kobe, 1961.

(Mori,1990:15).

Em 1959, Saito regressava do Japão com o título de Doutor em Economia e vinha assumir o posto de professor na ELSP. Suas preocupações, apesar do título obtido numa instituição que se voltava ao estudo da Economia, centravam-se numa visão sociológica dos fenômenos que verificava entre seus patrícios no Brasil. Sua tese de doutorado serviu de base para a publicação de O japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação, em 1961.

Tratava-se de um estudo cuja intenção era apreender e analisar os processos de mobilidade e fixação por que haviam passado os imigrantes num país receptor, notadamente os japoneses e seus descendentes no Brasil. Lançava mão, neste seu livro, além da tese apresentada em Kobe, de todas as suas publicações (e pesquisas) anteriores qualificando-se, no prefácio, da seguinte forma: "*Como filho de imigrante, cuja família - como tantas outras que para aqui vieram quer da Europa quer da Ásia - buscara nesta terra vida humilde mas pacífica o que despertou em mim desde cedo o interesse de observar a situação e viver a sensação daqueles que experimentam a vida do imigrado. Era como um privilégio que eu podia lançar mão, na tentativa daquilo que o antropólogo ou o sociólogo têm de interesse perene: compreender o semelhante*". (Saito,1961:7) Somando-se a essas afirmações a preocupação com o futuro dos imigrados em nosso País, temos a síntese de toda a obra de Saito, bem como o

sentido mais forte de suas atividades.

No curso de pós-graduação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo (ESP, antiga ELSP) deu aulas sobre "Estudos de aculturação no Brasil" e "Sociedade e cultura dos povos asiáticos", e no de graduação, sobre "Desorganização social", "Comportamento coletivo" e "Ecologia Humana". Ministrou estas disciplinas até 1970, quando desligou-se da Escola. <sup>99</sup>

Em 1965, Saito publicara uma revisão de seu trabalho de mestrado que veio a ser intitulado Q Cooperativismo e a Comunidade. Neste livro, incluiu a íntegra daquele seu estudo publicado em 1956, acrescentando-lhe, a partir de pesquisas que realizara em 1961 e 62, estudos de caso de seis regiões consideradas representativas da estrutura sobre a qual se baseava a Cooperativa Agrícola de Cotia. Sua finalidade era levantar e formular problemas no que dizia respeito à relação entre a Cooperativa e seus associados, buscando as condições de integração e coesão dos associados em nível de comunidades. Procurava, nesse sentido, *"estudar a integração e atuação dos lavradores filiados à Cooperativa em níveis intra e inter-grupais, dentro do contexto de diferentes comunidades e, em seguida, situar tais comunidades dentro da visão do estado atual (do*

---

<sup>99</sup> Em 1963, tornou-se também professor do Instituto de Estudos Rurais, fruto de um convênio que incluía instituições públicas e privadas, entre elas a Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

início dos anos 60) da zona rural brasileira" (Saito,1965:152).

Em 1966, dirigira-se aos Estados Unidos como professor visitante associado do Departamento de Sociologia da Universidade da Florida em Gainesville a convite de J.V.D. Saunders, diretor do *Latin America Language & Area Program*. Em carta a Hiroshi Saito, datada de 26 de abril de 1965, escrevia o Sr. Saunders: "... here we would ask you to teach two courses.(...) ... designated as follows: SY 630, *Assimilation of Immigrants in Brazil* and SY 599, *Special Problems in Brazilian Sociology*. (...) Your appointment would be as *Visiting Associate Professor of Sociology* at a salary of \$ 5,000 for the trimester...".

Saito permaneceu naquela instituição para dar aulas durante o curso trimestral de inverno (de janeiro a abril), período em que manteve contatos, entre outros, com seu amigo H.W. Hutchinson, sociólogo que havia realizado estudos sobre comunidades de imigrantes no Brasil. Além deste, desfrutou da companhia de um grupo de estudantes japoneses com quem convivia fora das salas de aula, dividindo a moradia e um carro (Hugo Saito, entr. em 08.01.94). A remuneração obtida com os cursos que ministrou nos Estados Unidos proporcionou a primeira fase de tranquilidade financeira a Saito. Conta o filho, Hugo, que a casa que moraram na Rua Mário Augusto Ferrão "foi comprada com o dinheiro que ele ganhou na Flórida. Ele dizia que

quando estava lá, gastava dinheiro 'apenas com o uísque' porque não tinha mais muita coisa para fazer. Aí foi possível fazer uma poupança" (Hugo Saito, entr. em 08.01.94).

Quanto ao aspecto que mais chamou a atenção de Saito no período em que esteve nos Estados Unidos, esclarece o filho: "Na época, o que mais impressionava meu pai era a preocupação dos alunos em não tirar notas baixas. Se isso acontecesse, eles podiam ser convocados para a guerra (do Vietnã). A pressão para estudarem era enorme. Por outro lado, sempre que surgia um protesto, parece que retornava o espírito dos confederados e a idéia de secessão" (Hugo Saito, entr. em 08.01.94).

No final da década de 1970, contrariado, Saito se demite da Escola de Sociologia e Política <sup>24</sup>. Quanto aos motivos que o levaram a se desligar da instituição, conta o filho, Hugo: "Eu me lembro que ele saiu da Escola de Sociologia e Política porque demoravam até três meses para pagar os salários e ele tinha muitas dificuldades para sobreviver. (...) Nada teve a ver com a tendência ideológica da Escola. Ele também vinha sentindo que a Escola estava meio decadente. Era isso que passava para a gente" (entr. em 08.01.94). Hiroshi Saito, conforme costumava dizer, passara os melhores anos de sua vida na "Sociologia e Política"

<sup>24</sup> Naquela instituição havia assumido diversas posições de destaque, inclusive a de diretor da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais (de 1961 a 64).

onde, segundo teria confidenciado a parentes e amigos, tinha encontrado "*um clima de efervescência intelectual que não conseguiu ver em nenhum outro lugar*" (Fumiko Shinohara, entr. em 20.08.93). Enfim, foi na Escola de Sociologia e Política que o imigrante-agricultor se projetou como intelectual, datando, também desta fase, sua produção científica mais intensa.

A precária situação financeira que acompanhava a família fez com que, ao longo de sua vida, procurasse, naquela e em outras oportunidades, a carreira de docente também em instituições privadas de ensino que lhe garantissem uma renda suplementar.<sup>57</sup>

#### O professor universitário e o intelectual da colônia

Em 1966 havia sido fundada a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA) onde, por volta de 1968, surgiu a idéia de se criar uma cadeira de Comunicação Rural. Hiroshi Saito foi chamado a lecionar na

---

<sup>57</sup> Lecionou nos cursos de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica (Faculdade São Bento - 1963/64), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santo André (1965), tornando-se também professor contratado da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco (1967/69).

ECA, ingressando na mesma instituição onde já dava aulas Egon Schaden, antigo companheiro e adepto do referencial teórico desenvolvido na ESP que havia sido tão caro à sua formação.

Na ECA, Saito lecionou, principalmente, "Comunicação rural", "Comunicação e transferência de tecnologia", "Fundamentos sociológicos da comunicação" e "Comunicação de inovações", entre outras. Alcançou, em sua permanência nesta faculdade, certa projeção, não só enquanto professor, mas também pelo fato de reunir, em torno de si, diversos docentes, orientandos e pesquisadores com quem veio a estabelecer profundas amizades. Alguns destes seus amigos dão as suas versões sobre a figura de Saito como pessoa e como professor:

Quanto aos seus traços pessoais, os entrevistados apontam um caráter discreto em Saito, "timidamente japonês", mas agradável e comunicativo:

*"Saito era discreto, sério, tímido..."* (Virgílio Noya Pinto, entr. em 03.08.93). *"Era uma pessoa muito séria... e muito prestativa, me ajudou muito arrumando inclusive tradutores para me auxiliar no trabalho"* (Arlinda Rocha Nogueira, entr. em 18.08.93) *"Extremamente severo, muito japonês, fazia questão absoluta dos horários"* (Luzia Yamashita Deliberador, entr. em 16.08.93). *"Éramos muito amigos... ele tinha um jeito sério, mas também gostava de conversar, contar casos*

*(...) era uma pessoa simpática. Ele se comunicava muito bem"*  
(Alberto Tomita, entr. em 15.07.93).

No que se refere à sua posição política, consideravam-no um homem mais voltado à direita. Respeitava, contudo, as posições com as quais não concordava:

*"Passamos por períodos complicados nesta faculdade (ECA-USP) durante o governo militar. (...) Saito era uma pessoa democrática, ele respeitava as diversas tendências"*  
(Virgílio Noya Pinto, entr. em 03.08.93) *"Ele me parecia um pouco à direita (...) mas me ajudou muito na época em que eu fui preso, no tempo da repressão"* (Jair Borin, entr. em 02.09.93)

O relacionamento com assistentes e orientandos era, na visão dos amigos, cordial, baseado na confiança que nutria pela qualidade da realização dos trabalhos então executados. Dentro de um padrão interpretado pelos entrevistados como tipicamente japonês, apontam ainda uma sutil diferença entre sua postura quanto a orientandos homens e mulheres, e entre descendentes de japoneses e não descentes.

*"Eramos todos seus amigos. Eu, em especial, tinha por ele grande amizade. (...) Uma vez fomos pescar juntos..."* (Jair Borin, entr. em 02.09.93). *"Eu organizava os seminários e ele confiou quase cegamente em mim, deixando que eu*

*elaborasse o programa e conduzisse os debates como achasse conveniente*" (Solange Couceiro de Lima, entr. em 26.08.93). *"Com o tempo, eu comecei a reparar que ele fazia uma diferença entre os orientandos homens e as orientandas mulheres"* (Jair Borin, entr. em 02.09.93). *"Ele era muito severo conosco, não sei se também pelo fato de sermos descendentes... talvez fosse isso"* (Luzia Yamashita Deliberador, entr. em 16.08.93).

Nas ocasiões em que recebia colegas e alunos em casa, realizava alegres reuniões onde ele, Saito, portando-se como japonês, interagia com o grupo. Estes, enquanto usufruíam da hospitalidade do mestre, reparavam discretamente a estrutura japonesa que o envolvia no ambiente doméstico.

*"Eu me lembro de ter estado na casa dele. Ele me recebeu de kimono. (...) A senhora dele quase não apareceu, apenas trazia e levava as coisas"* (Virgílio Noya Pinto, entr. em 03.08.93). *"Eu estive em algumas das reuniões na casa dele. Ele nos recebia em seu escritório, todo em estilo japonês. (...) A esposa nunca tomou parte. Ela raramente aparecia"* (Jair Borin, entr. em 02.09.93).

Não é raro, também, encontrarmos dedicatórias a Saito em obras de seus orientandos e amigos pesquisadores, a exemplo do que ocorre num livro de Arlinda Rocha Nogueira (1984).

Como observações à atividade docente de Saito, alguns de seus ex-alunos mencionam o comedimento daquele professor em sala de aula, sobretudo quando da necessidade de tratar temas polêmicos. O jeito discreto daquele mestre, contudo, não o colocava fora da visão dos colegas e alunos, fosse pela seriedade de seus modos, fosse pela maneira japonesa de se apresentar. Conta o professor Virgílio Noya Pinto que, na ECA, chamava a atenção de todos aquele professor japonês, "abanando-se com um leque no calor ... (além da) marmitta (o tradicional bentô japonês) que carregava, envolvida num lenço que, diariamente, ao almoçar, ele abria com uma disciplina... oriental" (entr. em 03.08.93).

Por outro lado, as maneiras austeras daquele professor não deixavam à mostra sua vitalidade. Paralelamente às funções exercidas no campo estritamente universitário, e mesmo que respaldado nelas, Saito desenvolvia inúmeras outras atividades, sobretudo junto à colônia japonesa. Realizou diversas viagens ao interior com o intuito de informar ou esclarecer japoneses e descendentes quanto aos mais variados assuntos. Em certas ocasiões, chegava mesmo a tentar alterar-lhes a visão das próprias vidas e do futuro no Brasil. Como jornalista, escrevia com regularidade para jornais *nikkei*; como intelectual, era membro ativo de entidades nipo-brasileiras, elaborava estudos, realizava pesquisas, organizava seminários,

simpósios e debates. Tornou-se, por essa via, um ponto de referência para os brasileiros ou nipo-brasileiros que se interessavam por assuntos ligados ao Japão e à colônia japonesa no Brasil, e também para japoneses que necessitavam de informações sobre o Brasil.

Enquanto realizava pesquisas em São Paulo e no Paraná, principalmente, Saito foi firmando relacionamentos com diversos indivíduos e entidades nipo-brasileiros do interior desses estados, tornando-se cada vez mais conhecido e afamado como intelectual da colônia. Devido à projeção que vinha adquirindo, passou a ser, repetidas vezes, convidado para a realização de palestras em inúmeras associações de japoneses (*kaikan*), atividades que levou com empenho desde o final dos anos 60, até a década de 1970, muitas vezes em companhia de Tomoo Handa.

Essas palestras eram realizadas frequentemente nos fins de semana e versavam principalmente sobre economia brasileira, aspectos socio-culturais brasileiros e japoneses e, ainda, sobre possibilidades de desenvolvimento técnico do setor agrícola, assunto que nunca abandonou. Adotava-se usualmente o idioma japonês não sendo raras, contudo, palestras em português para orientação dos jovens da colônia.

Saito já se interessava por estudos sistemáticos de economia brasileira desde suas primeiras pesquisas sobre

o cooperativismo. A economia era, no seu entendimento, a mola propulsora do processo emigratório de japoneses ao Brasil e o grande cenário dentro do qual ocorriam as possibilidades de inserção daqueles indivíduos na sociedade brasileira, abordagem frequentemente referenciada em sua obra.

No que se refere às questões sócio-culturais, era constantemente procurado para informar e aconselhar grupos de indivíduos do interior quanto aos problemas existentes no contato com brasileiros e à possibilidade de casamentos interétnicos. Falava sempre de uma integração necessária que iria se efetivando ao longo do tempo, tentando, por essa via, confortar e esclarecer seus conterrâneos japoneses quanto às posturas dos filhos e netos. Tomoo Handa refere-se a esses eventos dizendo: *"Vamos fazer aquelas palestras no interior... mas enquanto ele falava, eu ficava assim... pensando em outra coisa. Ele também, quando eu falava, ficava olhando para cima.(...) No fundo, nós sabíamos que as pessoas não iam seguir aquilo (que era falado)"* (entr. em 27.08.92).

As afirmações do Sr. Handa expressam um dos maiores dilemas de Saito. Ele acreditava no que dizia e via a assimilação como temporalmente inevitável. Mas, por um lado, não esperava que seus patrícios viessem a acatar aquelas idéias. Por outro, ele mesmo via com certa cautela a possibilidade de uma integração dos descendentes de

japoneses na sociedade brasileira, tendo em vista o risco de perder a especificidade cultural nipônica que intimamente estimava tanto.

O filho, Hugo, lembrando-se da personalidade do pai, sublinha: *"Meu pai falava muito sobre miscigenação; dizia que era normal etc., mas especificamente dentro de casa, se um de nós fosse se casar com um brasileiro nato, acredito que ele seria contra. O discurso dele era um pouco diferente da prática. Para alguns amigos que vinham em casa para se informar, ele dizia que a miscigenação era normal, mas não pensava assim"* (entr. em 08.01.94). Aspecto reforçado pela simpatia que Saito dedicava ao genro, Bernardo Yoshiaki Shinohara criado numa família estruturada dentro dos mais tradicionais padrões nipônicos. Afirma este que *"um amigo que era aluno do meu sogro me disse que se lembra dele dizer, em sala de aula, que a filha ia se casar com um excelente rapaz."* (Bernardo Shinohara, entr. em 01.11.91). Excelente, também, pelo espírito japonês que possuía.

O discurso de Hiroshi Saito, seus pensamentos e sua prática, contudo, não eram representativos de uma simples contradição, como parecem induzir as narrativas dos entrevistados. Saito era um japonês, sem dúvida, mas mesmo que não o fizesse conscientemente, rearticulava a própria identidade de acordo com as diversas situações em que se via envolvido, a partir de sua formação e convicções pessoais,

tendo ainda em vista os contextos mais amplos nos quais estava inserido. Este é o sentido das definições de identidade que os indivíduos elaboram ao longo de suas vidas e que, pela possibilidade de ser resgatado a partir do estudo da trajetória de vida de Hiroshi Saito, tornou-o protagônico neste estudo.

Saito exercia forte pressão sobre os filhos, cobrando-lhes disciplina e empenho nos estudos. O mais velho, Motoshi, chegou a deixar o convívio da família em 1957 para ir morar com os tios no interior. O mais novo, Hugo, teve um relacionamento mais flexível com o pai, tendo sido o que mais dialogava com ele. Muitas vezes, discordava abertamente de suas opiniões.

Indicando, portanto, não a contradição, mas uma das rearticulações identitárias de Saito, é o próprio Hugo quem afirma: *"Eu era bem mais novo que meus irmãos e acho que o mais brasileiro de todos. (...) Eu e meu pai tínhamos alguns problemas de relacionamento.(...) ... mas ele sempre falava: 'você tem os valores de duas culturas e você deve pegar o que existe de melhor em cada uma delas'"*(entr. em 08.01.94).

Numa outra situação, Saito mostrava, objetivamente, a tentativa de articular elementos japoneses

e brasileiros, numa tentativa de complementação que explicitava - embora interiormente hesitante - nos estudos e palestras realizadas nos *kaikan* do interior sobre a introdução de novas técnicas e as possibilidades de desenvolvimento do setor agrícola.

Desde 1952, vinha acompanhando a chegada dos novos imigrantes japoneses ao Brasil, principalmente os chamados pela Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC). O auge dessa iniciativa ocorreu entre os anos de 1955 a 58, e em 1967 <sup>88</sup>, época em que se interrompe o fluxo migratório devido à retomada do progresso econômico do Japão que voltava a

---

<sup>88</sup> Quanto às principais levas de imigrantes para a agricultura ocorridas no pós-guerra, narra José Yamashiro: "Entre 1951 e 55, particulares e associações atuam ativamente no sentido de conseguir a introdução de novos imigrantes nipônicos. Entre eles destacam-se especialmente os chamados "Jovens Imigrantes da Cotia (Cotia Seinen Imin) e os Grupos de Jovens para o Desenvolvimento Industrial (Sangyo Kaihatsu Seinentai), estes patrocinados pela Cooperativa Central Agrícola de Colonização de São Paulo (Nogyo Takushoku Kyodo Kumiai Rengokai), que tempos depois exerceriam, com sua atuação criativa, forte influência na comunidade nipônica. (...) O primeiro grupo dos 'Jovens Imigrantes da Cotia', composto de 109 elementos, chegou dia 15 de setembro de 1955 ao Porto de Santos. E até 15 de agosto de 1958 completa-se a cota de 1.500 jovens imigrantes. A seguir, a CAC requereu a vinda de um novo grupo de 1.500 jovens lavradores, conseguindo a autorização do INIC. O segundo grupo de jovens imigrantes da Cotia termina com a chegada de 110 solteiros e nove noivas a bordo do Sakura-Marú, que chegou a 10 de janeiro de 1967. Os jovens do primeiro e do segundo grupo somaram 2.508, não tendo sido completada a cota do segundo grupo. É que, com a recuperação das atividades industriais e o excelente desempenho de sua economia, o Japão já não precisava mandar emigrantes para o exterior a fim de resolver o problema da superpopulação. O seu parque fabril e outros setores produtivos absorviam a mão de obra nacional." (in. Comissão, 1992, 386-387)

oferecer oportunidades de emprego aos seus cidadãos.

Estes indivíduos que ingressavam em território brasileiro traziam o conhecimento de novas técnicas de cultivo, além da possibilidade de acrescentar novas espécies à produção agrícola nacional. Hiroshi Saito, que nunca chegou a se distanciar das atividades realizadas no interior das cooperativas, e da Cooperativa Agrícola de Cotia, em especial, realizou, aos recém imigrados, inúmeras palestras informativas sobre o Brasil com a finalidade de adaptá-los. Paralelamente, via impulsionadas as pesquisas em que analisava criteriosamente as inovações trazidas por aqueles jovens imigrantes e as possibilidades e resultados de sua implantação. Dedicou muito de seu tempo a esse trabalho que acabou servindo de base para conferências que realizou, artigos que escreveu e cursos que veio a ministrar, sobretudo na ECA.

Nas suas atividades de jornalista, Saito escrevia regularmente na seção editada em língua japonesa dos jornais da colônia e, esporadicamente, em outros órgãos da imprensa. Os assuntos tratados eram, em sua maioria, crônicas e breves reflexões sobre o cotidiano dos brasileiros e nipo-brasileiros.

E também digno de nota o papel importante que exerceu em entidades *nikkei* tendo sido, entre outras, diretor da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (também conhecida na colônia como *Bunkyo*), diretor da Aliança Cultural Brasil-Japão e, principalmente, pesquisador e diretor técnico do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. Enquanto membro destas instituições, foi ativo na realização de simpósios, seminários, tendo ainda sido um dos organizadores do Museu de Imigração Japonesa, fruto de árdua dedicação de seus idealizadores para que fosse finalmente inaugurado em junho de 1978.

#### Entre nipônicos e brasileiros

No Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (CENB), originado dos já mencionados encontros do *doyokai*, desenvolveu grande parte de suas atividades nas décadas de 60 e 70. Empreendeu pesquisas, realizou estudos e publicou diversos artigos e livros. O CENB era o núcleo irradiador das ações que direcionava para a colônia *nikkei* e, ainda, local privilegiado que colocava Saito nas redes de relações estabelecidas com nipo-brasileiros e japoneses.

Em sua sala no CENB, era frequentemente procurado

por brasileiros e japoneses. Os primeiros iam em busca de informações sobre o Japão e sobre a colônia *nikkei*. Os demais, buscavam conhecimento sobre o Brasil, sua cultura e seu povo. Um filho de Saito, Hugo, trabalhou como funcionário do CENB, lembrando-se que "*às sextas-feiras, depois do expediente, sempre havia alguma confraternização (...) Muitas pessoas o procuravam no Centro*" (entr. em 08.01.94) Foi numa dessas visitas que Saito fez um de seus melhores amigos, um indivíduo cujo contato deu novo rumo à sua vida, proporcionando ainda a realização de muitos de seus ideais.

Em 1974, no mesmo dia em que as chamas consumiam o edifício Joelma num dos maiores incêndios da história deste País, chegava a São Paulo um jornalista japonês que começava a ver no Brasil as múltiplas faces de uma sociedade que o impressionava, ao mesmo tempo que o atraía. Chamava-se Yoshiomi Tamai. Este indivíduo viria, no futuro, a ser o apoio necessário de Saito em sua idéia de mediar relações entre Brasil e Japão, tendo em vista os contextos complementares que acreditava existir entre os dois países.

O Sr. Tamai vinha ao Brasil aproveitando suas férias. Inicialmente, não tinha qualquer intenção de criar laços mais fortes com o País além da simples fruição da tropicalidade e do exotismo que, a exemplo dos turistas japoneses, esperava encontrar por aqui. Era um jornalista de prestígio no Japão, com acesso privilegiado a autoridades,

empresários e políticos. Quando tinha 29 anos, perdera a mãe num trágico acidente de trânsito. Este fato deixou marcas tão profundas que chegou a motivá-lo num duplo sentido. Idealizou e fundou a Associação de Orfãos de Trânsito (Kôtsu Iji Yukueykai), responsável, até 1993, pela assistência e educação de 41.000 crianças e jovens japoneses que perderam os pais em acidentes automobilísticos. Além disso, desenvolveu a idéia de que "o carro foi sendo cada vez mais aperfeiçoado pelo homem e, por mais que se tivesse cuidado, era uma máquina que, com o impacto, poderia causar acidentes graves. (...) O desenvolvimento do carro levava a uma maior industrialização, empregos, mas também à destruição do meio ambiente voltando-se, afinal, contra o próprio homem" (entr. em 30.12.93). Este raciocínio, na visão do Sr. Tamai, era metáfora do desenvolvimento econômico japonês, rápido, impactante e, conseqüentemente, perigoso. Essa tendência era frequentemente apontada em artigos que escrevia nos jornais japoneses.

De fato, "velocidade" seria um termo adequado para caracterizar o desenvolvimento das economias japonesa e brasileira naquele período. A partir dos últimos anos da década de 60, a economia japonesa dava mostras de um crescimento cada vez mais intenso. No mesmo período, a brasileira também mostrava expansão. Após essa fase, começaria a exibir traços de debilidade. Sobretudo no período de convergência das cifras de crescimento, Brasil e Japão viram somar seus interesses.

Autores dedicados ao estudo da economia - como Hollerman (1988) e Ernani Torres Filho (1991) - apontam que entre 1953 e 1979, o Brasil tornou-se um valioso parceiro econômico do Japão. O relacionamento entre os dois países tinha se desenvolvido a partir de duas áreas de interesse comum: a complementaridade entre as duas economias e os aspectos convergentes das respectivas estratégias de segurança nacional. Apenas em meados da década de 60, devido à crise política brasileira, a aproximação entre os dois países teria sido interrompida, mas depois retomada.

Saito caracterizava a vinda de capitais japoneses num *continuum* migratório, chegando a afirmar que formas tradicionais de imigração (para a agricultura) deram lugar a outra modalidade de imigração: empreendimentos a que se associam a tecnologia e o capital (Saito, 1977).

Todavia, depois de 1980, o Brasil passou a sofrer progressivamente os efeitos da crise econômica que se instalava, inspirando cautela aos japoneses quanto a possíveis investimentos neste País.

Se os *nikkei* brasileiros haviam presenciado a derrota japonesa e a vitória brasileira na II Guerra Mundial, na década de 1980 seria o Brasil o grande derrotado e o Japão o vitorioso, só que, desta vez, no campo econômico. Este novo contexto teria fortes repercussões na

constituição identitária dos nipo-brasileiros.

Naquele contexto do pós-guerra, tínhamos visto Saito indicando que a permanência definitiva no Brasil fazia com que os olhos dos japoneses e seus descendentes se voltassem para o País de adoção. Na década de 60, com a economia brasileira em fase de expansão e o sentimento nacional fortalecido, sentir-se parte da sociedade brasileira era um desejo e um privilégio de muitos *nikkei*. Dentro desse espírito, amparado pela teoria incorporada na vivência acadêmica, Saito se empenhava em aconselhar e integrar os japoneses e seus descendentes à sociedade brasileira, não só pelo que escrevia mas também em palestras e encontros.

Na época da "coincidência dos milagres", embora ainda se verificasse uma tendência marcante a valorizar o Brasil como pátria, começavam os *nikkei* a atribuir importância cada vez maior ao Japão emergente e às possibilidades de trabalho e ganhos que poderia proporcionar àqueles indivíduos que já possuíam afinidade com a cultura e língua nipônicas.

Hiroshi Saito que, enquanto intelectual, era um ponto de referência importante nas redes de relações entre brasileiros e japoneses, tinha importantes empresários nipônicos como amigos próximos, como era o caso de Alfredo Yamashita, vice-presidente da Nippon Steel no Brasil ou ainda Setsu Kamiyama, diretor presidente do Banco de Tóquio

neste País (Hugo Saito e Fumiko Shinohara, entrs. em 08.01.94 e 26.04.94, respectivamente). Acompanhando aquele estágio de euforia econômica que unia o Brasil ao Japão, passava então a voltar seus olhos da agricultura para a realidade empresarial japonesa e para as condições de sua instalação no Brasil. Escreveu artigos, realizou conferências e participou de debates sobre o assunto. Sua perspectiva era semelhante à que começara a desenvolver quando das pesquisas realizadas com as inovações introduzidas pelos imigrados japoneses do pós-guerra - entre eles, os "Jovens Imigrantes de Cotia" - ou seja, a complementaridade entre elementos de um e outro povo para o desenvolvimento de ambos. Esta perspectiva viria a tomar corpo na última grande idealização de Saito: a Associação Nipo-Brasileira de Intercâmbio de Jovens, posteriormente denominada Associação de Intercâmbio Japão-Brasil, constituída com o auxílio de seu amigo Yoshiomi Tamai.

Saito tencionava constituir-se numa "ponte" entre o Brasil e o Japão. Por diversas vezes mencionou esta sua intenção a parentes e amigos, chegando a deixar registrado a idéia em alguns de seus escritos. Todos os entrevistados que conviveram com Saito em seus últimos anos apontam aquele seu desejo<sup>59</sup>. O Sr. Tamai seria o elo fundamental na execução

<sup>59</sup> O desejo de se tornar uma "ponte" entre os dois países era tão forte e explicitado por Saito que consta logo nas primeiras linhas do Prefácio que o romancista Ken Kaiko escreveu à obra Burajiru-ito Nihonjin (O Brasil e os Japoneses - Saito, 1984), livro de ensaios que significava para Hiroshi Saito, uma avaliação panorâmica da sua vida, tendo ainda o sentido implícito de consagrá-lo (e mostrar sua capacidade) como elo de ligação entre o país de origem e

daquele seu desejo<sup>40</sup>.

Naquela posição de intermediador entre o Brasil e o Japão, Hiroshi Saito, unindo a experiência enquanto estudante da Escola Agrícola M'Boy e as perspectivas da iniciativa da CAC quanto aos conhecidos "Cotia Seinen", idealizou ainda uma associação de intercâmbio que pudesse proporcionar uma vivência de exterior aos jovens japoneses e um contato com o Japão aos brasileiros, cuja implementação só foi possível com a ajuda do Sr. Tamai.

Seu genro e atual diretor da Associação de Intercâmbio Japão-Brasil, Bernardo Shinohara, narra a concepção da entidade nos seguintes termos: *"Meu sogro sempre acalentou a idéia de um intercâmbio de jovens entre os dois países e viu a possibilidade de concretização no encontro com o Sr. Tamai. (...) Quando imaginou a Associação, havia no Brasil 200.000 imigrantes no Brasil e 2.000 indivíduos trazidos pela Cooperativa de Cotia. Com base nestes números ele pensou, então, que se trouxesse 200 jovens do Japão, poderia ter resultados já significativos, o de adoção.*

<sup>40</sup> Um exemplo das atividades de Saito como "ponte" foi o acompanhamento da visita de Takeo Fukuda ao Brasil, então responsável pelo Departamento de Planejamento Econômico do Japão (Economic Planning Agency), encontro facilitado pela amizade com Yoshiomi Tamai. O Sr. Fukuda - que depois tornou-se Primeiro-Ministro daquele país - escreveu a Saito em setembro de 1975 dizendo: *"...queria agradecer seu empenho quando estive no Brasil. Graças a você, conseguimos nos entender mais e melhor (...) para formar uma base de entendimentos que no futuro poderá se constituir numa via para implementar relações de cooperação"*.

*dentro de um prazo de dez anos. (...) O programa empreendido pela entidade inclui um tema específico de pesquisa e uma experiência de trabalho com uma remuneração que tenta igualar os estagiários japoneses a um brasileiro médio, que trabalha durante o dia e estuda à noite. Assim se espera que eles compreendam melhor o País com uma visão mais 'de dentro'. (...) Os programas a partir do Brasil são em menor escala devido a problemas de verbas, que vêm também diminuindo do lado dos japoneses. Além disso, o estágio de um ano no Japão encontra dificuldades legais na obtenção de visto, uma vez que essa figura de estágio não existe lá e as únicas possibilidades seriam o visto para estudo, o que não é o caso, ou o ligado a algum tipo de trabalho. Só que estas possibilidades de eventual trabalho se abrem principalmente para descendentes, e mesmo assim em alguns casos." (entr. em 26.04.94) Hiroshi Saito, inconscientemente, voltava então seus olhos para seu primeiro grande sonho na vida: mais do que um militar, tentava assumir intimamente a imagem de um estrategista, articulando elementos num nível próximo ao da diplomacia.*

A idéia era extremamente ousada na época. Seria indispensável um respaldo do lado japonês, bem como um intenso trabalho de sensibilização de autoridades japonesas e brasileiras para que se viabilizasse a entidade. Essa iniciativa foi levada a cabo pelo Sr. Tamai que aponta, inicialmente, que "o Japão não tinha realmente tanto interesse no Brasil; tinha mais interesse nos Estados

Unidos" (entr. em 30.12.93). Nesse sentido, indica que se havia a idéia de complementaridade das duas economias, os interesses japoneses pelo Brasil não se estendiam ao campo do intercâmbio cultural ou preocupações de ordem social. As tratativas para que se formasse uma associação de intercâmbio de jovens não foram fáceis. Aponta o Sr. Tamai que "como eu (Tamai) era jornalista na época, fazia, de certa forma campanhas mais ou menos grandes, expressivas. Conseguia, então, através de amigos, fazer uma divulgação desta associação de intercâmbio, que era, na época, bastante modesta. (...) Foi por ocasião da visita do presidente Geisel ao Japão (em 1976) que começou o projeto. Foi oferecido um almoço a ele, sendo que o presidente sentou-se ao lado de Shigeo Nagano, então presidente da Confederação Nacional da Indústria e Comércio do Japão. Eu pedi ao presidente Nagano que perguntasse ao presidente Geisel se haveria interesse em criar um intercâmbio de jovens (...) ao que o presidente Geisel teria comentado na ocasião que os japoneses se reúnem só entre eles formando verdadeiros quistos, não se misturavam entre brasileiros mas que seria muito válida a iniciativa (...) A partir daí o presidente Shigeo Nagano ofereceu todo o apoio necessário à criação da associação" (entr. em 30.12.93).<sup>41</sup>

Em dez anos de atividades da Associação, avalia

---

<sup>41</sup> Além de presidente da Confederação, Shigeo Nagano era presidente do conselho da Nippon Steel Corporation. Foi também presidente da Associação de Intercâmbio Japão-Brasil (na época, Associação Nipo-Brasileira de Intercâmbio de Jovens) desde a fundação até sua morte em 1983.

Bernardo Shinohara, "*chegou-se ao número de 242 estudantes japoneses (participantes do programa de estágio), 21% a mais, portanto, do que se imaginava no início. (...) E mesmo depois, o programa continuou porque a entidade foi reconhecida como de utilidade pública pelo governo japonês, afeta ao Ministério de Relações Exteriores e tem obtido um bom retorno*" (entr. em 26.04.94).

A influência do Sr. Tamai também deu impulso definitivo a uma das atividades que mais atraiu Saito nos últimos anos de sua vida: o ensaísmo. Saito já exercia cotidianamente esta sua vocação nos jornais em que escrevia, mas foi a partir do encontro com Yoshiome Tamai que decidiu dedicar-se com mais afinco a este gênero literário.

No dia seguinte ao que conhecera Saito, o Sr. Tamai retornou ao Centro de Estudos Nipo-Brasileiros com uma idéia que teria sido expressa nos seguintes termos: "*muitos japoneses, meus compatriotas, devem vir aqui com as mesmas perguntas e o senhor tem que responder sempre da mesma forma tantas vezes quantas forem as perguntas realizadas. Por que o senhor não escreve um livro a respeito do Brasil que eu, lá no Japão, posso tentar publicá-lo*" (entr. em 30.12.93).

Esta foi a origem de Gaikokujin ni natta nihonjin (Os japoneses que se tornaram alienígenas), publicado em 1978 e que lhe rendeu o prêmio de melhor ensaísta no Japão pelo Clube de Ensaísmo daquele país em 1979. Este prêmio

representou um dos momentos de maior realização de Saito. Aos filhos, confidenciou, naquela época, que finalmente perdera o complexo quanto ao domínio da língua japonesa e quanto a ser um japonês fora do Japão.

Nos últimos anos da década de 70 e início da de 80, Saito vinha sendo gradativamente menos requisitado nos círculos de japoneses em São Paulo. "Eu sentia que ele estava um pouco à cotê entre os japoneses", afirma, entre outros, o professor Virgílio Noya Pinto (entr. em 03.08.93), amigo fiel daquele seu colega da ECA. No livro de ensaios que Saito intitulou Burajiru to Nihonjin (O Brasil e os Japoneses, 1984), encontramos um sinal deste sutil abandono, embora ela não fosse, em nenhum momento, explicitada pelo autor. Trata-se do capítulo dedicado à exposição dos motivos que o haviam levado a demitir-se de seu cargo de diretor do Museu de Imigração.

Após indicar o contexto da concepção do Museu, o extenso trabalho empregado na sua construção e as pessoas que contribuíram nesta realização, argumentava Saito o fato de estar empenhado na elaboração de um livro sobre os 70 anos da imigração japonesa no Brasil, juntamente com outros intelectuais. Escrevia que quando uma pessoa convém para uma sociedade, aquela tem sua vez de participar. Se esta pessoa participa, precisa se empenhar ao máximo no cumprimento de suas funções. E quando atinge certo degrau, é melhor deixar o lugar para outra. Assim, pensava ser melhor para a

sociedade sua demissão do cargo de diretor do Museu. Dizia ainda que sempre que achava que "não era mais sua vez", deixava o lugar. Concluía, então, que isso não significava cortar sua relação com a entidade e, usando o teatro como metáfora, afirmava que pretendia se esforçar para tornar-se um especialista de modo que se houvesse necessidade de subir novamente ao palco, nesse dia iria dedicar-se inteiramente à realização do papel (Saito, 1984:131-133).

Outro exemplo de afastamento das atividades a que se dedicava surge quando aspirou um cargo num organismo difusor de cultura japonesa. Conta um entrevistado que Saito foi recusado por não considerarem suficiente o domínio que possuía do idioma materno. Discutia-se que, como tinha realizado apenas o curso primário no Japão, não tinha conhecimento tão abrangente quanto o de alguém que tivesse terminado o colégio naquele país. Poderia ser argumentado a favor de Saito que eram esquecidos, provavelmente por questões pessoais, a formação em instituições nipônicas no Brasil, conforme mencionado no capítulo I, a pós-graduação em Kobe, as leituras efetuadas em japonês e o material escrito por ele nesta língua.

Nas entrevistas realizadas, mesmo que não explicitamente, o fato de ser colocado à margem do mundo nipo-brasileiro foi, diversas vezes, reafirmado. Divergiam, em geral, os motivos apontados. Para alguns, Saito projetara-se excessivamente causando desconforto entre seus

próprios colegas, amigos e até entre familiares. Para outros, havia se descaracterizado enquanto intelectual na medida em que se dedicava ao ensaísmo <sup>42</sup> e a servir como "ponte" entre o Japão e o Brasil. Muitos entrevistados, sem entrar propriamente na origem do fato, apontam o gosto pela bebida como o elemento distanciador de Saito com relação aqueles junto de quem desenvolveu sua vida.

#### A bebida: vício esclarecedor

A bebida que, juntamente com o cigarro, tinha se tornado companheiro inseparável tanto da produção intelectual, quanto das estratégias de sociabilidade de Saito, tiveram, em outra dimensão, um duplo significado no final de sua vida.

Ao mesmo tempo que libertava a essência psicológica de Saito (ele era um japonês), projetava sua vida no Brasil, enquanto via os descendentes de seus

---

<sup>42</sup> O professor João Batista Borges Pereira (em entr. em 11.05.94), comentando a última fase dos trabalhos de Saito, lembra que a carreira intelectual tem, muitas vezes, seu final no ensaísmo, momento em que se permite compreensões mais abrangentes da realidade social, maior liberdade para "insights" e o lançamento de hipóteses a serem retomadas em estudos futuros. Este seria um argumento a favor de Saito, frente às críticas que recebeu.

patricios e os seus próprios ingressarem numa nova realidade. Dialogava com esta realidade, criava estratégias, fazia negociações. Era, portanto, um japonês... que via em sua existência e na de sua família distanciar-se a pátria de origem ao encarar como inevitável a vida na pátria de adoção. Em decorrência deste fato, explicitava os dilemas do imigrante, sua identidade e ainda a presença e os limites da construção de seu futuro.

Yoshiomi Tamai, seu mais prezado amigo nos últimos anos de vida, descreve da seguinte forma a bebida como um vício esclarecedor da pessoa Hiroshi Saito e de seus dilemas identitários: *"Como imigrante, ele tinha se graduado e até se tornado professor da Universidade de São Paulo. A vivência da sociedade brasileira, o dia a dia desta sociedade proporcionava uma série de pressões de ordem psicológica. Ele se sentia muito tenso dentro deste círculo (de brasileiros) e isso implicava num esforço contínuo para poder progredir neste meio. Dentro dessa luta diária depois dos estudos, ele passava para a sociedade nikkei. (...) Eu me lembro que ele confessou certa ocasião que a bebida exercia um papel relaxante, um elemento que trazia novamente o equilíbrio entre essas duas sociedades em que ele vivia diariamente. (...) Ele próprio, filho de imigrantes cujos pais, cujos tios trabalharam na lavoura, parece que tinha um pequeno problema de consciência porque ele próprio seguiu uma carreira ligada à cultura e não à lavoura, caminho percorrido pelos pais, pelos tios, avós etc. Talvez tenha*

*sido este sofrimento, no íntimo, este sacrifício que os pais tinham feito, somado ao problema de consciência de que ele sofria, lamentações como imigrante... talvez isso o tenha levado à bebida" (entr. em 30.12.93). Vício esclarecedor, portanto, teria no excesso a explicitação máxima de seu drama identitário.*

O próprio Saito escreveu diversas vezes sobre a bebida em seus livros de ensaios, reafirmando e ampliando o exposto pelo Sr. Tamai como indicam algumas páginas de *Gaikokujin ni natta nihonjin* (Os japoneses que se tornaram alienígenas, 1984:85-92), sintetizadas a seguir.

Naquela obra, Hiroshi Saito conta que, em certa ocasião, uns amigos vieram visitá-lo e começaram a beber. Observando Saito, uma das pessoas comentou que ele era "um saco sem fundo". Os outros, por sua vez, disseram que a julgar pela aparência, não imaginariam que pudesse beber tanto. O problema, nesse caso, era que, ocorrendo entre japoneses, tal afirmação seria um elogio, devendo o indivíduo objeto do comentário também apontar a característica nos outros, a título de cortesia. Mas no Brasil - refletia Saito - aquela afirmativa significava que se tratava de um "pau d'água", cachaceiro ou similar, o que era considerado muito ofensivo. O amigo que tinha realizado o comentário não imaginava tal diferença entre as culturas, tendo provocado a interferência dos outros no sentido de atenuar o constrangimento gerado (id.:85).

Quanto à apreensão do hábito de beber entre diferentes gerações de imigrados, escreve Saito: A transformação dos enfoques entre *issei* para *nissei* é rápida e profunda. Se o pai bebia demasiadamente e o filho cresceu vendo isto, passa a beber como um brasileiro e não como um japonês. Do mesmo jeito, ao se perguntar a uma moça *nissei* o que ela acha de homem que bebe, ela dirá que não gosta deles(id.:92).

Saito via nos *issei* brasileiros os mesmos hábitos de bebida dos japoneses. Por isso mesmo, pensava que o *issei* é muito triste porque não pode beber com os filhos. Afirmava que ele não é entendido pelos filhos e por isso bebe mais. Sente-se solitário porque os filhos desprezam esta maneira de beber e fica sozinho quando, na verdade, queria que bebessem juntos. Se fosse no Japão, observa, pais e filhos, ao se encontrarem, beberiam juntos (id.:92). Ainda nesta página, conclui Saito dizendo que bebe porque trabalha num país de estrangeiros e é à noite que ele bebe, para relaxar a tensão de um dia inteiro de pressões (id., ibid.).

Era verdade, portanto, que Saito gostava de beber. Mas não apenas porque era japonês, *issei*. O sabor do álcool e a satisfação em seus efeitos representavam uma das principais formas de união de dois mundos simultaneamente ideais e reais com que lidava em seu cotidiano. Assim, a bebida era, nos últimos anos de Saito, o elemento

esclarecedor de sua identidade.

Os últimos tempos de um japonês do Brasil

Hiroshi Saito nunca chegou a naturalizar-se brasileiro. Em diversas ocasiões, chegou a mencionar a intenção de adquirir, definitivamente, a cidadania do Brasil. Há referências de que ele teria tentado, por algumas vezes, submeter-se ao processo de naturalização. Contudo, esta lhe teria sido negada devido a um envolvimento, muitos anos antes, com a polícia que teria interrompido uma reunião do *doyokai* e detido os presentes sob suspeita de atividades anti-nacionais.

Em carta enviada a Saito por Masami Ishikawa, professor do Instituto de Geociências da Universidade de Tsukuba, lê-se: "... ouvi recentemente que você trocou a nacionalidade japonesa pela brasileira. Obtive esta informação por Fumio Nakagawa, que trabalha na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio. Para nós, é muito bom que você tenha nacionalidade brasileira pois fica mais fácil convidá-lo ao Japão como professor estrangeiro..." (carta

datada de 23.08.75). Na resposta que enviou ao Sr. Ishikawa, Saito trata de todos os outros assuntos levantados por aquele professor, silenciando sobre o boato. De qualquer modo, perder ou não a nacionalidade japonesa e tornar-se formalmente um brasileiro foi uma expectativa presente nas últimas duas décadas de sua vida.

Em seus últimos anos, Saito viveu intensamente os dilemas identitários, a idealização do futuro de seus semelhantes e os tributos com o passado. A saúde, contudo, começou a faltar-lhe; um câncer o consumia.

No final de 1981, internou-se num hospital paulista para a extração de um tumor situado entre a bexiga e o intestino grosso. Em maio de 1982, submeteu-se a outra grande cirurgia, num ano marcado por frequentes consultas, exames e internações.

Mesmo doente, não se desligava das atividades da Associação de Intercâmbio, seu último prazer e dedicação, superado apenas pela presença do neto, Enio. Utilizava suas escassas forças para a correção do relatório dos participantes do programa de intercâmbio. Esboçava as primeiras linhas de um livro sobre sua vida no Brasil mas, antes disso, se impôs uma tarefa: escrever a biografia de Senichi Hachiya, seu amigo e protetor, origem primeira de

suas realizações. Encontrava-se "saldando um décimo milésimo", como mencionava Ruth Benedict (1988:99 e ss.) no capítulo destinado à forma japonesa de encarar a virtude e o cumprimento das obrigações. Debruçou-se sobre todos os diários do Sr. Hachiya, chegando mesmo a levá-los para o leito do hospital, dando-lhes o formato do livro Senichi Hachiya, uma autobiografia, que veio a ser publicado em japonês sob o título Denki Senichi Hachiya, em maio de 1983.

No dia 31 de outubro daquele mesmo ano, falecia Hiroshi Saito. Terminava assim a vida de um imigrante, um japonês em terras brasileiras transformado em "japonês do Brasil". Deixava, assim como tantos outros de sua origem, uma viúva que ainda hoje tem dificuldades de falar o português, filhos nascidos aqui (sendo apenas o primeiro registrado na representação nipônica deste País) e um neto. Este, atualmente, afirma se orgulhar da ascendência japonesa e do progresso alcançado pelo Japão, espera desenvolver sua vida no Brasil, que aponta com pátria, acreditando ser aqui um privilegiado pela ascendência que lhe abre portas e garante sucesso no terreno profissional.<sup>43</sup> As sucessivas

<sup>43</sup> Na entrevista realizada em 13.04.94, afirma Enio Shinohara, neto de Saito: "Eu sou brasileiro (...) A visão que tenho do Japão é um pouco diferente porque tenho ascendência japonesa (...) É um país que teve uma grande evolução econômica e, de certa forma, eu sinto, mesmo não tendo participado disto, um orgulho pelo país onde nasceram meus avós atingir um estágio elevado no plano econômico. (...) Embora haja ascendência, a ligação comigo fica restrita a isso, à ligação com meus avós e com o que herdei deles. (...) Para morar, não gostaria porque é outro mundo, enfim, é muito diferente do que a gente está acostumado. (...) O Japão, para mim é bastante promissor porque adquiriu

gerações dos Saito configuram, assim, metáfora da trajetória dos imigrados e de seus descendentes, seus condicionamentos psicológicos e as respostas aos contextos em que se viram imersos.

---

*muito destaque e me permite abrir portas entre Brasil e Japão. Sendo descendente, tenho mais oportunidades..."*

## CONCLUSÃO

### O TRANSITO ENTRE NACIONALIDADES

Hiroshi Saito era um japonês, como apontaram diversos entrevistados. Mas a especificidade de sua trajetória propõe um redimensionamento necessário desta afirmativa. Mostra que Saito nasceu no Japão, veio ao Brasil com apenas 14 anos e desenvolveu, a partir daqui, as suas atividades. Se nunca perdeu de vista a pátria de origem, projetou em terras brasileiras seu futuro e o de sua família. Viveu entre o Japão e o Brasil o drama do imigrante, tornando-se, por suas obras e ações, uma metáfora dos dilemas identitários que marcam a trajetória dos *nikkei* brasileiros. Em outras palavras, constituiu-se num "modelo de aproximação" para se compreender o dilema da própria imigração japonesa e das identidades resultantes.

Saito vivenciou profundamente os aspectos da

nacionalidade e da transnacionalidade, conforme apontado ao longo deste trabalho. Enquanto *issei*, Hiroshi Saito era um "japonês do Brasil". Apresentava as mencionadas características nacionais e transnacionais, muito embora não se enquadrasse tipicamente na primeira formulação que efetuamos na parte introdutória deste estudo. Cabe, neste particular, um detalhamento de seu status identitário levando-se em consideração os elementos expostos no quadro seguinte, no sentido de mostrar que o *issei* representa o trânsito para uma situação que foi se explicitando em seus descendentes:

JAPÃO

BRASIL

NACIONALIDADE:

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

- Identidade cultural do país em que está radicado (ou em que nasceu e vive)
- Direitos originados da nacionalidade brasileira ou da possibilidade de permanência no País

+

TRANSNACIONALIDADE:

////////////////////////////////////

- Identidade cultural transferida pelos ascendentes, conservada e reformulada
- Direitos ou privilégios jurídicos concedidos pelo país de origem dos ancestrais (ou em que nasceu mas não se encontra radicado)

Por ter nascido no Japão e vivido ali os primeiros 14 anos de sua vida, Hiroshi Saito possuía documentos japoneses e, conseqüentemente, a cidadania daquele país. Como foi demonstrado, incorporara os traços culturais nipônicos transferidos por seus ancestrais. Até sua morte, em 1983, não se submeteu ao processo de naturalização. Absorveu, por outro lado, aspectos culturais brasileiros, a começar pelo idioma local, para que pudesse cuidar do desenvolvimento de suas atividades, garantir a sobrevivência e ver realizados seus desejos.

Mesmo sendo portador de uma carteira de identidade de estrangeiro no Brasil, nota-se, em Saito, uma submissão de fato ao ordenamento jurídico brasileiro, mesmo que não pudesse exercer aqui os direitos políticos. Pela parte do Brasil, é procedente admitir a existência de uma expectativa de cidadania plena pois, sendo ele um imigrado, tendo seu domicílio neste País, fixando o centro de suas atividades profissionais aqui e criando filhos brasileiros - dois dos quais com remota e complexa possibilidade de se tornarem cidadãos japoneses - esperava-se que viesse a se estabelecer, definitivamente, em território do Brasil e a adotar a cidadania brasileira por meio da naturalização.

Num sentido inverso, estando no Brasil, ocorreria uma não submissão de fato ao sistema jurídico japonês e, pelos mesmos motivos apresentados acima, uma conseqüente não expectativa de cidadania japonesa plena.

Assim, o indivíduo Hiroshi Saito poderia, eventualmente, voltar ao Japão e retomar sua vida como japonês. A pessoa Hiroshi Saito<sup>44</sup> aproximava-se de um nacional brasileiro sendo, sem dúvida, um transnacional japonês. Seu caráter identitário aponta o trânsito para a configuração identitária verificada entre as gerações que o sucederam, relativizada ainda, dentro dos parâmetros discutidos acima, a situação de outros, como seu primeiro filho que, registrado em órgãos competentes do Brasil e do Japão (consulado), com a possibilidade que lhe abre o *jus sanguinis* e o *jus soli*, é juridicamente um "duplo nacional".

A fragilidade desta proposição é intencional e, acima de tudo, esclarecedora. As Ciências Sociais e a Antropologia, em especial, dedicaram-se, em grande parte de sua história, à procura de elementos irredutíveis que indicassem uma efetiva constituição da identidade. Se podemos admitir que uma "âncora" identitária existe, esta

<sup>44</sup> A noção de pessoa foi fartamente discutida na Antropologia, desde o estudo clássico de Marcel Mauss (1974) e pelo de autores como Dumont (1985), entre outros.

também varia ao longo do tempo.

Não procede, portanto, a tentativa de se encontrar a definição de um ser japonês - muito embora ele possa ser idealmente detectado - sobretudo num mundo em constantes transformações que se apresenta em fase de globalização, ao mesmo tempo em que vê constituírem, recriarem ou reformularem identidades. Caso fosse possível uma tipificação deste ser japonês, que elementos nos autorizariam a falar dos nipo-brasileiros como japoneses? Se não fossem todos, quais então, entre eles, seriam os japoneses típicos?

Essas perguntas ficaram, em certo sentido, adormecidas até que um acontecimento de grandes proporções movimentou a colônia japonesa no Brasil, fazendo com que os próprios nipo-brasileiros se repensassem enquanto pessoas e alterassem a visão de seus destinos. Trata-se do fenômeno conhecido como *dekassegui*, ou seja, a ida e retorno de trabalhadores nikkei brasileiros ao Japão, cuja análise apresentamos no anexo desta dissertação.

As questões que emergiram com o movimento *dekassegui* proporcionaram um laboratório vivo de

constituição de identidades, indicando aspectos que já estavam presentes na trajetória dos imigrantes e assim também, em especial, na de Hiroshi Saito. A formulação da identidade, vista por este prisma, é contextual, variando de acordo com condições pessoais influenciadas diretamente pelo ambiente social, político, econômico e jurídico no qual estes indivíduos se encontram envolvidos. A contextualidade da elaboração da identidade não significa, contudo, que ela ocorra de modo aleatório. Ao contrário, ela se forma referenciada tanto em contextos anteriores quanto em contextos inéditos, no sentido em que este trabalho se preocupou mostrar.

As identidades e, mais especificamente, as identidades nacionais, portanto, a partir dos dados coletados e analisados nos limites desta dissertação, tendo por base o caso dos nipo-brasileiros a partir do "modelo de aproximação" Hiroshi Saito, são construções influenciadas decisivamente por contextos de diversas origens. Estes contextos transformam os indivíduos em pessoas que, a partir de semelhanças verificáveis (mas não imutáveis) nos campos do parentesco, traços culturais, experiências compartilhadas, possibilidades jurídicas etc, fazem com que se integrem enquanto comunidade histórica, pactuando e negociando, conforme já anunciado na introdução.

Essas comunidades, conseqüentemente, são também passíveis de terem alteradas suas configurações de acordo com cada época e local em que se formaram. Tempo e espaço que transformam e revelam, motores de definições contextuais, frágeis, e de expressões fugidias ... assim como contextual e frágil é a consciência que temos de nossa vida, e fugidio é o sentido que atribuímos a ela.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Benedict  
 - 1989 - Nação e Consciência Nacional São Paulo, Atica
- ANDO, Zenpati  
 - 1976 - Estudos Sócio-Históricos da Imigração Japonesa, São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros
- ASARI, Alice  
 - 1992 - E eu só queria voltar para o Japão: colonos japoneses em Assaí, São Paulo, FFLCH-USP (mimeo)
- BARNES, J. A.  
 - 1987 - "Redes sociais e processo político" in. Feldman-Bianco, Bela (org.) A antropologia das sociedades contemporâneas, São Paulo, Global
- BARTH, Fredrik  
 - 1969 - Ethnic Groups and Boundaries Boston, Little Brown
- BEFU, Harumi  
 - 1987 - Japan, an anthropological introduction, Tokyo, Tuttle
- BENEDICT, Ruth  
 - s.d. - Padrões de Cultura, Lisboa, Livros do Brasil  
 - 1988 - O Crisântemo e a Espada, São Paulo, Perspectiva
- BERNIER, Bernard  
 - 1988 - Capitalisme Société et Culture au Japon: aux origines de l'industrialisation, Montréal, Presses de l'Université de Montréal/Presses Orientalistes de France
- BOISSEVAIN, Jeremy  
 - 1987 - "Apresentando 'Amigos de Amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões'" in. Feldman-Bianco, Bela (org.) A antropologia das sociedades contemporâneas, São Paulo, Global

- BOSI, Ecléa  
 - 1979 - Memória e Sociedade: lembranças de velhos, São Paulo, T. A. Queiroz
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto  
 - 1976 - Identidade, Etnia e Estrutura Social São Paulo, Pioneira  
 - 1988 - Sobre o pensamento antropológico, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro
- CARDOSO, Ruth Correa Leite  
 - 1959 - "O Papel das Associações Juvenis na Aculturação dos Japoneses" in. Revista de Antropologia, (Separata do vol. VII, n. 1 e 2), São Paulo
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela  
 - 1985 - Negros, Estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África São Paulo, Brasiliense  
 - 1986 - Antropologia no Brasil, São Paulo, Brasiliense/Edusp
- CAMARGO, Aspásia, HIPOLITO, Lucia e LIMA, Valentina Rocha  
 - 1983 - "Histórias de vida na América Latina" in. BIB, Rio de Janeiro, n. 16/1983
- CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS  
 - 1969 - O Japonês em São Paulo e no Brasil, São Paulo (Relatório do simpósio realizado em 1968 pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros)
- COMISSÃO de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil  
 - 1992 - Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil, São Paulo, HUCITEC/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa
- CORREIA, Mariza  
 - 1987 - História da Antropologia no Brasil (1930-1960): testemunhos São Paulo, Vértice/Ed. da Unicamp  
 - 1988 - "Traficantes do Excêntrico: a antropologia no Brasil dos anos 30 aos anos 60" in. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.6, vol.5, São Paulo, ANPOCS
- DEBERT, Guita G.  
 - 1986 - "Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral" in Cardoso, Ruth (org.) A aventura antropológica São Paulo, Paz e Terra
- DUMONT, Louis  
 - 1985 - O individualismo, Rio de Janeiro, Rocco
- ERIKSON, Erik  
 - 1976 - Identidade, Juventude e Crise, Rio de Janeiro, Zahar

- FELDMAN-BIANCO, Bela  
 - 1992 - "Multiple layers of time and space: The construction of class, ethnicity, and nationalism among Portuguese immigrants" in. Annals of the New York Academy of Sciences, New York
- GEERTZ, Clifford  
 - 1978 - A interpretação das culturas, Rio de Janeiro, Zahar
- GINZBURG, Carlo  
 - 1987 - O queijo e os vermes, São Paulo, Cia das Letras
- GLAZER, Nathan e MOINIHAN, Daniel  
 - 1963 - Beyond the Melting Pot, M.I.T. Press
- GLUCKMAN, Max  
 - 1987 - "Análise de uma situação social na Zululândia moderna" in. Feldman-Bianco, Bela (org.) A antropologia das sociedades contemporâneas, São Paulo, Global
- GUIDI, Maria L. M.,  
 - 1962 - "Elementos de Análise dos 'Estudos de Comunidades' realizados no Brasil e publicados de 1948 a 1960" in. Rev. Educação e Ciências Sociais, n. 10, jan-abr. de 1962, Rio de Janeiro, pp 45-87
- GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo  
 - 1993 - "Operários e Mobilidade Social na Bahia: análise de uma trajetória individual" in. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.22, ano 8 São Paulo, ANFOCS
- HABERMAS, Jurgen  
 - 1989 - Identidades nacionais y postnacionales, Madrid, Tecnos
- HALBWACHS, Maurice  
 - 1990 - A memória coletiva, São Paulo, Vértice/Rev. dos Tribunais
- HANDA, Tomoo  
 - 1987 - O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil, São Paulo, T.A. Queiroz
- HASHIMOTO, Francisco  
 - 1991 - Sol Nascente no Brasil: cultura e mentalidade Assis, Unesp (mimeo)
- HEGEL, Georg W. F.  
 - 1977 - "La Constitution de l'Alemagne" in. Ecrits Politiques, Paris, Champ Libre

HOLLERMAN, Leon

- 1988 - Japan's Economic Strategy in Brazil: challenge for the United States Lexington, Lexington Books

IANNI, Octávio

- 1961 - "Estudo de Comunidade e Conhecimento Científico" in. Rev. de Antropologia, n.9 (1/2), junho de 1961)

LANGNESS,

- 1973 - A história de vida nas ciências sociais São Paulo, EPU

LEVI-STRAUSS, Claude

- 1983 - L'identité (Séminaire interdisciplinaire dirigé par Claude Lévi-Strauss professeur au Collège de France 1974-1975) Paris, FUF

- 1989 - O Pensamento Selvagem, Campinas, Papirus

LEWIS, Oscar

- 1970 - Os filhos de Sanchez, Lisboa, Moraes

LOURENÇO, Cecília França

- 1988 - Vida e Arte dos Japoneses no Brasil, São Paulo, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand/Banco América do Sul

MARCUS, George

- 1990 - Identidades presentes, passadas e emergentes: requisitos para etnoografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial Florianópolis, ABA

MAUSS, Marcel

- 1969 - "La Nation" in. Oeuvres - vol.3, Paris, Minuit
- 1974 - "Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do eu" in. Sociologia e Antropologia, São Paulo, EPU/Edusp

MEAD, George H

- 1972 - Espiritu, Persona y Sociedad, Buenos Aires, Faidos

MELATTI, Julio Cezar

- 1984 - "A Antropologia no Brasil: um roteiro" in. BIB, Rio de Janeiro, n. 17/1984

- MICELLI, Sergio  
 - 1987 - "Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil: 1930-1964" in. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.5, vol.2, São Paulo, ANPOCS
- MITA, Chiyoko  
 - 1986 - Bastos: uma comunidade étnica japonesa no Brasil, Tese de doutoramento em Antropologia Social, USP, São Paulo (mimeo)
- MITCHELL, J. Clyde  
 - 1987 - "A questão da quantificação na Antropologia Social" in. Feldman-Bianco, Bela (org.) A antropologia das sociedades contemporâneas, São Paulo, Global
- MORI, Koichi  
 - 1990 - "Imigrante e Nisei: história de vida de dois cientistas sociais de origem japonesa", Campinas, Unicamp (mimeo). Publicada em japonês pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros sob o título Imin to Nisei
- NAKADATE, Jooji  
 - 1988 - O Japão venceu os aliados na Segunda-Guerra Mundial? O movimento social "Shindô-Renmei" em São Paulo (1945-1949), São Paulo, PUC-SP (mimeo)
- NOGUEIRA, Arlinda  
 - 1973 - A imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908-1922), São Paulo, IEB-USP  
 - 1984 - A imigração japonesa na história contemporânea do Brasil, São Paulo, CENB/Masao Ohno
- OGBURN, William F. e NIMKOFF, Meyer F.  
 - 1980 - "Acomodação e Assimilação" in. Cardoso, Fernando H. e Ianni, Octávio (orgs.) Homem e Sociedade, Cia Editora Nacional, São Paulo
- POLLACK, Michel  
 - 1989 - "Memória, Esquecimento, Silêncio" in.: Estudos Históricos, vol. 2 n. 3, Rio de Janeiro, Vértice/Rev. dos Tribunais
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de  
 - 1991 - "Introdução - Relatos Oraís: do 'indizível' ao 'dizível'" in. Queiroz, Maria Isaura P. de, Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva, São Paulo, T. A. Queiroz  
 - 1991 - "Das técnicas", in. idem

REISCHAUER, Edwin

- 1990 - Japan: the story of a nation, Tokyo, Tuttle

RUBEN, Guillermo

- 1987 - O que é Nacionalidade São Paulo, Brasiliense
- 1988 - "Teoria da Identidade: Uma crítica" in. Anuário Antropológico/86 Brasília
- 1992 - "A teoria da identidade na Antropologia: um exercício de etnografia do pensamento moderno" in. Correa, Mariza e Laraia, Roque (orgs.) Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem Campinas, IFCH-Unicamp
- 1993 - "As identidades e nacionalidades latino-americanas no contexto transnacional" in. Zarur, George (org.) Identidades em América Latina, Washington, DEA - no prelo

SANT'ANNA do Carmo, José

- 1956 - A realidade japonesa no Brasil, (inédito)

SERRANO, Carlos M. Henriques

- 1988 - Angola, nasce uma nação: um estudo sobre a construção da identidade nacional, Tese de Doutorado em Ciências Sociais, USP (mimeo)

TORRES Filho, Ernani Teixeira

- 1991 - A Economia Política do Japão: reestruturação econômica e seus impactos sobre as relações nipo-brasileiras (1973-1990), Rio de Janeiro, Tese de Doutorado IEI/UFRJ

TURNER, Victor

- 1974 - O processo ritual, Petrópolis, Vozes

VALLADÃO, Haroldo

- 1980 - Direito Internacional Privado Rio de Janeiro, Freitas Bastos

VAN VELSEN,

- 1987 - "A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado" in. Feldman-Bianco, Bela (org.) A antropologia das sociedades contemporâneas, São Paulo, Global

VIEIRA, Francisca Isabel Schurig

- 1973 - O japonês na frente de expansão paulista, São Paulo, Pioneira/EDUSP

WOORTMAN, Klaas

- 1972 - "A antropologia no brasileira e os estudos de comunidade" in. Universitas, n. 11, jan-abr. de 1972, Salvador, pp 103-140

WILLEMS, Emílio

- 1980 - A aculturação dos alemães no Brasil, São Paulo, Cia. Editora Nacional

YAMOCHI, Yoshikazu

- 1992 - "Imigração japonesa: ontem e hoje - O exemplo dos Japoneses na comunidade nikkei de Uraf" in. Studies of Worldviews, Nara (Japan), Tenrikyo Overseas Mission Department

OBRAS DE HIROSHI SAITO CITADAS NESTE TRABALHO<sup>40</sup>

SAITO, Hiroshi

- 1956 - O Cooperativismo na região de Cotia: estudo de transplantação cultural, São Paulo, Ed. Sociologia e Política
  
- 1961 - Kuroshima: dekasequi to iju no shima (Kuroshima: uma ilha de emigração), Kobe, Kobe University
  
- 1961 - O japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação, São Paulo, Ed. Sociologia e Política
  
- 1965 - O Cooperativismo e a Comunidade, São Paulo, Ed. Sociologia e Política
  
- 1977 - A integração e participação de japoneses e descendentes na sociedade brasileira, São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros
  
- 1978 - Gaikokujin ni natta nihonjin (Os japoneses que se tornaram alienígenas), Tokyo, The Simul Press
  
- 1980 - A presença Japonesa no Brasil, São Paulo, T.A. Queiroz (organização do livro a partir do simpósio de mesmo nome, realizado em 12 e 13/10/78)
  
- 1983 - Denki Senichi Hachiya (Senichi Hachiya: Uma autobiografia), Tokyo, Nippon Shuppansha
  
- 1984 - Eurajiru to Nihonjin (O Brasil e os Japoneses), Tokyo, The Simul Press

---

<sup>40</sup> O roteiro completo das obras de Hiroshi Saito encontra-se em Anexo.

Em coautoria:

- SAITO, Hiroshi e WILLEMS, Emilio  
- 1947 - "Shindô-Renmei: um problema de aculturação"  
in. Sociologia, IX, 2 p. 133-154, São Paulo
- SAITO, Hiroshi e IZUMI, Seiichi  
- 1954 - Amazon: sono fudo to nihonjin (Amazônia: suas  
feições naturais e os japoneses), Tokyo, Kokin Shoin
- SAITO, Hiroshi e MULLER, Antonio Rubro  
- 1956 - Memórias do I Painel Nipo-Brasileiro, São  
Paulo, Escola de Sociologia e Política de São  
Paulo
- SMITH, Robert, CORNELL, John, SAITO, Hiroshi e MAEYAMA,  
Takashi  
- 1967 - The Japanese and their descendants in Brazil:  
an annotated bibliography, São Paulo, Centro de Estudos  
Japoneses
- SAITO, Hiroshi e MAEYAMA, Takashi (orgs.)  
- 1974 - Assimilação e Integração dos Japoneses no  
Brasil, Petrópolis, Vozes

ANEXO - I

O fenômeno de kassegui explicitou elementos constituidores da identidade dos *nikkei* que já poderiam ser encontrados na trajetória dos imigrantes, conforme demonstrado nesta dissertação. Um balanço do fenômeno é apresentado a seguir, a partir do ensaio a ser publicado em São Paulo em Perspectiva, Revista da Fundação SEADE, São Paulo, 1994.

O FENOMENO DEKASSEGUI:  
TRABALHADORES NIKKEI BRASILEIROS NO JAPAO ↔

Marco Luiz de Castro<sup>67</sup>

Em novembro de 1993, a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa organizou o simpósio "*O futuro da comunidade nikkei*" ↔. Muitas haviam sido as iniciativas do gênero, patrocinadas pelas mais diversas entidades nipo-brasileiras e brasileiras. Aquele encontro, contudo, trouxe como peculiaridade a urgência em se discutir a qualificação e as perspectivas que se abrem a esses japoneses e aos descendentes radicados no Brasil, tendo em vista suas potencialidades e as relações com a pátria de origem e com a de adoção de seus ancestrais.

---

<sup>66</sup> Reescrito a partir do ensaio a ser publicado na revista São Paulo em Perspectiva, São Paulo, Fundação SEADE, 1994.

<sup>67</sup> Agradeço a Reimei Yoshioka, do Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE), pelas sugestões e comentários a este artigo.

<sup>68</sup> O termo "nikkei" é usado neste artigo como sinônimo de "nipo-brasileiro", para indicar o japonês ou seu descendente radicado no exterior (em especial, no Brasil).

A emergência em se tratar diretamente esta questão baseia-se, em grande medida, na ida e no retorno de trabalhadores *nikkei* ao Japão. Trata-se do fenômeno conhecido como *dekassegui*, evento que traz à tona alguns aspectos fundamentais da vida dos imigrados japoneses em nosso País, redefinindo os rumos de sua história.

A finalidade deste artigo é apresentar as principais características e condições do movimento *dekassegui*, fornecendo subsídios para uma discussão das questões identitárias que o envolvem e sobre o futuro e implicações do fenômeno.

#### **Características do Fenômeno Dekassegui**

*Dekassegui* é uma palavra japonesa cujo primeiro sentido indica um "trabalho fora de casa". Sua aplicação, naquele país, referia-se inicialmente aos trabalhadores que periodicamente deixavam seus empregos nas regiões de origem para executar atividades em áreas mais desenvolvidas, com o

objetivo de complementar a renda. Eram, em sua maioria, indivíduos provenientes do norte ou nordeste do Japão que fugiam das difíceis condições de vida em suas regiões, sobretudo durante o rigoroso inverno que os penalizava, para procurarem melhores ganhos em locais como Tóquio e Osaka.

Recentemente, o termo ganhou novo sentido. Passou a designar também os trabalhadores de origem japonesa radicados no exterior (em países como o Brasil, Peru etc) que se dirigem ao Japão em busca de melhores salários, suprimindo a carência de mão-de-obra destinada, sobretudo, à realização de trabalhos menos qualificados neste país.

A evasão de trabalhadores *nikkei* brasileiros ao Japão já era verificada desde 1985, tipificada como um caso de migração voluntária, uma vez que não havia nenhum organismo social ou político que tenha dado início ao movimento. A partir de 1988, as representações diplomáticas japonesas começaram a registrar um aumento rápido e considerável no número de vistos concedidos <sup>67</sup>, indicando o

<sup>67</sup> O Consulado Geral de São Paulo, cujo volume de vistos corresponde a mais de 70% dos concedidos por todas as representações japonesas no Brasil, registrava, em 1987, a concessão de 5.842 vistos, contra 8.602 casos em 1988, 18.328 em 1989 e 48.189 em 1990. Em junho de 1990, a Lei de Controle da Imigração foi alterada, sendo introduzida a possibilidade de se pedir um visto de reentrada no Japão antes mesmo do *dekassegui* deixar o país. Com este dispositivo legal, o cônsul Takefumi Miyoshi (até recentemente o responsável pela chefia da Secção de Visto do Consulado em São Paulo) afirma que "o número de novos vistos diminuiu, mas o total de *dekassegui* continua praticamente inalterado". (em entrevista ao Diário Nippak em 03.12.93) Em 1991, esta representação japonesa registrava 61.500 concessões, em 1992, 41.828 e em 1993 (até setembro),

princípio de um fenômeno que ia paulatinamente mobilizando a colônia japonesa no Brasil, a imprensa e, embora ainda com pouca intensidade, as entidades públicas e privadas do Japão e do Brasil.

O início do movimento apresentava condições extremamente precárias para aquele ato migratório. As possibilidades de trabalho que surgiam para esses indivíduos no Japão eram, em sua ampla maioria, ilegais. Notava-se, por outro lado, a crescente atividade de intermediadores e agências de turismo, em geral despreparados para a inserção de nipo-brasileiros no mercado de trabalho japonês. Embora a partir de 1988 o crescente afluxo de *nikkeis* ao Japão provocasse mudanças no processo de emigração, dando origem a agências estruturadas de intermediação, cursos de japonês para os interessados em buscar novas perspectivas naquele país etc, persistia a insegurança nas relações de contato e na permanência em solo nipônico.

Este quadro de fragilidade foi determinante na ocorrência de inúmeros incidentes que vieram a pautar a imagem dos novos imigrados. A imprensa japonesa e, logo a seguir, a brasileira, tanto pelos agentes noticiosos da colônia, quanto pelos externos a ela - alguns de grande circulação no País - começaram a divulgar os eventos. Em nossa imprensa, vimos um painel impressionista composto por enganos, armadilhas, acidentes e escândalos, inclusive com o

envolvimento de nipo-brasileiros em delitos naquele país.

Se no Japão diversos atritos causavam uma imagem negativa dos novos imigrados, entre brasileiros e também no interior da colônia, até aquele momento, ser um *dekassegui* era motivo de vergonha. Diversos relatos de *dekassegui* mencionam a ida ao Japão escondidos da família e amigos que viam, então, aquela iniciativa como oportunista e reprovável. Entre outros motivos, observa-se que os trabalhos desempenhados pelos *dekassegui* eram conhecidos entre os japoneses como "3K": *Kitanai* (sujo), *Kiken* (perigoso) e *Kitsui* (penoso).

Este conjunto de dificuldades, contudo, não chegou a diminuir o incentivo à ida ao Japão por parte daqueles trabalhadores, fato que provocou o interesse de pesquisadores e a realização de alguns estudos por parte do governo japonês quanto à situação de trabalhadores estrangeiros no país e medidas que balizassem sua entrada e permanência em território nipônico.

Em dezembro de 1987, por exemplo, o Ministério do Trabalho japonês criava o *Study Group Regarding the Foreign Worker Issue* que, em março de 1988, elaborou um plano para o ingresso de trabalhadores estrangeiros que não substituíssem os japoneses. Porém, o mencionado relatório acrescentava que deveriam ser prudentes na aceitação de mão-de-obra estrangeira desqualificada, haja vista a experiência por que

havam passado outras nações desenvolvidas.<sup>7º</sup> O espírito deste documento já inspirava um certo distanciamento do governo japonês quanto a uma intervenção direta e organizadora do movimento. Postura, aliás, que ainda conserva, incorporando lenta evolução, mesmo depois da reforma na lei de imigração efetuada em 1990.

Em junho daquele ano, aprovou-se no parlamento nipônico uma alteração na Lei de Controle da Imigração que veio a redefinir a condições de ingresso e permanência dos *nikkei* no Japão, ampliando as possibilidades de se dedicarem ao trabalho naquele país. Todavia, é digno de menção específica o fato de que a reforma da lei não concedeu aos descendentes de japoneses a dupla nacionalidade, a exemplo do que ocorrera em outros países, como Itália e Espanha.

Paralelamente às novas possibilidades de ingresso como trabalhador no Japão, começaram a chegar as notícias de relativo sucesso na busca de um retorno financeiro tão almejado por aqueles imigrantes. A entrada de recursos obtidos com o trabalho no exterior passou a expressar-se na compra de imóveis no Brasil, possibilidade de abertura de pequenos negócios por parte de familiares dos *dekassegui* que permaneciam em nosso País e aumento do poder aquisitivo dos que, deste lado do mundo, compartilhavam os frutos do

<sup>7º</sup> Referenciado por Heitor Kato, Silvio Miyazaki e Alberto Sugo em "Mão-de-obra do Brasil para o Japão: aspectos econômicos e impactos nas empresas do fenômeno *dekassegui*" (in.: Revista de Administração de Empresas, 32(4):20-31, São Paulo, 1992)

empenho de seus entes mais próximos.

A imagem do *dekassegui*, então, começou a mudar. Embora continuassem frequentes as narrativas de adversidades de todo gênero na experiência daquela forma de contato com a sociedade japonesa, a ida com finalidade de trabalhar no Japão passou a ser desejada por uma ampla parcela dos nipo-brasileiros e até bem vista no interior da colônia. Aos motivos eminentemente financeiros passaram também a unir-se outros, como a possibilidade de conhecer a terra dos ancestrais, aprender novas técnicas de trabalho etc.

A partir desse período, que localizamos entre os anos de 1990 e 1991, a evasão de indivíduos da colônia assumiu tal proporção que tornou verdadeira a afirmação de que "não existe família *nikkei* no Brasil que não tenha pelo menos um membro *dekassegui*", tantas vezes repetidas pelos nipo-brasileiros.

Nos anos recentes, a palavra "recessão" foi incorporada ao vocabulário japonês, fazendo com que a entrada dos *dekassegui* sofresse um leve declínio. Mesmo assim, sua presença ainda é necessária à sociedade japonesa, conforme veremos adiante. Estima-se que, atualmente, 150.000 *nikkeis* de origem brasileira estejam trabalhando no Japão.

71

---

71 Não há dados oficiais ou recentes sobre o número e as atividades dos trabalhadores estrangeiros no Japão. Há algumas pesquisas em andamento, como a importante iniciativa

**Condições de trabalho dos dekassegui:  
um roteiro de dificuldades**

Em termos gerais, duas são as formas de ingresso do *dekassegui* no Japão, bem como duas foram as etapas que marcaram sua presença naquele país.

A aquisição do status de trabalhador em solo nipônico, por parte de um estrangeiro, pode se dar por contato direto com a empresa empregadora ou valendo-se de um intermediário (agenciador) que se apresenta como prestador de serviços. Esta segunda possibilidade, predominante desde o início do movimento, tem sido responsável pela ocorrência dos problemas que a imprensa fartamente noticia.

A atividade de intermediários para a contratação de mão-de-obra dita não qualificada é ilegal, salvo raras exceções concedidas mediante autorização do Ministério do Trabalho japonês. Este fato, contudo, não impediu que indivíduos e organizações se dedicassem à obtenção de lucro a partir do esforço de estrangeiros. Sua atividade consiste em oferecer trabalhadores a empresas com carência de pessoal, numa relação de trabalho semelhante à exercida patrocinada pela Toyota Foundation. Os dados utilizados neste artigo foram construídos a partir das estimativas realizadas por entidades de assistência aos trabalhadores nikkei.

pelas empreiteiras. Providenciando, assim, a colocação do candidato ao trabalho naquele país, os agenciadores asseguram seus ganhos por meio de uma série de artifícios que penalizam o trabalhador, tanto nos seus rendimentos, quanto nos benefícios a que tem direito e que garantem o exercício de suas funções.

As organizações intermediárias, entre outras irregularidades, chegam a subtrair parte dos salários dos *dekassegui* a título de comissões relativas a despesas com transporte, alojamento, alimentação etc. E não tomam as providências devidas para garantir acesso aos seguros de saúde e acidentes e, em alguns casos, retêm os documentos dos contratados como garantia de recebimento das comissões e prevenção contra fugas dos empregos. Procedimentos ilegais, conforme mencionado, mas que só podem ser coibidos mediante denúncia aos órgãos competentes (Ministério do Trabalho e/ou polícia, conforme o caso), o que dificilmente ocorre.

Estima-se que, mesmo atualmente, em torno de 60 a 70% dos *dekassegui* tenham seguido ao Japão pelas mãos de um intermediador - geralmente na forma de empresa constituída explicitamente para tal fim ou agência de turismo. A maioria dos trabalhadores encontra-se no setor secundário, trabalhando em pequenas e médias empresas em todo tipo de atividades e, nas de grande porte, usualmente na produção de veículos e de equipamentos eletro-eletrônicos. Uma segunda parcela exerce suas atividades no setor terciário, como

funcionários de hotéis, restaurantes, hospitais etc.

Numa primeira etapa de sua presença no Japão, os *dekassegui* eram, majoritariamente, trabalhadores ilegais até junho de 1990, quando da reforma da lei de imigração. Após essa data, beneficiados pela reforma na lei, obtiveram regularização de sua permanência no país <sup>72</sup>. Mesmo assim, a precariedade das condições de trabalho que os envolvia levou à criação de diversas entidades privadas e algumas públicas que, embora indiquem preocupação em reverter o quadro de descontrole da situação destes novos imigrados, ainda exercem atividades num âmbito muito restrito se comparado à dimensão que assumiu o movimento.

As recentes discussões sobre o movimento indicam uma certa lentidão por parte das autoridades japonesas e brasileiras em responder às necessidades criadas pelos *dekassegui*. Algumas iniciativas foram tomadas na tentativa de suprir essa falha. No Japão, verificou-se o surgimento do *Centro de Assistência de Emprego ao Nikkei*, organizado pelo próprio governo daquele país. No âmbito privado, entre outras, foram criadas, no Japão, a *Associação de Assistência*

---

<sup>72</sup> Aos nissei (filhos de imigrantes japoneses nascidos fora do Japão) abriu-se a possibilidade de permanência por até três anos no país, enquanto que aos sansei (netos) permitiu-se ficarem por até um ano em solo nipônico. Em ambos os casos, tornou-se também possível a obtenção de vistos de reentrada.

aos Nikkei no Exterior, o Comitê de Apoio aos Trabalhadores Latino-Americanos e o Hamamatsu Overseas Labourers Solidarity.<sup>73</sup> No Brasil, merecem destaque as atividades do Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE).

Estas iniciativas, embora exerçam atividades ainda restritas, têm dupla importância. Em primeiro lugar, pelo pioneirismo no tratamento dessas questões delicadas ao mesmo tempo em que apontam a necessidade de atitudes de caráter mais amplo, sobretudo pelos governos envolvidos. Em segundo lugar, pelo acompanhamento que realizam e pelo apoio a essa população que se desloca entre dois países num drama que gera consequências identitárias marcadamente importantes.

---

<sup>73</sup> O Hamamatsu Overseas Labourers Solidarity, embora seja uma entidade privada de âmbito local, tem sido muito atuante junto aos dekassegui, apresentando a intenção de se transformar num sindicato de trabalhadores estrangeiros no Japão.

### O dekassegui e a reformulação da identidade nikkei

As idas e os retornos dos *nikkei* à terra de seus ancestrais trouxeram à tona o caráter identitário de imigrantes e descendentes de imigrantes japoneses que se radicaram no Brasil, mas que não chegaram a ser perdidos de vista pela pátria de origem dos ancestrais.

O maior impacto do movimento dekassegui sobre o caráter identitário dos *nikkei*, entretanto, está na alteração de sua consciência quanto a um eventual "ser brasileiro" ou a um "ser japonês".

A pesquisa que temos empreendido quanto à identidade dos nipo-brasileiros indicava dois períodos marcantes na história recente deste contingente de indivíduos. Logo depois da Segunda Guerra Mundial, verificada a derrota militar do Japão e a vitória do Brasil, nosso País passa por um surto de desenvolvimento econômico, até os anos 70, que o tornou atrativo aos olhos de muitos imigrados e seus descendentes, entre eles, os *nikkei*. Sentir-se membro da sociedade brasileira era um desejo e até privilégio naquele período que registrava, inclusive, uma grande taxa de naturalizações em nosso País. A nacionalidade brasileira, então, era o foco identitário mais forte dos

*nikkei*, sendo a transnacionalidade japonesa muito reduzida.<sup>74</sup>

Mesmo na época da coincidência dos "milagres" japonês e brasileiro, a tendência de se valorizar o Brasil era marcante, embora também se começasse a valorizar o Japão emergente e as possibilidades de trabalho e ganhos que poderia proporcionar a indivíduos que já possuíam afinidade com a língua e cultura nipônicas, muitos dos quais já vinham se propondo a servir como ponte aos investimentos japoneses em nosso País.

Os anos 80 marcam um período de inversão daquele cenário, apresentando uma derrota econômica do Brasil e uma vitória do Japão. Os problemas econômicos brasileiros impulsionaram um renascer da identidade cultural nipônica e um reforço de sua transnacionalidade, o que veio ao encontro da necessidade e dos interesses japoneses, tanto na busca de mão-de-obra no exterior quanto na expectativa de reunir trabalhadores dóceis e com altas possibilidades de adaptação ao ritmo produtivo do Japão.

Observa-se, contudo, que diante das idas e

<sup>74</sup> As conceituações de nacionalidade e transnacionalidade baseiam-se nas reflexões de Jurgen Habermas, em *Identities Nacionales y Postnacionales* (Tecnos, Madrid, 1989) e Guillermo Ruben, em "As identidades e nacionalidades latino-americanas no contexto transnacional" (in. Zarur, George (org.) *Identities en América Latina*, OEA, Washington, 1993 - no prelo, que discutimos em "Entre o Japão e o Brasil: a trajetória do imigrante", (in.: *Estudos Japoneses*, Centro de Estudos Japoneses - USP, 1994 - no prelo)

retornos dos *nikkei* ao Japão e com o grande número de incidentes ocorridos, conforme mencionado, a expectativa de acolhimento naquele país como um de seus membros declinou, e os traços peculiares de niponidade que possuem passam a ser apreendidos pelos *nikkei* brasileiros como um conjunto de características distintivas em relação aos outros grupos que identificam no interior das sociedades brasileira e japonesa. Assim, se inicialmente os imigrados eram japoneses e, seus filhos, "brasileiros de origem japonesa", com o fenômeno *dekassegui* explicita-se um sentimento de "japonês do Brasil", um segmento localizado da sociedade brasileira com especificidades culturais, experiências coletivas e possibilidades jurídicas próprias, situados numa relação peculiar construída a partir de aproximações e distanciamentos do Brasil e do Japão.

## O impacto do fenômeno de kassegui e o futuro do movimento

Diante desse quadro, a colônia se pensa como um corpo que deve ser coeso, passando a discutir seriamente seu futuro enquanto comunidade. Sua história está decisivamente marcada pelo movimento de kassegui, tendo levado muitos estudiosos às mais diversas afirmações. Uma delas, a do Sr. José Yamashiro, expressa na coletânea organizada por ocasião dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, traz alguns aspectos dignos de referência e análise para que se busque uma compreensão do movimento e de seu futuro.

Afirma o autor: *"É impossível prever o fim do movimento de kassegui enquanto perdurar a inflação no Brasil" (...)* "... enquanto continuar a existir a diferença na situação econômica dos dois países, e vigorando a lei da oferta e da procura, será impossível que a corrente inversa da imigração continue sem parar (uma vez que a colônia é limitada). Prevê-se, isto sim, a possibilidade de concretização do fenômeno reverso da imigração, com radicação permanente de nikkeis no Japão." 75

São dois os aspectos desta afirmação que merecem

---

75 Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil, *Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa/Hucitec, São Paulo, 1992, pág. 455.

considerações suplementares. Em primeiro, o desnível econômico entre os dois países e a "lei da oferta e da procura", provocando uma corrente emigratória para o Japão. A segunda, a possibilidade de radicação permanente de *nikkeis* no Japão.

No plano econômico, o Japão vem se consolidando como potência mundial, mesmo num período em que se fala de recessão naquele país. As cifras de crescimento são apreciáveis enquanto persistem, mesmo que com leve declínio, as tendências de expansão da economia japonesa. A situação brasileira, por outro lado, indica um país à procura de suas vocações. Imerso numa crise que já se arrasta por anos, o Brasil presenciou a queda do poder aquisitivo e frustrou as perspectivas de ascensão econômica de parcela majoritária de sua população, incluídos aí, obviamente, os *nikkei*. Nesse sentido, enquanto a estrutura produtiva japonesa constantemente se moderniza, a brasileira luta contra a desagregação.

O sofisticado aparato produtivo japonês fez com que a população do país, beneficiada por eficientes redes de educação, acompanhasse seu progresso econômico. Em consequência, as aspirações do japonês médio tendem a ultrapassar as possibilidades de empregos que não exijam qualificação. Estes, fundamentalmente os "3K" já mencionados, foram relevados aos *dekassegui*.

A aspiração a melhores cargos e salários tem sido uma tendência claramente verificada no período de apogeu econômico do Japão. Todavia, nestes anos em que se fala frequentemente em recessão e crise japonesas, seria de se esperar um repúdio ao *dekassegui* e eventualmente seu retorno em massa para os lugares de origem, para não mais voltar. Esta assertiva, contudo, não pode ser verdadeira se considerarmos as características demográficas do Japão. Reparamos, nesse sentido, que a estabilidade populacional do país responde ao progresso econômico - que trouxe consigo melhores condições de vida, educação etc - com uma procura cada vez maior por trabalhos qualificados. Este fato nos leva a crer que a carência de mão-de-obra para serviços menos qualificados passou a ser crônica no Japão.

Mesmo que os indicadores econômicos apontem para um declínio, o perfil da economia japonesa indica esta tendência a permanecer necessitando de trabalhadores estrangeiros. Como exemplo, podemos mencionar que, mesmo se a recessão pela qual passa o país faz com que japoneses voltem a ocupar as linhas de montagem das fábricas de automóveis, diversas atividades - principalmente quando não implicam na possibilidade de fazer carreira - como tomar conta de velhos, coletar lixo, realizar a limpeza em imóveis etc continuarão, cronicamente, destinadas aos *dekassegui*.

Uma análise das características demográficas do Brasil e da colônia *nikkei*, por outro lado, indica uma

população jovem que procura e continuará procurando, nos próximos anos, trabalho para sua subsistência e manutenção da família. Inversamente ao verificado no caso nipônico, mesmo que os indicadores econômicos mostrem um desabrochar da economia brasileira, este crescimento não alcançaria os níveis necessários para reverter de imediato o processo e, provavelmente, não seria capaz de revertê-lo mesmo a curto ou médio prazo.

Nesse sentido, as perspectivas que se abrem quanto ao Japão e ao Brasil, ao menos nos próximos anos, é a de que o primeiro continue a importar trabalhadores para a realização de trabalhos menos qualificados, enquanto o segundo continue a exportar cidadãos com capacidade produtiva, principalmente jovens, embora não somente eles.

Quanto à possibilidade de ocorrer o fenômeno reverso da imigração, radicando-se os nikkei em território nipônico, deve-se ter em mente que tal fato só poderia ser verificado na prática, por meio de sucessivos vistos de reentrada. Até o momento, o governo japonês não manifestou qualquer desejo em ampliar o número de seus cidadãos. Tal fato já era indicado no relatório elaborado pelo *Study Group Regarding the Foreign Worker Issue*, em 1988, conforme mencionado, e foi ratificado pela reforma na legislação ocorrida em 1990.

As perspectivas que se abrem aos trabalhadores

nikkei brasileiros que se dirigem ao Japão, portanto, são a de continuar como estrangeiros familiarizados com a cultura japonesa que herdaram de seus ancestrais - motivo pelo qual lhes são concedidos os privilégios de trabalho naquele país - executando tarefas menos qualificadas em solo nipônico, na esperança de que assumam uma postura mais ativa e eficiente os governos japonês e brasileiro, ainda distanciados das reais implicações e percalços de todo este processo.

ANEXO - II

Nos últimos anos de sua vida, Hiroshi Saito pensava em cumprir os procedimentos necessários à realização de sua livre-docência. Por esse motivo, começou a reunir referências sobre suas atividades acadêmicas para que viessem a integrar seu memorial. Estas notas foram dispostas em diversos papéis que, reunidas e transcritas, constituem o Anexo II deste trabalho.

HIROSHI SAITO

1. DADOS PESSOAIS

Nome completo: Hiroshi Saito

Nascimento: 02.janeiro.1919

Local de Nascimento:

Uriuno, Miyazaki-shi, Miyazaki-ken (provincia), Japão

Documentos:

Cédula de Identidade: RG 719.876 modelo 19  
expedida em 18.12.73  
CIC : 004.027.618/04

Filiação: Torao Saito e Michie Saito

2. EDUCACAO SECUNDARIA2.1 CURSO PRIMARIO E GINASIAL

.1926 a 1932 - Escola Primária e Ginásial de  
Uriuno Miyazaki-ken Japão (interrompido no 2. ano  
ginásial)

## 2.2 CURSO MEDIO

.1933 a 1935 - Escola Agricola M'Boy, em São Paulo.

## 3. CURSO SUPERIOR

### 3.1 CURSO DE GRADUAÇÃO

1947-51 - Escola de Sociologia e Política de São Paulo

### 3.2 CURSO DE POS-GRADUAÇÃO

1954-56 - Mestre em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo

1960 - PhD (Economics) - Universidade de Kobe, Japão  
Titulo reconhecido pela Universidade de São Paulo  
segundo processo RUSP 1077/72

## 4. ESTAGIOS, BOLSAS E VIAGENS DE ESTUDOS

### 4.1 BOLSAS DE ESTUDOS E PESQUISA

1953-56 - Bolsista da CAPES (MEC) para ensino e pesquisa em Ciências Sociais

1958-59 - Bolsista individual de Viagem e Pesquisa no Japão da Fundação Rockefeller

1959 - Bolsista da CAPES para tese de Doutorado

1962 - Bolsista da OGA (União Panamericana) para pesquisa no Peru

1974-75 - Bolsista do "The Developing Economics" de Tóquio, como "visiting researcher"

1976 - Bolsista do Ministério de Relações Exteriores do Japão para proferir conferências no Japão

1977 - Bolsista do "The Japan Foundation" para participar no Seminário de Estudos Brasileiros da Universidade Nacional de Tsukuba, Japão

#### 4.2 VIAGENS DE ESTUDOS E PESQUISAS

1952-53 - Pesquisa sobre aculturação de japoneses no estado de São Paulo, Paraná e Amazonas

1953-54 - Pesquisa sobre o cooperativismo no estado de São Paulo

1954 - Pesquisa nos núcleos coloniais do estado de Mato Grosso, Bahia, São Paulo e Paraná (Patrocínio do INIC - Instituto Nacional de Imigração e Colonização)

1955 - Viagem de estudo à Bolívia e ao Peru - Pesquisa nos núcleos coloniais dos Territórios de Roraima, Amapá e estados do Pará e Amazonas

1955-56 - Pesquisa de uma comunidade de poloneses no Paraná

1957 - Viagem de estudos aos E.U.A. (Universidades de Columbia, Harvard, Boston, California at Berkeley, California at Los Angeles)

1957-59 - Pesquisa no Japão (a) comunidades rurais e (b) aculturação dos católicos japoneses

- 1961 - Viagem e pesquisa no Paraguai (2 meses) e Argentina
- 1962 - Pesquisa no Peru sobre a população de origem japonesa (3 meses)
- 1963 - Viagem ao Mexico (Participação como membro da delegação brasileira junto ao Congresso Mexicano de Reforma Agrária, realizado em Tepic, Nayarit, Mexico)
- 1966 - Participação em: Conference on the Highland Communities of Latin America, Cornell University, Ithaca, E.U.A. - (março)
- Viagem à Inglaterra e visita à London School of Economics - (maio)
- 1968 - Viagens ao Japão e participação como Membro Titular do VIII Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, Tóquio
- 1970 - Participação como "Foreign Fellow" no Congresso Americano de Antropologia (The AAA 69th Annual Meeting), San Diego, California (novembro)
- 1973 - Japão e E.U.A. - coleta de subsídios para elaboração do texto de Comunicação Rural
- 1974 - Paraná e Santa Catarina
- Panamá: Seminário sobre minorias étnicas
- 1975 - Oeste paulista - efeitos da geada sobre as comunidades rurais
- 1976 - Norte do Paraná - Comunicação Rural
- Recife e Salvador
- Manaus e Belém
- Regiões dos cerrados: Patos de Minas e São Gotardo, Minas Gerais

1976-77 - Assessoria à estruturação de um Centro de Estudos Latino-americanos - Universidade de Tsukuba, Japão

1978 - (janeiro) Universidade de Kyoto e Okinawa, Japão

- (dezembro) Instituições culturais e científicas do Japão

1979 - Paraguai: visita aos núcleos coloniais do Alto Paraná (Encarnación) e Iguazú

- Contato com instituições de ensino e pesquisa como assessor do professor Dr. Antônio Guimarães Ferri

- Peru: assessor para projeto de construção do Museu de Imigração japonesa, a pedido da embaixada do Japão em Lima

1980 - Japão: para firmar convênio ECA-USP e Universidade de Estudos Estrangeiros de Osaka

- Florianópolis e Blumenau (SC)

Curitiba (SC)

Mogi das Cruzes e Registro (SP)

Londrina (PR)

Blumenau e Joinville (SC)

1981 - Pirapora (MG) - Observação do programa de irrigação nas terras do cerrado - CDDEUASF

- Vitória (ES) - Mudanças no quadro urbanístico de comunicação

- Belém, Parinteno (PA), Manaus (AM)

- Japão - participante do Congresso Reunião de Estudos em Osaka

- Exame e análise de "joint study" equipe ECA-Osaka e contato com Universidade Sofia, Tóquio, Ministério da Educação

- Coréia do Sul - visita a museus em Seul

## 5. ATIVIDADES DOCENTES

### 5.1 EM CURSOS UNIVERSITARIOS DE GRADUAÇÃO

1952-1953

Assistente de Pesquisa do Professor Seiichi Izumi da Universidade de Tóquio, durante 6 meses, de setembro de 1952 a março de 1953. O projeto de pesquisa foi patrocinado pela UNESCO para estudo de aculturação de imigrantes japoneses no Brasil

1954-1956

Assistente de Pesquisa do Professor Donald Pierson, então decano da Divisão de Estudos Pós-Graduados na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

1957-1959

Professor Associado da Universidade de Kobe, onde organizou e dirigiu a cadeira de Estudos Latino-Americanos junto ao The Research Institute for Economics and Business Administration

1960-1970

Professor do Curso de Bacharelado e da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo nas cadeiras de:

- . Estudos de aculturação no Brasil
- . Sociedade e cultura dos povos asiáticos
- . Desorganização social
- . Comportamento coletivo
- . Ecologia humana

1961-1963

Professor do Instituto de Estudos Rurais (Convênio AID/Governo da União/ Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo)

1963-1964

Professor de Antropologia nos cursos de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica - Faculdade São Bento

1965

Professor de Antropologia no curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santo André, SP.

1966

Professor Associado - Dept. of Sociology, University of Florida (Gainesville), E.U.A.

1967-1969

Professor contratado da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco, SP.

1969-1983

Professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Departamento de Comunicação e Artes nas disciplinas:

- a. Fundamentos Sociológicos da Comunicação, 1974-1977
- b. Comunicação das Inovações,
- c. Comunicação Rural 1974 - ...
- d. Comunicação e Transferência de Tecnologia, 1969 - ...

## 5.2 EM COORDENAÇÃO DE CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

1973 - Problemas Brasileiros - Instituto de Geociências - USP

1974 - Cooperativas Agrícolas no Brasil - Instituto de Geociências - USP

1974 - 1. sem - Comunicação de Inovações - ECA/USP

1974 - 2. sem. - Pesquisa de Comunicação Rural - ECA/USP

1975 - Comunicação de Transferência de Tecnologia - ECA/USP

1976 - Desenvolvimento Agrário no Brasil - Fac. de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP

1976 - Comunicação e Desenvolvimento Rural no Brasil - ECA/USP

1977-80 - Comunicação das Inovações - ECA/USP

1978 - Comunicação e Associação - Em busca de uma teoria social da comunicação

1979-80 - Comunicação e Transferência de Tecnologia

## 6. PARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

### 6.1 ORIENTAÇÃO DE TESES DE MESTRADO

1976 - Prof. Maria Ester Fernandes (Depto. de Com. e Artes - ECA)

1977 - Prof. Wilson da Costa Bueno (Depto. de Com. e Artes - ECA)

1979 - Prof. Luzia Mitsue Yamashita (Depto. de Com. e Artes - ECA)

1979 - Prof. Sonia Bibe Luyten (Depto. de Com. e Artes - ECA)

1980 - Prof. José Norival Braga (Depto. de Com. e Artes - ECA)

1980 - Prof. Jair Borin (Depto. de Com. e Artes - ECA)

1980 - Prof. Walmir de Albuquerque Barbosa (Depto. de Com. e Artes - ECA)

1981 - Prof. Aloisio da França Rocha Filho (Depto. de Com. e Artes - ECA)

## 6.2 EM BANCAS EXAMINADORAS

### 6.2.1. TESES DE MESTRADO

1961 - Padre Aldemar Moreira na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

1962 - José Fábio Barbosa da Silva na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais

1963 - José Pastore na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais

1963 - Manoel Tosta Belinck na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais

1965 - Alfredo João Rabaçal na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais

1966 - Massanori Fukushima na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais

1967 - Takashi Maeyama na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais

1967 - Helena Londahl na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais

1969 - Luíza Erundina de Souza na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais

1973 - Profa. Miriam da Costa Hoss - Escola Pós-graduada da Fund. Esc. de Sociologia e Política de São Paulo

1973 - Prof. Adyr Aparecida Balestrieri Rodrigues - FFLCH USP

1975 - Prof. Galbas Milleo - Escola Pós-graduada da Fund. Esc. de Sociologia e Política de São Paulo

1976 - Prof. Yoshie Yamashita - FFLCH USP

1976 - Prof. Maria Esther Fernandes - Com. e Artes - ECA/USP

1977 - Prof. Wilson da Costa Bueno - Com. e Artes - ECA/USP

1977 - Prof. Luiz Augusto Milanesi - Com. e Artes - ECA/USP

1978 - Prof. Renato José Costa Pacheco - Escola Pós-graduada da Fund. Esc. de Sociologia e Política de São Paulo

1978 - Prof. Jan Koudella - ECA/USP

1978 - Prof. Carlos Machado Júnior - ECA/USP

1979 - Prof. Luzia M. Yamashita - Com. e Artes - ECA/USP

1979 - Prof. Sonia Bibe Luyten - Com. e Artes - ECA/USP

1979 - Prof. Ulisses Moraes - ECA/USP

1980 - Prof. José Norival Braga - Com. e Artes - ECA/USP

1980 - Prof. Jair Borin - Com. e Artes - ECA/USP

1980 - Prof. Walmir de Albuquerque Barbosa - Com. e Artes - ECA/USP

1980 - Prof. Takako Kondo - Depto. de Geografia - FFLCH/USP

1980 - Prof. Américo Fellegrino Filho - Depto. de Com. e Artes - ECA/USP

1981 - Prof. Kumagai Kasukuo - Depto. de Geografia Humana - FFLCH/USP

1981 - Prof. Ruth Yoko Tsukamoto - Depto. de Geografia Humana - FFLCH/USP

..(?)... - Aloísio da Franca Rocha Filho - ECA/USP -

1981 - Prof. Newton Avelino de Andrade - ECA/USP

1981 - Prof. Neide Keiko Nakamura - Escola Pós-graduada da Fund. Esc. de Sociologia e Política de São Paulo

1982 - Maureen Leni de Roque - ECA/USP

#### 6.2.2. TESES DE DOUTORAMENTO

1967 - Francisca Izabel Schurig Vieira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

1970 - Octacílio Dias na Faculdade Municipal de Economia e Administração de Osasco

1971 - Prof. Arlinda Rocha Nogueira - FFLCH - USP

1972 - Prof. Ruth Correia Leite Cardoso - FFLCH - USP

1973 - Prof. Nelly de Camargo - ECA - USP

1973 - Prof. Sarah Chucid de Viá - ECA - USP

1973 - Prof. Teiichi Suzuki - FFLCH - USP

1974 - Prof. Sumi Butsugan - UNESP - Presidente Prudente

1979 - Prof. Geraldo José de Paiva - Inst. de Psicologia

1970 - Octacilio Dias na Faculdade Municipal de Economia e Administração de Osasco

#### 6.2.3 TESES DE LIVRE DOCENCIA

1977 - Prof. Dr. Alfonso Trujillo Ferrari - PUC Campinas

1979 - Prof. Dra. Opevelina Rabello - Fac. Educação - UNICAMP

1967 - Prof. Antonio Delorenzo Neto na Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco

#### 6.2.4 EM OUTRAS BANCAS EXAMINADORAS OU COMISSÕES

1973 - Membro da Comissão Examinadora dos candidatos à bolsa Fullbright em Ciências Sociais na Associação Alumni - SP

1975 - Curso de Treinamento em Educação Sanitária e Com. Rural - organizado pela Coordenadoria Estadual de Combate à Febre Aftosa

## 7. PALESTRAS E CONFERENCIAS

1971 - "Problemas da Industrialização no Brasil e no Japão"  
- Auspic. da SUDAM - Belém PA

1971 - "Problemas da Industrialização no Brasil e no Japão"  
- prom. Associação Comercial de Manaus - Manaus AM

1972 - "Problemas da Comunicação Rural" - Encontro de  
Líderes Rurais - Presidente Prudente SP

1972 - Palestra no Curso Regional de Jovens Rurais da Alta  
Sorocabana - Paraguaçu Paulista, SP - prom. Secr. Ed. Cult.  
do Estado de São Paulo

1973 - "Problemas de Desenvolvimento Rural no Brasil" -  
Instituto de Geociências - USP SP

1973 - "Relações Étnicas no Brasil" - no "The School for  
Ethnic Studies" California Univ of S. Francisco, E.U.A.

1974 - "Centenário da Imigração Italiana no Espírito Santo"  
- Depto de História do Centro de Estudos Gerais - Univ.  
Federal do Espírito Santo

1975 - "Considerações em torno de investimentos japoneses no  
Brasil" - co-promoção Universidade de Kobe e Câmara de  
Comércio e Indústria de Kobe - Kobe, Japão

1975 - "O Brasil e suas novas perspectivas" - Centro de  
Estudos Nipo-Brasileiros - Univ. Sofia, Tóquio

1975 - "Integração dos Japoneses na Sociedade Brasileira" -  
Japan International Cooperation Agency (Jica) Tóquio

1975 - "Os Japoneses no Brasil" - auspic. da Japan Overseas  
Enterprises Association, Tóquio

1975 - "Coletividade Japonesa e os investimentos japoneses no Brasil" - Sociedade Latino-Americana - Associação Central Japão Brasil

1975 - "Padrões de Comunicação e Comportamento na Cultura Japonesa" - patr. Aliança Cultural Brasil-Japão, MASP, SP

1975 - "Transferência de Tecnologia e Cultura" - patroc. JETRO, SP

1975 - "Padrões de Comunicação e Comportamento na Cultura Japonesa" - aud. do IDESP, patrocínio Universidade Federal do Pará, Belém

1975 - "Comunicação Rural" - Curso de treinamento da CATI - Campinas - SP

1976 - "O comunicador rural e o aumento de produtividade agropecuária" - promoção ECA-USF e Serviço de Higiene Mental da Secretaria de Saúde do estado de São Paulo

1977 - "O Brasil, ontem e hoje" - Univ. Nacional de Tsukuba, Japão

1977 - "Desenvolvimento Rural no Brasil" - no "The Japanese Association of Agricultural Journalists", Tóquio

1977 - "A transferência de Tecnologia e a Comunicação" - na Câmara de Comércio e Indústria Japonesa no Brasil

1977 - "Os 70 anos da Imigração Japonesa no Brasil" - ausp. da Universidade Federal de Pernambuco e Círculo Diplomático do Brasil - Recife, PE

1978 - "Comportamento do Empresário Japonês no Brasil" - Associação Comercial de Fortaleza - co-patrocínio da JETRO, Fortaleza, CE

1978 - "Juventude Rural Brasileira de Amanhã" - promoção Cooperativa Agrícola de Cotia

1978 - "Personalidade do Nissei" - no Congresso Pastoral Nipo-Brasileiro de Missionários Católicos em Itapeverica da Serra, SP

1979 - "Empresários Japoneses e seus Problemas de Adaptação no Brasil" - Câmara de Comércio do Rio de Janeiro, RJ

1979 - "Alguns Aspectos da Cultura Japonesa" - na Casa de Cultura Japonesa - campus da USP, SP

1979 - "Os japoneses na Amazônia" - co-promoção com o governo do estado do Pará - Banco da Amazônia, no cinquentenário da imigração japonesa da Amazônia, PA

1980 - "Comportamento de empresários japoneses no Brasil" - sede JETRO - Tóquio

1980 - "A coletividade de origem japonesa no Brasil - o presente e a perspectiva" - Universidade de Sofia, Tóquio

1980 - "Estratégia de adaptação de empresários japoneses no Brasil" - auspiciada pela Secretaria de Comércio e Indústria de Santa Catarina, Florianópolis

1980 - "Comunicação e Problemas de Desenvolvimento Agrícola no Brasil" - patrocinada pela Prefeitura Municipal de Curitiba, SC

1980 - "Grupo Japonês no Brasil e suas Manifestações Culturais" - Instituto de Letras, UFRJ, RJ

1980 - "Comportamento do empresário japonês" - Câmara de Comércio e Indústria Japonesa no Brasil, SP

1980 - "Comunicação e Padrão de Comportamento dos Empresários Brasileiros e Japoneses" - patrocinada pela Jetro, INDI e apoio do governo do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

1981 - "A Aculturação Japonesa" - Museu da Casa Brasileira, promovida pela Secretaria de Cultura do estado de São Paulo, SP

1981 - "The Japanese affiliates in Brazil and their manpower training" - Sessão plenária do "The Asian Regional Conference on Industrial Relations" Tóquio, promoção Japan Institute of Labour e Japan Industrial Research Association, Tóquio

1981 - "Transfer and Transformation of Japanese Technology in Brazil with Special Reference to Rural Society and Agricultural Technology" - Univ. Nações Unidas e Institute of Developing Economics, Tóquio

#### 8. PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS E SEMINÁRIOS

1955 - II Reunião Brasileira de Antropologia - Habitação Rural dos Japoneses no Estado de São Paulo e Paraná, Bahia

1957 - como relator ao Third International Catholic Congress, Italy com "Japanese Immigrants in Brazil: its problems and trend"

1963 - Congresso Mexicano de Reforma Agrária, part. como membro da delegação brasileira, Tepic, México

1966 - Conference on the Highland Communities of Latin-America, Cornell University, Ithaca, USA

1968 - VIII Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, Tóquio

1970 - Congresso Mexicano de Antropologia (the AAA 69th Annual Meeting), San Diego, California, E.U.A

1971 - Como relator de uma comunicação sobre as Relações Étnicas no Brasil no Encontro Internacional

1973 - "Estudo Comparativo de Desenvolvimento Económico e Social no Brasil e no Japão", patrocínio do "International Development Center of Japan e IPE/FEA/USP

1975 - "Industrialização no Brasil" como "Visiting Research Fellow", promoc. "The Institute of Developing Economies", Tóquio

...(?)... - "Estudo Comparativo de Desenvolvimento Econômico e Social no Brasil e no Japão" (2. etapa), patroc. "The International Development Center of Japan" e IPE/FEA/USP

1973 - Como relator do Seminário de Estudos Brasileiros promovido pela Câmara de Comércio Japonesa e pelo Consulado Geral do Japão em São Paulo

1974 - Simpósio de História - Depto. de História da Univ. Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

1974 - Seminário sobre o "Fapel das Minorias Étnicas (Africanas e Asiáticas) na América Latina", Cidade do Panamá, Panamá

1975 - Transferência de Tecnologia no Setor Agrícola promovido pelo "the Institute of Developing Economies", Tóquio

1975 - Alternativas no Caminho da Integração dos Japoneses na Sociedade Brasileira - seminário promovido pelo "the Institute of Developing Economies", Tóquio

1976 - Forum de Debate Brasil-Japão iniciativa da JETRO (Japan External Trade Organization), São Paulo

1977 - Seminário de Estudos Brasileiros, Projeto de Estudos Latino Americanos, Univ. Nacional de Tsukuba, Japão

1977 - Relator e debatedor na IV Conferência Cultural Internacional de Fukuoka Comissão UNESCO, Fukuoka, Japão

1978 - Simpósio Setenta Anos de Imigração Japonesa no Brasil, Rolândia, PR

1978 - Relator no simpósio A Mobilidade Internacional do Povo Japonês, promoção Ministério de Relações Exteriores - JICA, Tóquio

1978 - Simpósio sobre os 70 anos da Imigração Japonesa - organizado pela Comissão de Relações Exteriores com a comunicação Aspectos Sociológicos da Integração dos Imigrantes Japoneses no Brasil Brasília

1978 - como coordenador/relator Simpósio Brasil-Japão organizado pelo "The Mainichi Newspaper", S Paulo

1978 - Seminário sobre o 70. aniversário da Imigração Japonesa promovido pela Fundação Museu Histórico Municipal de Presidente Prudente, SP, com a comunicação "O museu histórico da Imigração Japonesa de São Paulo"

1978 - Coordenador e Relator A presença Japonesa no Brasil, patroc. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, com colaboração do Consulado Geral do Japão em São Paulo

1979 - The Asian Regional Conference on Industrial Relations, como debatedor, patrocinado e organizado pelo The Japan Institute of Labour e Ministério do Trabalho do Japão, Tóquio

1979 - I Seminário Paranaense de Comunicação Rural - co-promoção da Univ. Estadual de Londrina, IAPAR, EMATER, PR

1979 - A Cultura Japonesa e a Comunidade Intercultural, no Simpósio de Preservação e Difusão da Cultura Japonesa, patroc. Associação dos Professores de Língua Japonesa, Aliança Cultural Brasil-Japão do Paraná e Universidade Estadual de Londrina, PR

1980 - Encontro Centro-Oeste "Nova Fronteira", audit. do palácio Itamaraty; patroc. Ministério do Interior e Organizações Globo com a comunicação Papel de Comunicação nos Projetos de Colonização, Brasília

1981 - Coordenador do Simpósio O ensino da língua japonesa, sua previsão e projeção São Paulo

1981 - II Seminário "A cultura japonesa e sua influência na atividade empresarial" com a comunicação: "Sobre os padrões de comportamento de empresários japoneses", Câmara de Comércio e Indústria Japonesa do Brasil, São Paulo

1981 - I Congresso Brasileiro de Imigração e Integração, patroc. Jornal do Imigrante e Prefeitura Municipal de São Paulo, São Paulo

1981 - Seminário Brasil-Japão dos anos 80 como moderador de debates, promoc. Gazeta Mercantil e The Nihon Keizai Shimbun, São Paulo

## 9. ATIVIDADES DE PESQUISA

1952-53 - Pesquisa sobre Aculturação de Japoneses nos Estados de São Paulo, Paraná, Pará e Amazonas

1953-54 - Pesquisas sobre o Cooperativismo no Estado de São Paulo

1954 - Pesquisa sobre os núcleos coloniais do estado de Mato Grosso, Bahia, São Paulo, e Paraná, patrocínio do INIC - Instituto Nacional de Imigração e Colonização

1955 - Pesquisa nos Núcleos Coloniais dos Territórios de Roraima, Amapá, Estados do Pará e Amazonas

1955-1956 - Pesquisa de uma comunidade de poloneses no Paraná

1957-59 - Comunidades Rurais  
Aculturação dos Católicos Japoneses, Japão

1961 - Aculturação de imigrantes japoneses no Paraguai

1962 - População de Origem Japonesa no Peru, para OEA (Organização dos Estados Americanos)

1971-74 - Problemas de desenvolvimento rural

1974 - Inovações e difusão de práticas agrícolas no estado de São Paulo

...(?)... - Comunicação das Inovações:

- a. Introdução de novas variedades
- b. Introdução e difusão d juta e pimenta do reino
- c. Transferência de tecnologia no setor agro-industrial
- d. Introdução à comunicação rural - uma abordagem sócio-cultural

1975 - Transferência de Tecnologia no Setor Agrícola

1976 - Comunicação Rural no Brasil com objetivo de preparar textos para estudiosos do assunto

1977-78 - Introdução à Comunicação Rural - coord. com participação dos orientandos do curso de pós-graduação da ECA-USP e Universidade de Osaka

1977-1980 - A adoção de novas práticas na agricultura paulista - caso dos imigrantes japoneses e seus descendentes

1978 - Comunicação e transferência de tecnologia: estratégia de adaptação dos empresários japoneses no Brasil

1978 - O espaço público ("open space") e a comunicação nas cidades brasileiras como membro do grupo de coordenação, constituído pelos professores da Escola de Comunicações e Artes-USP, Universidade de Kyoto e Faculdade de Arquitetura-USP

1978 - Ensino e Pesquisa no Campo da Sociologia da Comunicação, pesquisa conjunta com o professor Hiroshi Komai da Universidade Nacional de Tsukuba, Japão,

1980 - Estudo comparativo dos modos de vida e de sua mudança nas áreas de colonização estrangeira no sul do Brasil, em colaboração com os professores Atsuchi Ueda (Universidade de Osaka), professor Isao Kumakura (Universidade Nac. de Tsukuba), Yoshisuke Nakaoka (Universidade de Fukui), Professor Tooru Morioka (Universidade de Osaka), professor

Kunihiro Narumi (Universidade de Osaka) e professor Hiroshika Nakamaki (Museu Nacional de Etnologia de Osaka), financiada pelo Ministério de Educação do Japão

1980 - Estudos comparativos de valores estéticos e tradicionais nas cidades meridionais do Brasil - convênio ECA-USP e Univ. de Osaka

1981. Introdução e adoção de novas práticas e plantas cultivadas por imigrantes japoneses na agricultura brasileira

#### 10. ATIVIDADES TÉCNICAS, ADMINISTRATIVAS E CULTURAIS

1961-64 - Diretor da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

1972 - Presidente da Comissão Organizadora da I CECOR (Curso de Especialização em Comunicação Rural) em convênio ECA/USP e Ministério da Agricultura (de 11 de abril a 12 de maio de 1972)

1972-74 e 1974-75 - Membro de Conselho de Departamento do CCA da Escola de Comunicações e Artes da USP

1973 - Presidente da mesa de eleições do DA-ECA

1973-74 - Chefe Substituto do Departamento de Comunicação e Artes (de 15 de maio a 30 de junho de 1973; 10 de dezembro a 30 de dezembro de 1973; 23 de março a 30 de abril de 1974)

1976 - Membro titular da Comissão de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes, USP (de 13 de dezembro de 1972 a 10 de outubro de 1976)

1976-78 - Membro Suplente da Comissão de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP (de 24 de novembro de 1976 a 24 de novembro de 1978)

1976-80 - Coordenador Geral da Comissão Pró-construção do Museu de Imigração Japonesa (de janeiro de 1976 a 31 de julho de 1980 - São Paulo)

1977 - Assessor para Implantação do Centro de Estudos Latino-Americanos em Tsukuba, Japão, proc. RUSP 24 336/70 (D.O. 25 de fevereiro de 1977)

1977-80 - Presidente da Comissão para Redação da História dos 70 anos da Imigração Japonesa (março de 1977 - agosto de 1980 - São Paulo)

1978 - Membro da mesa receptora e apuradora das eleições dos representantes para o Conselho Universitário (23 de outubro de 1978)

1978-80 - Diretor honorário do Museu de Imigração Japonesa (de 18 de junho de 1978 a 31 de julho de 1980 - São Paulo)

.... Representante da Escola de Comunicações e Artes junto ao GTUSF do Projeto Rondon

..... Diretor Técnico do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (São Paulo)

..... Diretor da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (São Paulo)

..... Diretor da Aliança Cultural Brasil-Japão (São Paulo)

..... Titular do "The Japan Essayist Club", Tóquio, Japão

..... Titular do "The Japan Agricultural Journalists Association (Toquio)

..... Membro efetivo da Comissão Mista para o Acordo Cultural Brasil-Japão (Brasília)

..... Membro Fundador da Associação de Intercâmbio Japão-Brasil e Representante no Brasil

..... Membro titular da Associação Brasileira de Antropologia

..... Membro titular da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural

..... Membro titular da American Rural Sociological Society

..... Membro titular da Japanese Society of Ethnology

..... Membro titular da International Association for Mass Communication Research

..... Membro titular da American Anthropological Association (Foreign Fellow)

## HIROSHI SAITO - BIBLIOGRAFIA

1- LIVROS:

1954 - Amazon: Sono Fudo to Niponjin (The Amazon: Its Natural Features and the Japanese) (with Seiichi Izumi) Tokyo, Kokin Shoin. (319 p.)

1956 - O Cooperativismo na Região de Cotia: Estudo de transplantação cultural São Paulo, Editora Sociologia e Política, (154 p.)

1960 - Brasil no Niponjin (The Japanese in Brasil) Tokyo, Maruzen Publ. (326 p.)

1961 - Kumiai to Chiki Shakai (The Cooperative Society and its Community) São Paulo, Cooperativa Agrícola de Cotia (38 p.)

1961 - Kuroshima: Dekasegui to Iju no Shima (Kuroshima: An Island of Emigration) Kobe, Kobe University (182 p.)

1961 - O Japonês no Brasil São Paulo, Editora Sociologia e Política (238 p.)

1963 - Contenda: Assimilação de Poloneses no Paraná São Paulo, Editora de Sociologia e Política (85 p.)

1965 - O cooperativismo e a comunidade São Paulo, Editora Sociologia e Política (205 p.)

1966 - Beikoku Shuyo Daigaku ni Okeru latin America Kenkyu (Latin America Studies in Some Universities of the United States) Tokyo, Latin America Kyokai (38 p.)

1967 - The Japanese and their descendants in Brazil: an annotated bibliography (with Robert J. Smith, John B. Cornell and Takashi Maeyama) São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (188 p.)

- 1969 - Vargas Iqô: Brazil no Seiji to Shakai (Após Vargas: Política e Sociedade no Brasil) Tokyo, Latin America Kyokai (205 p.)
- 1972 - O Brasil Rural e o Brasil Urbano São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (Mimeo) (17 p.)
- 1974 - Atarashii Brazil (O Novo Brasil) Tokyo: The Simul Press (266 p.)
- 1974 - Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil (co-autor: Takashi Maeyama) Petrópolis e São Paulo, Editora Vozes (558 p.)
- 1975 - Brazil ni Kurasu (Viver no Brasil) Tokyo, The Simul Press (222 p.)
- 1976 - Brazil ni Seiji (Política no Brasil) Tokyo, The Simul Press (222 p.)
- 1977 - A Integração e a Participação de Japoneses e Descendentes na Sociedade Brasileira São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros Série A, n. 1 (25 p.)
- 1978 - Brazil Shakai to Nipon (A Sociedade Brasileira e o Japão) Tokyo, The Trust for International Studies of Japan, n. 46 (157 p.)
- 1978 - Gaikokujin ni natta Nipponjin (Os japoneses que se tornaram alienígenas) Tokyo, The Simul Press (229 p.) (Prêmio Nihon Essayist Club: The Best Essay '79)
- 1978 - Latin America Gendai-shi I (História Contemporânea da América Latina I) com Fumio Nakagawa: The Modern History of the World 33, Tokyo, Yamakawa Publ. Co. (329 p.)
- 1980 - A Presença Japonesa no Brasil (Org.) São Paulo, Editora T. A. Queiroz/Edusp (243 p.)

1980 - Brasil Nippon Imin 70 nen Shi 1808-1978 (sup.)  
(História dos 70 anos da Imigração Japonesa no Brasil 1908-  
1978) São Paulo, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa  
(321 p.)

1983 - Denki Senichi Hachiya (Senichi Hachiya: uma  
autobiografia) Tokyo, Nippon Shuppansha (593 p.)

1984 - Atarashii Brasil (O Brasil Novo) (Ed. Rev. e Ampl.)  
Tokyo, The Simul Press (294 p.)

1984 - Brazil to Nipponjin (O Brasil e os Japoneses) Tokyo,  
The Simul Press (296 p.)

2 - ARTIGOS E CAPITULOS DE LIVROS

- 1947 - "Shindo Renmei: um problema de aculturação" (com Emilio Willems) Sociologia, São Paulo, IX, 2p. 133-154
- 1953 - "Introductions as to Cultural Anthropology and Sociology in Brazil" The Japanese Journal of Ethnology Tokyo, 17, 3-4 p. 94-100
- 1953 - "Brazil ni okeru jinruigaku oyobi shakaigaku " Mizokigaku kenkyu, 17(3-4) p. 296-301
- 1953 - "Pesquisa sobre a aculturação de japoneses no Brasil" Sociologia São Paulo XV, 4 p. 195-209
- 1953 - "Suicídio entre os imigrantes japoneses e seus descendentes no Estado de São Paulo", Sociologia, São Paulo, XV, 3 p. 109-130
- 1953 - "Sociological researches of the Japanese Immigrants in Brazil" The Japanese Sociological Review III, 2. p. 78-82
- 1954 - "Brazil" in Sekai Bunka Chiri Taikei (The World Cultural Geography) vol 24 Tokyo, Hibonsha p 248-272
- 1954 - "Nippon-Imin wo meguru Yoron no Sui" (Changes in public opinion concerning Japanese immigrants) Brasil no Iminmondai, ed. by Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, São Paulo, p. 38-63
- 1956 - "Minami Bahia no Cacao-chitai" (The cacao zone of southern Bahia) in Nordeste no fudo to shakai ed. by Centro de Estudos Nipo-brasileiros, São Paulo, p. 121-138
- 1956 - "Mobilidade e assimilação dos imigrantes japoneses" Memórias do Primeiro Painel Nipo-brasileiro São Paulo, Escola de Sociologia e Política p 28-35
- 1957 - "Sengo Imin no Teichaku to Dōka" (Settlements and assimilation of Post-war Japanese immigrants) in Seiichi Izumi ed., Imin Tokyo, Kokin Shoin p 587-655

1957 - "Ryudo Hôjin Ijusha: Para-shu Monte Alegre Shokuminchi" (Spacial Mobility among Japanese Immigrants: the colony of Monte Alegre in the State of Pará) in Fumio Tada (editor), Amazon no shizen to shakai, Tokyo, University of Tokyo Press p 165-224

1957 - "Amazon Hankyo no Ijusha" (Immigrants in the unopened area of the Amazon basin) in Fumio Tada (editor), Amazon no shizen to shakai, Tokyo, University of Tokyo Press p 165-224

1957 - "Habitação rural dos japoneses nos estados de São Paulo e Paraná" Anais da II reunião brasileira de Antropologia Bahia, p 327-342

1957 - "Japanese immigrants in Brazil: Its problems and trends" Report presented at the Third International Catholic Migration Congress, Assisi, Italy

1957 - "Amazon henkyô no ijusha" (Imigrantes no interior da Amazônia: Núcleo Taião no território do Rio Branco) in Amazon no shizen to shakai, Tokyo, University of Tokyo Press p 121-164

1957 - "Sengoimin no teichaku to dôka Dourados oyobi Una shokuminchi no jirei" in Imin, Tokyo, Kokin Shoin p. 591-665

1958 - "Ijusha no boson" (Emmigrants Home Village), International Economic Review, Annual Report VIII Kobe University, p 55-100

1958 - "Ijusha no Tekyo-katei ni okeru Sho-mondai" (Problems of adaptation among immigrant groups) Kokusai Iju Tokyo, n. 1 p 34-39

1958 - "A assimilação do Imigrante Japonês no Brasil" Kobe Economic & Business Review Kobe University, n. 5 p. 81-101

1958 - "Tipos e formas de emigração e processos de seleção" Observador Econômico e Financeiro Rio de Janeiro, p 28-33

1958 - "A emigração e os problemas de população no Japão" Observador Econômico e Financeiro Rio de Janeiro, p 14-23

1958 - "Estudos sobre o Brasil e a America Latina e o Japão"  
Sociologia São Paulo, XX,2 p 222-232

1958 - "Alguns aspectos da adaptação de imigrantes japoneses no Brasil" Sociologia São Paulo, XX,4 p 451-462

1959 - "Portugal shokuminchi" (The colonization of Portuguese America) e "Atashii shakai" (A new society emerged) in Sekaishi Bunkashi Taikei. Tokyo, Kodokawa Shoten p.248-272

1959 - "Shakai kaisō to Jinshu kankei" (Social Strata and Race Relations) Kokumin Keizai Zasshi, Kobe University n. 100 p 3

1959 - "Ijusha to Kyodo Kumiai" (Immigrants and Cooperatives) International Economic Review Annual Report IX Kobe University p 109-147

1959 - "Hōjin Ijusha Kazoku no Keishiki Kōsei to Kadōryoku" (The artificial composed family among Japanese Immigrants and its earning power) Kokumin Keizai Zasshi, Kobe University n. 100 p 533-548

1959 - "Alguns aspectos da mobilidade de japoneses no Brasil" in Kobe Economic & Business Review Kobe University, n. 6 p.49-59

1960 - "Shudan Nyushoku to Bunsan Nyushoku to Bunsan Nyushoku no Mondaiten" (Problems of concentrated and dispersed immigrants settlements) in Gingiro Shibata (editor) Nambe no Keizai to Imin, Kobe, Kobe University, p 191-208

1960 - "Mobilidade de Ocupação e de status de um grupo de imigrantes" Sociologia São Paulo, XXII, 3 p 241-253

1960 - "Familia do imigrante japonês para o Brasil" Sociologia São Paulo, XXII,1 p 12-28

1960 - "Some aspects of the spatial mobility of Japanese immigrants in Brazil" International Economic Review Annual Report IX Kobe University, Annual Report X p 195-247

- 1961 - "Latin America no Shakai Minzoku Shuraku " Shinsekai Chiri Tokyo, Asakura Shoten, p 183-210
- 1961 - "Ijusha Shakai no Sho-shudan" (Somme kinds of groups in Immigrants Society) Kokusai iju Tokyo, 2 p 14-20
- 1962 - "Brazil seikai saikin no doko" Latin America kenkyu,1 p 1-16
- 1963 - "Peru Zaiju Nikkeijin no Jinko to Kazoku" (Japanese Immigrants in Peru: population and family) Latin America kenkyu,2 p 1-25
- 1963 - "A aculturação de japoneses no Brasil e no Peru" Revista do Museu Paulista n. 14 p 269-276
- 1963 - "Gaikoku imin no eikyō" in Minami Rio Grande no Shakai no Sangyō São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros p 45-65
- 1964 - "Cooperativa Agrícola de Cotia do Brasil" Las Cooperativas como metodo de desarrollo de regiones y comunidades Wasington DC, Pan American Union p 45-86
- 1964 - "Brazil no Nationalism" Latin America Kenkyu n. 4 Tokyo p 1-29
- 1965 - "Brazil no okeru gaikoku imin no kenkyu" Latin America Kenkyu n. 6 Tokyo p 41-71
- 1966 - "Brazil shakai to shusse shugi" in Kenkyu report São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros,1 p 93-99
- 1966 - "Baikoku shuyo daigaku ni okeru Latin America Kenkyu" Latin America Kyokai 63 p 1-31
- 1967 - "Japoneses e seus descendentes no Brasil" Livro do Ano Barsa, 1967 Rio de Janeiro, Enciclopédia Britannica Editores, p. 103-110

1968 - "O japonês no estado de São Paulo" in São Paulo, Espírito, Povo e Instituições J.V. Freitas Marcondes e O. Pimentel (Org.) São Paulo, Pioneira p 93-105

1969 - "Brazil no Nikkei Colonia" in Brazil Iju 60-nen Tokyo, Sociedad Latino Americana p 14-19

1970 - "Kachigumi-a collective delusion among the Japanese and their descendants in Brazil" Canadian Psychiatric Association Journal 15 (2) p 167-175

1970 - "Subsídios para o estudo dos hábitos alimentares em São Paulo" Ciências Econômicas e Sociais 5 (1 e 2) p 95-102

1970 - "Situação do ensino primário em Osasco" Ciências Econômicas e Sociais 5 (1 e 2) p 141-146

1971 - "Brazil no toshi to nosson" Kenkyu Report São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros 5 p 3-19

1971 - "Ensaio de um pesquisa de "força de trabalho" no município de Osasco" Ciências Econômicas e Sociais 6 (1) p 31-36

1972 - "A sociedade japonesa e seu caminho de industrialização" Ciências Econômicas e Sociais 7 (1) p 75-82

1973 - "Prodoeste kaihatsu keikaku tokuni dōro mono seibi ni tsuite" Kenkyu Report São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros 6 p 103-107

1973 - "Chi-ili kaihatsu to indio" Kenkyu Report São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros 6 p 118-128

1974 - "Minami America no Shakai-Gaku" (Sociologia na América do Sul) Shakai-gaku Koza: Rekishi to Kadai Tokyo, University of Tokyo Press(18) p 183-202

1974 - "Brazil no nogyo Kaihatsu to nosson" (Desenvolvimento Agrícola e Comunidades Rurais no Brasil) Brazil Keizai Kaihatsu Chosa Tokyo: OATC p 341-358

- 1974 - "Papel do grupo japonês no desenvolvimento sócio-econômico do Brasil" Seminário sobre as minorias étnicas (africanas e asiáticas) na América Latina
- 1975 - "Cotia Seinen no 20-nen", Revista da Associação de Cotia Seinen, São Paulo, p 18-22
- 1975 - "Kyoiku to Shakai Mendô" (Educação e Mobilidade Social no Brasil) in M. Yamada (ed) Gendai Brazil no Shakai Mendô Tokyo, Institute of Developing Economies p 49-72
- 1975 - "Brazil ni okeru Nippon no shinshutsu kigyô" (As empresas japonesas no Brasil) in Kobe Shoko Dayori, Kobe Chamber of Commerce and Industry, 2 p 12-14
- 1976 - "Comportamento e estratégias dos empresários japoneses" Tendência p 70-72
- 1976 - "Ju-zoku kara yoko no kyo-cho kankei-e" (Da dependência para a relação de Cooperação) Chidyo p 169-174
- 1976 - "Brazil saikin no shakai mondai" (Alguns problemas sociais no Brasil) Latin America Jiho 26 p 27-33
- 1976 - "Brazil no okeru nipponjin no doka ni tsuite" (Assimilação de japoneses e descendentes no Brasil) Iju Kenkyu 12 p 15-20
- 1976 - "The integration and participation of the Japanese and their descendants in Brazilian Society" International Migration (ICEM) 14 (3) p 183-199
- 1977 - "Brazil no nikkeijin: tokuni shakai-e no teki wo nitsuite" (Japoneses e descendentes no Brasil: à margem de sua adaptação social) Fukuoka UNESCO (12) p 20-22
- 1977 - "Brazil-jin no kishitsu" (O brasileiro e seu caráter) Minzoku Bunka 12(4) p 48-53
- 1977 - "Nikkeijin to Brazil nogyo" (Os imigrantes japoneses na agricultura brasileira) XXI-seiki no Shokuryo Kichi Brazil 42 p 34-47

1978 - "Imin shiryō-kan no imi wo kangaeru" (Analisando o Museu da Imigração) Kenkyu Report São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros 7 p 84-93

1978 - "With Seiichi Izumi: "Amazon no nikkei tati" in Gendai no Esprit: Imin 136 p 87-97

1978 - Et al. "Brazil to Nippon: Tsukuba Daigaku Brazil Seminar Hokoku-sho" p 3-88

1978 - "Sengo no Nippon: Kokusai Symposium" Tokyo, Kodansha, p 137-140

1978 - "Nipponjin to Braziljin tokuni Brazil shakai ni okeru teki wo megutte" (O japonês e o brasileiro: problemas de adaptação do japonês no Brasil) in. Brazil nyu-mon Seminar São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, p 88-94

1978 - "Test sareru nippon no kokusai-sei" (Prova de Internacionalização do Japão) in Simpósio sobre Intercâmbio nipo-brasileiro Tokyo, The Mainichi Newspapers Inc. p 207-212

1979 - "Brazil iju no iji to shorai" (O significado da Imigração japonesa no Brasil e suas perspectivas) in Symposium: Kaigai Iju no Iji wo motomete - Brazil 70-nen kinen Tokyo, Ministry of Foreign Affairs and JICA p 77-86

1979 - "Nipponjin to kokusai communication: Brazil no baai" in. Toward more effective and improved international communication Tokyo, Japan Overseas Enterprises Association p 187-194

1979 - "Doka mondai no kangae kata" Brazil no Nikkeijin Tokyo Comissão Comemorativa do 70. aniversário da Imigração Japonesa no Brasil, Agricultural University of Tokyo p 19-23

1980 - "Amazon no nikkeijin" (Os nipo-brasileiros na Amazônia) Kenkyu Report São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (8) p 1-15

1980 - "Brazil no nikkeijin: sono gengo to tenbo" (Os japoneses e descendentes no Brasil: visão do presente e as perspectivas) Ibero-América Kenkyu 2(2) p 10-21

1980 - "Latin America ni okeru shakai hendo" (A mudança social na América Latina) Gendai Shakai Ron Tokyo, Nippon Hyoron-sha p 97-118

1980 - "Shin tairiku no nikkei hakubutsukan" (Museu de Imigração Japonesa no Novo Mundo) Minpaku, 30 p 2-7

1981 - "Relação entre a cultura e os padrões de tecnologia de um lado, e a ciência e tecnologia de outro" A cultura japonesa e sua influência na atividade empresarial São Paulo, Câmara de Comércio e Indústria Japonesa no Brasil p 14-23 (mimeo)

1981 - "Shin tairiku no nikkei hakubutsukan" Umesao Tadao (ed) Habutsu-kan to Bidjutsu-kan Tokyo, Chuo-Koron p 215-234